

AVENTURAS NA HISTÓRIA

PARA VIAJAR NO TEMPO

EDIÇÃO 70 MAIO 2009

RS 10,95



Escravidão

Uma impressionante viagem pelo cotidiano do negro brasileiro antes e depois da Lei Áurea

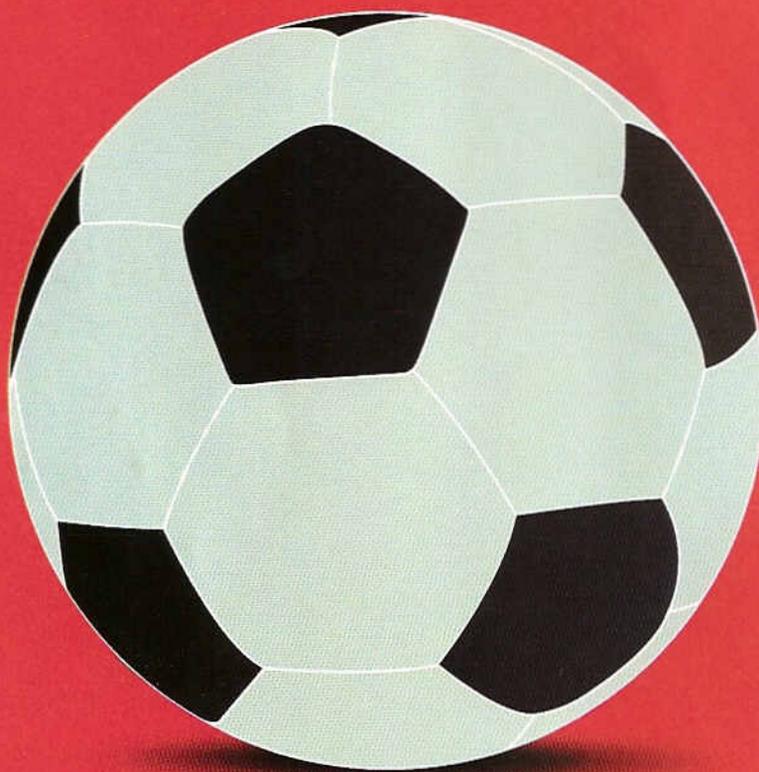


Laurentino Gomes revela a conspiração para fazer de Napoleão imperador do Brasil

A lista de Aristides: o português que salvou 10 mil judeus na Segunda Guerra

Um incrível mergulho nas Termas de Trajano, a casa de banho romana

Para quem ganha o jogo, a consagração.

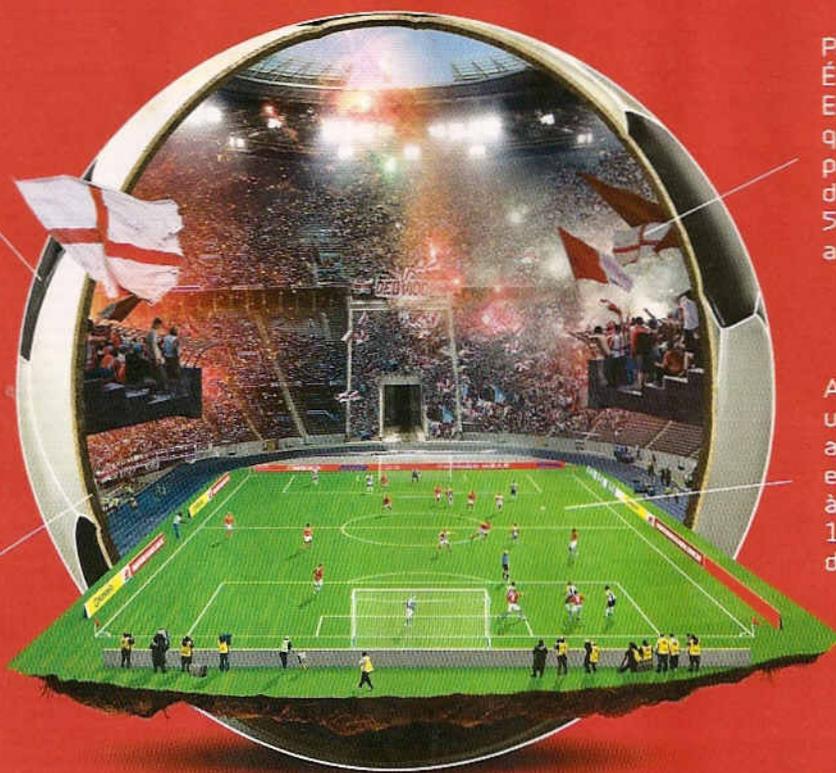


Para quem perde, juiz ladrão.

Para quem lê a Super.

Até os anos 70, o design da bola tinha gomos de duas cores, para dar mais visibilidade nas TVs em preto-e-branco.

O Paquistão é o maior produtor de bolas do mundo. Lá, elas são fabricadas a mão por 0,75 dólar. Na Europa, são vendidas por até 125 dólares.



Pais do futebol? É a Inglaterra. Eles são tão fanáticos que a média de público na segunda divisão inglesa é 50% maior que a do Brasileirão.

A pancada de uma bola chutada a 120 km/h é equivalente à de um tijolo de 1 quilo caindo do oitavo andar.



enxergue super

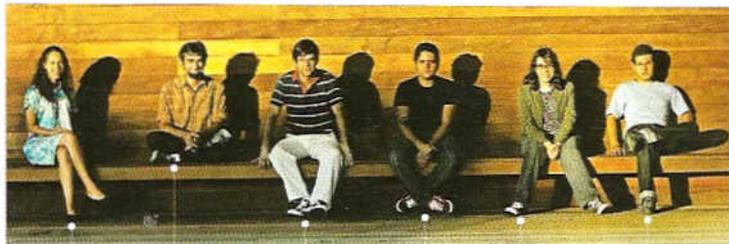
O maior site da História

Caro leitor,

Esta edição é a de número 70 de HISTÓRIA, o primeiro título do segmento a ser lançado no mercado brasileiro. Há alguns meses estamos trabalhando num projeto finalizado justamente agora e que se trata de um apresentação para você, nosso leitor. É o novo site da revista, com todo o conteúdo destes seis anos. Quem explicará como www.aventurasnahistoria.com.br funciona é Rafael Kenski, o jornalista responsável pela obra. Diga lá, Rafa:

O site de HISTÓRIA já nasce como a melhor fonte de textos confiáveis, divertidos e curiosos da internet. São mais de 2900 matérias dos quase seis anos da revista, disponíveis na íntegra. Para ajudá-lo a viajar por todas as épocas da História, criamos outra ferramenta, o Supermundo (www.supermundo.com.br), que interliga esse arquivo com o das revistas Mundo Estranho e Superinteressante. Com uma só busca, você recebe matérias, infográficos, perguntas e respostas capazes de resolver qualquer questão.

A TURMA DO SITE



Fabi, designer | Fred, editor-assistente | Rafa, editor | Bruno, designer | Cláudia, estagiária | Danilo, webmaster

Grandes Guerras, em parceria com a editora Panda, acaba de lançar o livro *A minha Segunda Guerra*, de João Barone, colunista da revista e baterista do Paralamas. Saiba mais detalhes na página 60.

Boa leitura!

Patrícia.

Patrícia Phargreaves

phargreaves@abril.com.br



HITLER X STÁLIN

Soldados alemães e russos contam o que viveram

Se você acha que já sabe tudo sobre a mais sangrenta batalha da Segunda Guerra, vai ter que rever seu conceito. HISTÓRIA acaba de levar às bancas o DVD *Stalingrado*, uma produção da Alemanha que concorreu ao Emmy (o maior prêmio da televisão mundial). São 2h36min de filmes, com depoimentos de soldados alemães e russos sobreviventes da mais sangrenta batalha da Segunda Guerra Mundial, que matou ao menos 1 milhão de oficiais.



EDITORA  **Abril**

Fundador: VICTOR CIVITA (1907-1990)

Editor: Roberto Civita

Presidente Executivo: Jairo Mendes Leal

Conselho Editorial: Roberto Civita (Presidente), Thomaz Souto Corrêa (Vice-Presidente), Giancarlo Civita, Jairo Mendes Leal, José Roberto Guzzo

Diretor de Assinaturas: Fernando Costa
 Diretora de Mídia Digital: Fabiana Zanni
 Diretor de Planejamento e Controle: Auro Luís de Jasi
 Diretora Geral de Publicidade: Thais Chede Soares
 Diretor Geral de Publicidade Adjunto: Rogério Gabriel Comprido
 Diretor de RH e Administração: Dimas Mietto
 Diretor de Serviços Editoriais: Alfredo Ogawa

Diretora Superintendente: Helena Bagnoli
 Diretora de Núcleo: Brenda Fucuta

HISTÓRIA

Redatora-chefe: Patrícia Phargreaves

Editora de Arte: Débora Biscchi

Editores de Texto: Tiago Cortêdo e Verônica Couto

Designers: Fábio Otubo e Michele Kanashiro Coordenadora Administrativa: Giselda Giala

Atendimento ao leitor: Adriana Meneghelli Estagiária: William Kimura

CTI: Álvaro Zeni (supervisor), Enika Nakamura, Edvânia Silva, Iuzerz Macêdo, Leonardo

Marcinari, Zeza França, Leo Ferreira, Rodrigo Lemes, Regina Sano e Vanessa Dalberto

INTERNET NÚCLEO JOVEM Editor: Rafael Koski Editor-assistente: Frederico Di Giacomo

DESIGNER: Fabiana Zambón e Bruno Xavier Webmaster: Danilo Berto Estagiária: Cláudia Fucuta

Colaboraram nesta edição: José Vicente Bernardo (revisão), Julia Prióli (edição de texto) e Teresa Detinardi (design)

www.aventurasnahistoria.com.br

SERVIÇOS EDITORIAIS Apoio Editorial: Carlos Grassotti (Arte), Luiz Iria (Estagiária)

Apoio Técnico e Difusão: Rita Mendes Dedoc e Abril Press: Grace de Souza

Treinamento Editorial: Edward Pimenta

PUBLICIDADE CENTRALIZADA Diretores: Marcus Porcunha, Grinnet, Marilise Otta, Rubson Monte, Sandra Sampaio Executivos de Negócios: Alessandra D'Amara, Ana Paula Moreno, Caio Souza, Cláudia Galvão, Cláudia Gomes, Cristiane Tassoulos, Eliam Prado, Marcello Almeida, Heraldo Ficare, Nêta, Marcos Vinícius, Nêta Barros, Pedro Bonaldi, Regina Maurano, Tati Mendes, Virginia Aze, Wilian Hagepin PUBLICIDADE REGIONAL Diretor: Jacques B. Ricardo PUBLICIDADE RIO DE JANEIRO Diretor: Paulo Roberto Strives e Renato Stangalini O. R. P. Diretores: Gerente: Cristiane Puggiani Executivos de Negócios: Beatriz Otta, Camille Pinheiro, Henri Marques, Joselma PUBLICIDADE NÚCLEO JOVEM Gerente: Fernando Sabadell, Executivos de negócio: Alde Ventura, Analicia Bertoli, Camilla Formisier, Cathia, Cury, João Eduardo Dias, Luis Fernando Lopes, Mara Marques Assistentes: Lilliana Moura, Monte Barroso. MARKETING e CIRCULAÇÃO Gerente de Marketing: Louise Falcato Gerentes de Publicações: Renato Cagno (Marketing Publicitário), Edison Botina Analistas: Flávia Martins, Mariana Mirim Estagiária: Allison Pantaleoni Gerente de Eventos: Camilla Mendonça Analistas: Cibele Botina, Luciana Balleiro, Samantha Paulo Estagiária: Juliana Lenzini Gerente de Circulação Avulsas: Magali Superi Gerente de Circulação Assinaturas: Sergio Rueda PLANEJAMENTO, CONTROLE OPERAÇÕES Gerente: André Vasconcelos Consultor: Sandra Lehman Wilner Processos: Fabiano Vaini ASSINATURAS Operações de Atendimento ao Consumidor: Malvina Galatovic RH Diretora: Cláudia Ribeiro Consultora: Kátia Batista

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, Pinheiros, São Paulo, SP, CEP 05425-902, tel. (11) 3057-2000 Publicidade São Paulo www.publiabril.com.br Classificados 0800-701-2066, Grande São Paulo tel. (11) 3057-2700 ESCRITÓRIOS E REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE NO BRASIL:

Central-SP tel. (11) 3057-6564; Bauri Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (14) 3227-0378; Belém Midiasolution Belém, tel. (91) 3222-2505; Belo Horizonte Escritório tel. (31) 3282-0630; Triângulo Mineiro F&C Campos Consultoria e Assessoria Ltda., tel. (16) 3620-2702; Blumenau M. Marchi Representações, tel. (47) 3329-3820; Brasília Escritório tel. (61) 3315-7554, Representante Carvalhara Marketing Ltda., tel. (61) 3426-7342; Campinas CZ Press Com. e Representações, tel. (19) 3251-2007; Campo Grande Josimar Promoções Artísticas Ltda., tel. (67) 3382-2139; Cuiabá Agronegócios Representações Comerciais, tel. (65) 8403-0616; Curitiba Escritório tel. (41) 3250-8000, Representante Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda., tel. (41) 3234-1224; Florianópolis Interação Publicidade Ltda., tel. (48) 3232-1617; Fortaleza Midiasolution Repres. e Negoc. tel. (85) 3264-3959; Goiânia Middle West Representações Ltda., tel. (62) 3215-5158; Manaus Paper Comunicações, tel. (92) 3656-7588; Maringá Atitude de Comunicação e Representação, tel. (44) 3028-6966; Porto Alegre Escritório tel. (51) 3327-2850, Representante Print Sul Veículos de Comunicação Ltda., tel. (51) 3328-1344; Recife MultiRevistas Publicidade Ltda., tel. (81) 3327-1597; Ribeirão Preto Gnottos Mídia Representações Comerciais, tel. (16) 3911-3025; Rio de Janeiro tel. (21) 2548-8282; Salvador AGMN Consultoria Public. e Representação, tel. (71) 3311-4999; Vitória Zambira Marketing Representações, tel. (27) 3315-6952

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL: Almanaque Abril, Ana Maria, Arquitetura e Construção, Atividades, Aventuras na História, Boa Forma, Bons Fluidos, Bravo!, Capricho, Casa Claudia, Claudia, Contigo!, Disney, Elle, Exatão, Exame, Exame PME, Fofa S'A, Gloss, Guia do Estudante, Guias Quatro Rodas, Info Corporate, Info, Love'em, Managem, Manequim Nova, Men's Health, Minha Novela, Mundo Estranho, National Geographic, Nova, Placar, Playboy, Quatro Rodas, Recreio, Revista A, Revista da Semana, Runner's World, Saúde!, Sou Mais Eu!, Superinteressante, Tênis, Veja, Veja Rio, Veja São Paulo, Vejas Regionais, Viagem e Turismo, Vida Simples, Vip, Viva! Mais, Você S'A, Women's Health Fundação Victor Civita: Nova Escola

Aventuras na História ISSN 18062415, maio de 2009, é uma publicação mensal da Editora Abril S.A. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas, pelo preço da edição atual. Solicite ao seu jornaleiro. Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações. São Paulo. Aventuras na História não admite publicidade redacional.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: (11) 5087-2112

Demais localidades: 0800-775-2112 www.abrilsac.com

Para assinar: Grande São Paulo: (11) 3347-2121

Demais localidades: 0800-775-2828 www.assineabril.com.br

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, Freguesia do Ó, CEP: 02909-900, São Paulo, SP



Presidente do Conselho de Administração: Roberto Civita
 Presidente Executivo: Giancarlo Civita
 Vice-Presidentes: Arnaldo Tibyryci, Douglas Duran,
 Marcio Ogliara, Sidnei Bastie
www.abril.com.br



SEÇÕES

cartas dos leitores

6

atualidades

8 Em 19 países do mundo, crianças participam de conflitos militares

10 O escritor francês Balzac e o elogio às mulheres de 30 anos

12 A trajetória do jeans, de roupa de minerador a uniforme do século 20

14 Quadro misterioso reúne personagens históricos

brasilianas

16 Os planos para fazer de Napoleão o imperador do Brasil

história ilustrada

18 Termas de Trajano

almanaque

20 **Maio na História:** Em 1786, estreava ópera de Mozart

22 **Linha do Tempo:** A evolução da comunicação

24 **Dito e Feito:** "Colocar a mão no fogo"

26 **Dúvida Cruel:** Qual a origem dos meses do ano?

28 **Culinária:** Os pais do beirute e do polpettone

tomos e telas

60 **Lançamentos:** João Barone no cenário do Dia D

62 **DVD:** Filme relembra vida de Bettie Page

museus do mundo

64 Museu Inhotim

foto-história

66 Militante inglesa se sacrifica em nome dos direitos das mulheres

MATÉRIAS

30 Povo marcado

A vida dos negros no Brasil, antes e depois da Lei Áurea. Após 350 anos de trabalhos forçados, eles tiveram que se adaptar à vida com liberdade – e sem emprego

40 A lista de Aristides

Assim como Oskar Schindler, o diplomata português permitiu que 10 mil judeus escapassem do Holocausto. Por desobedecer ao ditador Salazar, foi perseguido

46 Dos muros às galerias

Nos anos 70, quando tomou conta das grandes cidades, o grafite era uma forma de protesto. Com o passar do tempo, conquistou o status de arte

52 Avó coragem

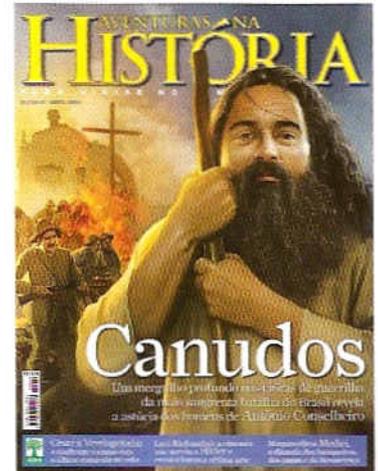
A ativista Raquel de Marizcurrera conta que não perde a esperança de encontrar o filho e a nora, grávida quando desapareceu há 32 anos, durante a ditadura na Argentina

56 O cavalheiro da China

Confúcio não despertou interesse entre os governantes de sua época. Mas, desde então, seu livro *Os Analectos* provou ser um dos mais influentes da história do Extremo Oriente

“Com sua túnica e suas barbas compridas, Conselheiro parece um Moisés tentando libertar os sertanejos dos coronéis.”

Célio Roberto de Araújo, Areado - MG



CANUDOS

Pude conhecer um pouco mais sobre a trajetória desse brasileiro chamado Antônio Conselheiro, um idealista autêntico que em nenhum momento deixou de lutar por aquilo em que acreditava. Morreu empunhando a bandeira de seus ideais. Bem antes de Lênin e Fidel Castro, Conselheiro já tinha feito sua revolução e entrado para a História.

Cláudio Moraes

Na comunidade da revista no Orkut

Sou de Belém do Pará, e aqui existe rua, praça, bairro e até empresa de ônibus chamada Canudos. Tenho certeza de que, aqui, pouca gente aqui sabe a procedência do nome. Muito oportuno o assunto.

Herbert Monteiro

Na comunidade da revista no Orkut

A matéria sobre as táticas de guerrilha dos conselheiristas ficou um pouco aquém. Imaginei que a revista nos apresentaria o contexto da Guerra de Canudos, mas dedicaria a maior parte da matéria às estratégias originais de combate dos sertanejos. Foi exatamente o contrário.

Luiz José dos Santos Junior

Por e-mail

Tive a oportunidade de conhecer a região onde ocorreu esse trágico fato da nossa História. Ao visitar o museu da cidade de Canudos, imaginei os nossos compatriotas que viveram ali um século atrás, e cheguei a uma conclusão: houve sim uma mudança, dos coronéis daquela época para os políticos inescrupulosos da atualidade. O povo daquele pedaço

do Brasil continua esquecido pelos governantes, à espera de um novo Antônio Conselheiro.

Etevaldo Melo Viana

Coxim - MS

Os jovens precisam saber o que aconteceu nesse episódio que foi uma das grandes vergonhas de nosso glorioso Exército brasileiro.

José Keper

Mogi das Cruzes - SP

Li *Os Sertões* e recomendo.

O começo é um pouco difícil, mas depois o texto nos prende.

Valdir Agostinho de Oliveira

Na comunidade da revista no Orkut

Realmente, *Os Sertões* é ótimo! Difícil de entender às vezes, mas é apenas outro linguajar a que acabamos nos adaptando, como as gírias. Sempre choro quando o leio.

Neila Gregório

Na comunidade da revista no Orkut

ASILO POLÍTICO

Imagino que, se Josef Mengele (morto no litoral norte de São Paulo e só reconhecido em 1992) fosse identificado ainda vivo, certamente encontraria guarida aqui, no belo "país acolhedor de bandidos", verdadeiro "paraíso para monstros". Matar quatro pessoas na Itália não faz de Cesare Battisti menos criminoso ou cruel do que Mengele. Há sim uma única atenuante para o italiano: a requintada perversidade com que o alemão trucidava as vítimas no nazismo ("Terra das oportunidades", pág. 12).

Márcio Della-Cella

Ubaíra - BA

BARBIE

É lamentável que uma revista tão bem conceituada desperdice duas páginas inteiras dando ênfase aos 50 anos de uma boneca ("Barbie cinquentona", pág. 24) que exemplifica um padrão de beleza totalmente fora da realidade feminina brasileira. Será que não havia nada mais interessante, historicamente, para ser explorado?

Elaine Rezende

Maceió - AL

CELTAS EM QUADRINHOS

Gostei da história em quadrinhos contando a conquista romana sobre os celtas, mas estranhei chamar os romanos de "monstros das mil artimanhas". Naquela época todo mundo era monstro e besta, a crueldade com os vencidos era a regra. Não entendi por que vocês colocaram os celtas como vítimas, justo eles que invadiram e saquearam Roma lá pelo ano 370 a.C. Convém informar aos leitores que Júlio César escreveu um livro sobre a conquista da Gália, que se chama *De Bello Gallico* (Sobre a Guerra da Gália).

Luiz Henrique Penchiari

Por e-mail

Luiz Henrique, a história em quadrinhos é narrada do ponto de vista de dois personagens, um soldado celta e um romano. Quanto ao livro, é uma excelente sugestão de leitura.



CARTA DO MÊS

Difícil de engolir a parte que fala dos celtas através de história em quadrinhos ("O último verão gaulês", pág. 40). Que coisa insossa! Nem diverte nem chama atenção para o tema!

Carmélio Fernandes

Na comunidade da revista no Orkut

HISTÓRIA DA PROPAGANDA

A matéria acerca da história da publicidade voltada para a questão empreendedora é magnífica, pois é um tema pouco discutido, na verdade escasso ("A arte de vender", pág. 38).

Leandro Barros

São Luís - MA

GRAHAM BELL

É um fato sabido por poucos que Alexander Graham Bell construiu seu império sobre a ideia e os esforços de um imigrante italiano chamado Antonio Meucci (este sim o verdadeiro inventor do telefone). Já no fim de sua vida, pobre e desconhecido, Meucci acabou deixando com Bell os direitos do invento, uma vez que este já dispunha dos meios necessários para a exploração de tão importante invenção. Deprimente a Foto-História ("Alô, alô, responde", pág. 66).

Miguel Faria Régio

Por e-mail

Miguel, existem realmente informações de que Meucci teria criado o telefone 16 anos antes de Graham Bell. Mas foi Bell quem possibilitou a difusão do aparelho. Leia mais sobre a evolução das comunicações na página 22 desta edição.

VETERANO DE GUERRA

Avô de leitora lutou na Espanha na década de 30

Vocês me emocionaram muito com a reportagem "Heróis de uma batalha perdida" (pág. 8), pois meu avô era espanhol e lutou na Guerra Civil daquele país, e minha mãe fala muito como ele sofreu, o quanto a Espanha sofreu. Esse sofrimento o motivou a vir para o Brasil, pois dizia-se que aqui era melhor, e para o meu avô qualquer lugar do mundo que não tivesse guerras era o paraíso. Por isso, vai aí o alerta: não devemos promover guerras,

pois as consequências são aterrorizantes, não só financeiras, mas principalmente humanas. As pessoas ficam com traumas difíceis de curar, mesmo migrando para outros países.

Lourdes Vazquez Paulino

São Paulo - SP



A CARTA ESCOLHIDA LEVA UM DVD!

NOVO SITE

Parabéns pelo ato democrático de abrir a revista para o pessoal da internet. Sou estudante de História, estou no último ano e precisava de um artigo da edição 50 do ano passado. Sem essa novidade não conseguiria ter acesso, valeu mesmo!

Ricardo Pires da Costa

Por e-mail

GASTRONOMIA BRASILEIRA

Mesmo salivando muito ao saborear a reportagem ("Alimentos com sabor de Brasil", pág. 26), ainda tive o capricho de reparar na importância que a mandioca/macaxeira tem na culinária nacional: dos 11 pratos típicos citados, ela é usada em nada menos que cinco deles, normalmente como ingrediente ou acompanhamento. Isso sem contar que a farinha de mandioca quase sempre está à mesa

do brasileiro com os pratos a serem servidos, dos pampas ao semi-árido.

Mário Gonçalves Dias Junior

Londrina - PR

ERRATA



• Giovanni Medici foi o papa Leão X, e não Leão V. • Não existem bois zebus na região onde eles foram desenhados ("Alimentos com sabor de Brasil", pág. 26).

FALE COM A GENTE

REDAÇÃO

Escreva suas perguntas, críticas e sugestões a respeito da revista para a redação de HISTÓRIA - av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP. Se preferir, fale com a Adriana Meneghello por e-mail (sem se esquecer de colocar na mensagem o seu nome e o da sua cidade): aventhistoria@abril.com.br

PARA ASSINAR

Entre no site: www.assineabril.com.br ou mande um e-mail para abril.assinaturas@abril.com.br ou escreva para Av. Otaviano Alves de Lima, 4400, 4º andar, CEP 02909-900, São Paulo, SP. Tels.: (11) 3347-2121 - Grande São Paulo; 0800-7752828 - outras localidades. De 2ª a 6ª, das 8h às 22h Fax: (11) 5087-2100

PARA ANUNCIAR

Fale com Fernando Sabadin, e-mail fernando.sabadin@abril.com.br Tels.: (11) 3037-5189; Rio de Janeiro: (21) 2546-8100; outras localidades: (11) 3037-5759; vendas diretas: (11) 3037-5000

VENDA DE CONTEÚDO

Para direitos de reprodução dos textos e imagens publicados em HISTÓRIA, acesse www.conteudoexpresso.com.br ou ligue para: (11) 3089-8853

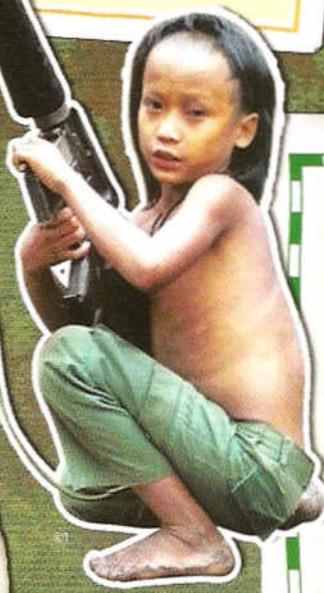
ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Dúvidas sobre pagamentos, envio, assinaturas e reclamações. Site: www.abrilsac.com.br E-mail: abrilsac@abril.com.br Av. das Nações Unidas, 7221, 14º andar, CEP 05425-902, São Paulo, SP Renova fácil: (11) 5087-2145 Tels.: (11) 5087-2112 - Grande São Paulo; 0800-7752112 - outras localidades De 2ª a 6ª, das 8h às 22h Fax: (11) 5087-2100



MIANMAR
 Pelo menos 14 países recrutam pessoas com menos de 18 anos em grupos militares. O caso mais sério é o de Mianmar, onde as crianças são forçadas a passar pelo treinamento do Exército.

UGANDA
 O governo tem o hábito de capturar os jovens que atuam em grupos armados independentes e transformá-los em espiões e mensageiros do Exército local.



ESTRATÉGIA ANTIGA

Jovens participam de batalhas há 2 300 anos

ESPARTA, 300 A.C.
 Após os 6 anos, os garotos participavam de pelotões juvenis. Lá, recebiam uma única peça de roupa e dormiam sobre juncos.

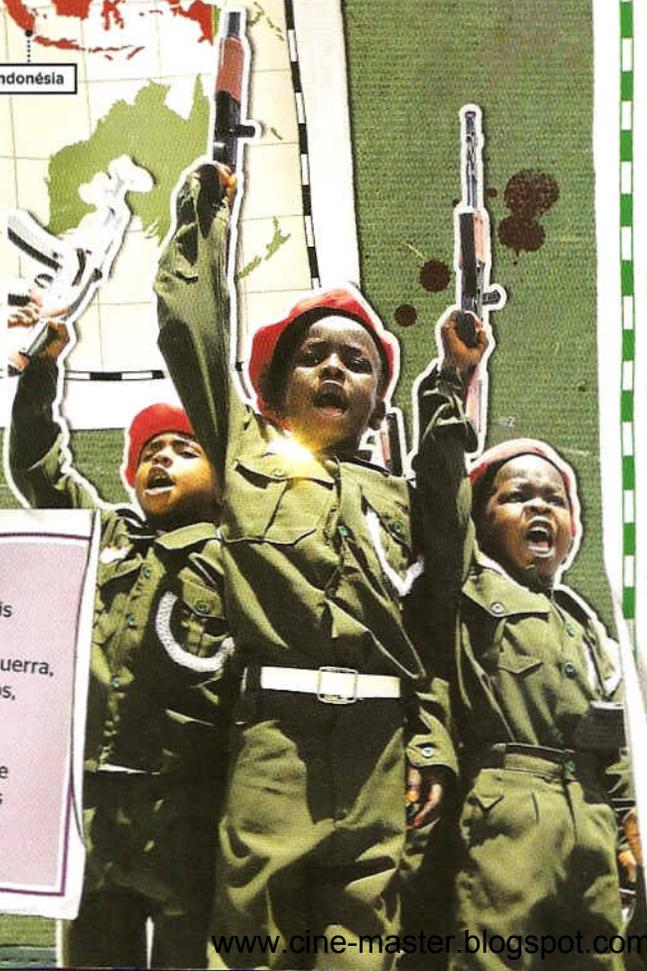
INGLATERRA, SÉCULO 6
 Meninos de 12 anos eram treinados para a guerra. Há relatos de que, aos 15, São Gustavo de Croyland (673-714) já estava engajado em ações militares.

IMPÉRIO OTOMANO, SÉCULO 14
 Uma parcela dos garotos cristãos das províncias era recrutada. Os meninos se convertiam ao Islã e passavam a praticar exercícios bélicos.

BRASIL, SÉCULO 18
 Órfãos criados em instituições públicas eram recrutados pelas forças armadas desde o período colonial. Em casos de indisciplina, levavam chibatadas.

ESTADOS UNIDOS, 1864
 Na Virgínia, o general confederado John Breckenridge (1821-1875) recorreu a 247 cadetes da região, sendo que 25% tinham menos de 16 anos.

ALEMANHA, 1922
 Garotos da Juventude Hitlerista eram treinados desde os 14 anos. Em 1943, foi criada uma unidade especial da polícia secreta, a "divisão leite de bebê".



SUDÃO
 Os soldados infantis lutam na região de Darfur, onde uma guerra, que já dura seis anos, deixou estimadas 300 mil mortes. Os menores de idade atuam como espiões e pegam em armas nas linhas de frente.

LITERATURA

Balzaquiana, a mulher de 30 anos

Romance do escritor Honoré de Balzac retrata a jovem senhora do século 19

Que balzaquiana é sinônimo de mulher de 30 anos, ninguém discute e nunca discutiu, nem nos tempos do francês Honoré de Balzac (1799-1850). O que é discutível de lá para cá são os adjetivos que compõem o estigma — ou o elogio — que o termo representa. Em 20 de maio, comemoram-se os 210 anos de nascimento do escritor, dono de um respeitável conjunto de obras que inclui ficção e filosofia. De todo seu legado, nenhum foi tão perene quanto a expressão “balzaquiana”, que nunca envelheceu, ao contrário das mulheres de 30, que inevitavelmente tiveram ou terão que se despedir do apelido literário para serem chamadas de quarentonas, cinquentonas ou coroas.

Balzac duplicou a idade do amor. Até então, na ficção ou na vida real, o amor era privilégio das jovens. “Balzac valorizou a mulher mais velha, expressando sua vitalidade e mostrando-a como sedutora”, explica Maria Cecília Queiroz de Moraes Pinto, professora de Literatura Francesa da USP.

A Mulher de 30 Anos é um romance escrito entre 1828 e 1844, época em que a sociedade francesa assistia ao período de Restauração, após a queda de Napoleão Bonaparte, em 1815, e início das mudanças sociais provocadas pela Revolução Francesa. Os valores burgueses aparecem na literatura. Os personagens Carlos de Vandenesse e Julia D'Aiglemont apaixonam-se perdidamente. Ambos têm 30 anos, mas Carlos é um “homem jovem” e Julia uma mulher “mais velha”. Ela é tão submissa que seu recato e resignação encantam o rapaz. Ele tece uma vasta lista de comparações entre jovens e maduras e, em todos os quesitos, a balzaquiana é superior. **ANGÉLICA MOURA**

BELEZA MADURA

As 30 “qualidades” que encantaram o escritor francês

Agita-se em indecisões.
Obriga os homens a combates perpétuos.
Tem volúpias.
A jovem desonra-se sozinha.
Confiar os sacrifícios que devem ser feitos pelo amor.
Instrui, aconselha.
Sabe tornar-se bela com a infelicidade.
Forte.
Tem tudo previsto.
Curva-se.
Comanda.
Não se arrasta pela curiosidade.
Satisfaz tudo.
Jamais se adivinha se ela é verdadeira ou falsa.
Para o homem jovem, ocupa-se de seu futuro.



em dividas que jamais ocorrem ao amor de uma jovem.

Sabe controlar, enquanto a jovem só sabe gemer.

Eleva-se.

Escrava e rainha.

Pode fazer-se jovem.

Sabe rir de situações embaraçosas.

*Viveu um início e grande amor
remorsos no lugar de lágrimas e prazeres.*

enquanto a mulher de 30 nunca perde a honra.

Tem mil maneiras de conservar seu poder e dignidade.

*Experiência, dá mais do que da mesma.
Sente-se velha.*

*Escolhe, não cede.
Enternece-se sem se comprometer.*

Implora.

Teme novos amores.

Viveu uma única desilusão.

Tem filhos e vive por eles.

UNIVERSO FEMININO

As transformações em dois séculos

VIDA LONGA À RAINHA DO LAR

Hoje parece estranho dizer que uma mulher de 30 anos está velha. Mas, no século 19, não haveria nada de anormal em um comentário assim. A expectativa de vida da francesa era de 40 anos. No Brasil, a balzaquiana estaria literalmente com o pé na cova, pois vivia somente até os 27 anos. Fatores como a descoberta da penicilina, a cura da tuberculose e avanços da ciência dobraram a longevidade feminina. Hoje mulheres de todo o mundo vivem, em média, até os 75 anos de idade.

AMOR E CASTIDADE

Na aristocracia, fidelidade e recato não eram qualidades indispensáveis a uma moça de família. Os casamentos eram por conveniência e ter amantes era normal. A sociedade burguesa instaurou a união por amor. Castidade e submissão passam a ser o maior tesouro das mulheres. Elas protagonizam romances, como explica Sandra Vasconcelos, professora de Literatura Inglesa da USP, mas "confinadas à esfera privada. Na literatura e na ficção, elas eram modestas, humildes e delicadas".

DO ESPARTILHO À PLÁSTICA

No século 19, o espartilho ainda era soberano. A moda era usar vestidos colados na cintura que exaltassem os quadris, o busto avantajado, no chamado perfil em "S". O embelezamento se prestava mais a dignificar e elevar o status da mulher que a fazer com que ela se sentisse efetivamente mais bonita. Hoje, a busca da beleza independe do status e está intimamente ligada a brigar contra o tempo. Silicone e botox são as atuais fontes da juventude.

MODA

Tecido universal

O jeans foi criado por um alemão com material francês e tintura indiana

Se a humanidade teve um uniforme no século 20, foi o jeans. Fica difícil imaginar um país ou uma ocasião em que ele não seja encontrado. Serve para todas as idades e foi a primeira vestimenta usada por homens e mulheres. Esse caráter universal está no próprio DNA da peça: com base em uma ideia de um alfaiate americano, um comerciante alemão criou o jeans como uma variação de um tecido francês, muito usado por marinheiros genoveses. E a cor azul característica veio do índigo, uma tintura desenvolvida na Índia.

Essa história começou em 1847, quando o jovem germânico Oscar Levi Strauss (1829-1902) abriu uma loja de secos e molhados em São Francisco, na Califórnia, bem no auge da mineração no Velho Oeste norte-americano. Ainda sem falar direito o inglês, ele começou a vender rolos de lona, usados para erguer tendas ou cobrir carroças. Um de seus compradores era o costureiro Jacob David Youphes. O americano adaptou o tecido para fazer calças, e os mineradores adoraram a novidade. Agora eles tinham roupas bem mais resistentes que suas

peças de algodão, que rasgavam com facilidade. Ao saber dessa demanda, Levi Strauss contratou Youphes e começou a fabricar calças de lona.

Mas o tecido era duro demais. As peças ficavam em pé sozinhas. Foi então que, pesquisando materiais, Strauss encontrou um tipo de brim francês, também resistente, mas flexível. E começou a fazer importações da cidade de Nîmes — motivo pelo qual esse brim passou a ser chamado de denim. Essa peça chegava ao fabricante com algumas variações de cor, entre o branco e o bege, o que atrapalhava na hora de combinar as tonalidades para costurar. Então o alemão resolveu tingir o tecido com índigo.

Pouco depois, Strauss percebeu que os mineradores precisavam de bolsos para guardar as pedras que encontravam. Em 1872, ele patenteou o produto. Não demorou muito para o garimpeiro Alkali Ike reforçar os seus com rebites de metal. E assim, com esse toque final de criatividade, estava pronta a calça jeans como a conhecemos. Nas décadas seguintes, ela conquistaria os mais diversos públicos, até atravessar todas as fronteiras do planeta. **RAFAEL TONON**

MIL E UMA UTILIDADES

Ao longo de sua história, a roupa de mineradores mostrou-se versátil



LONA DE BARRACA

Em 1850, o alemão Levi Strauss chegou à Califórnia com tecido para fazer barracas para os mineradores. Três anos depois, o alfaiate Jacob Youphes percebeu que o material funcionava muito bem como roupa.

"LOOK, DAD! They're wearing 'em, too!"

LEE - the 6 to 1 favorite



FARDA DE GUERRA

Em 1916, Henry David Lee (1849-1928), que havia fundado sua empresa de calças em 1899, criou fardas jeans usadas pelo Exército americano na Primeira Guerra Mundial.

UNIFORME DE REBELDIA

Nos anos 50, Elvis Presley (1935-1977), Marlon Brando (1924-2004), Marilyn Monroe (1926-1962) e James Dean (1931-1955) adotaram o tecido. "Foi quando o mercado se voltou para os desejos dos jovens", diz a consultora de moda Lu Catoira, autora do livro *Jeans, a Roupa que Transcende a Moda*.



ROUPA DE FÁBRICA

Na década de 20, o tecido passou a ser usado por operários. Em 1936, o hábito foi parar nos cinemas com o filme *Tempos Modernos*, em que Charles Chaplin (1889-1977) aparecia usando uniforme feito de jeans.

ЗООПАРК

МОХО



Blues de Moscou

OBJETO DE DESEJO

Nos anos 70 e 80, o jeans só não era vendido nos países dominados pela União Soviética. Do lado de lá da Cortina de Ferro, bandas de rock protestavam usando calças contrabandeadas.

A História em um quadro

Identificados todos os 103 personagens de pintura misteriosa



Na imagem, as dez pessoas citadas no texto abaixo. Você sabe quem são as outras?

Sentados à mesa, Joseph Stálin (1), Leonardo da Vinci (2), Karl Marx (3) e Friedrich Nietzsche (4) batem um papo animado, enquanto Abraham Lincoln (5) prefere trocar confidências com Mao Zedong (6). Ao fundo, Homero (7) apoia uma mão sobre o ombro de Bill Gates (8). O quadro acima, que reúne 103 personalidades da História, é cercado de mistério. Em primeiro lugar porque não se sabe quem é

seu autor. Além disso, muitos dos personagens eram desconhecidos. Mas, quando virou hit na internet, a imagem foi rastreada e descobriu-se que as pessoas menos famosas são figuras proeminentes na China, como o cantor Cui Juan (9) e o político Song Qingling (10). Resta agora saber quem pintou a obra, provavelmente um chinês inspirado em um quadro renascentista de Rafael, *A Escola de Atenas*.

CHEIRO DOS FARAÓS

A análise de uma garrafa de 12 centímetros de altura pode nos ensinar como os faraós se perfumavam há 3500 anos. O vaso pertenceu à rainha Hatshepsut, que governou o antigo Egito por 20 anos, a partir de 1479 a.C., e estava guardado em um museu alemão. Até que pesquisadores da universidade de Bonn localizaram resíduos, que agora estão sendo identificados. O objetivo é recriar a fragância de Hatshepsut.

HOMEM DE FIBRA

Japonês prova que sobreviveu a Hiroshima e Nagasaki

No dia 6 de agosto de 1945, **Tsutomu Yamaguchi** estava em Hiroshima quando a cidade foi atingida por uma bomba atômica. Assim que saiu do hospital, voltou para casa, em... Nagasaki. E ali estava quando outra bomba foi lançada. Ao provar que esteve em ambos os locais, Yamaguchi, hoje com 93 anos, se tornou a única pessoa conhecida a sobreviver aos dois ataques nucleares.



MESTRADO EM BEATLES

Universidade cria curso sobre a banda inglesa

Poucos fenômenos culturais do século 20 tiveram o alcance dos **Beatles**. Foi pensando assim que a reitoria da Universidade Liverpool Hope, na Inglaterra, criou um curso de mestrado sobre a banda. A partir de setembro, 30 alunos vão estudar durante um ano a música dos Beatles e seu impacto no comportamento. E terão a chance de conhecer pessoas que conviveram com John Lennon, Ringo Starr, Paul McCartney e George Harrison.



VAMPIRA MEDIEVAL

No século 16, vampiros assolavam a Europa. Ou pelo menos assim se acreditava na época. Ossos encontrados em Veneza mostram o tratamento que os supostos monstros recebiam: uma mulher de cerca de 60 anos foi enterrada com um **tijolo na boca**. Ela morreu durante uma epidemia em Veneza, em 1576. Quando encontraram sangue em seu rosto, as autoridades pensaram que ela estava viva e bloquearam sua boca para evitar que ela atacasse novamente.



APRESENTAM:



Simuladão

(Enem)

**e Guia do
Estudante**

24/05
**EM SÃO PAULO
E PORTO ALEGRE**

**FAÇA UM TEST-DRIVE DO ENEM E PREPARE-SE PARA
ENTRAR NA UNIVERSIDADE... DE CARRO NOVO!**

O **Simuladão Enem Guia do Estudante** é o seu aliado na hora de você se preparar para o Enem 2009. E, de quebra, as melhores notas valem prêmios incríveis! **Inscreva-se agora e confira.**

INSCRIÇÕES GRATUITAS: WWW.SIMULADAOENEMGE.COM.BR

PREMIAÇÃO*



**1º Lugar Nacional
| CARRO**

**1º e 2º Lugar em São Paulo:
| NOTEBOOK CADA UM**

**1º Lugar Porto Alegre:
| NOTEBOOK**

Data: **24/05** Horário: das **13h às 18h**

Locais das provas:

São Paulo: nos campi da Anhembi Morumbi:
Vila Olímpia • Centro • Morumbi • Avenida Paulista

Porto Alegre: na ESADE, campus Centro

REALIZAÇÃO

**e Guia do
Estudante**

CONSULTE O REGULAMENTO NO SITE WWW.SIMULADAOENEMGE.COM.BR

www.cine-master.blogspot.com

Um complô para raptar Napoleão

Dois planos da época da Independência pretendiam sequestrar o francês em Santa Helena e fazê-lo imperador no Brasil

No começo do século 19, parecia não haver limites para a imaginação humana. Em meio a um dos períodos mais revolucionários e conturbados da História, tudo era possível. O Brasil dessa época também foi cenário de sonhos e planos mirabolantes. Um deles: raptar Napoleão Bonaparte (1769-1821) na ilha de Santa Helena, no Atlântico Sul, onde o imperador dos franceses encontrava-se prisioneiro dos ingleses desde a derrota na Batalha de Waterloo, em 1815. Dali ele seria transferido para a América do Sul, onde reinaria novamente sobre um vasto território constituído pelas antigas colônias de Espanha e Portugal. O projeto foi discutido a sério em diferentes ocasiões e com diferentes autores. Tinha a simpatia do próprio Napoleão e só fracassou porque as circunstâncias não permitiram que se concretizasse.

Napoleão era um homem de ambições desmedidas. Para ele, não bastava governar a França e nem mesmo a

Europa. No auge de seu poder, em 1808, chegou a liderar mais de 60 milhões de pessoas. Isso numa época em que a população humana era infinitamente menor que a atual. Naquele ano, com a virtual anexação de Espanha e de Portugal, ele praticamente dobrou o tamanho do território original da França. Seus domínios incluíam a Bélgica, a Holanda, a Alemanha e a Itália. Mais tarde, tentou incorporar também a Rússia. Antes, já havia invadido o Egito. Do seu ponto de vista, ser o imperador da América do Sul era, portanto, um projeto razoável e factível. Além disso, sua ação reformadora na Europa, pondo fim aos antigos regimes de monarquia absoluta, contava com a simpatia de muitos revolucionários na América. Entre eles estavam os líderes da Revolução Pernambucana de 1817.

No começo de 1817, o comerciante Antônio Gonçalves Cruz, o Cabugá, foi enviado pelos revolucionários pernambucanos para a Filadélfia, antiga capital dos Estados Unidos. Levava na bagagem 800 mil dólares,





quantia assombrosa para a época. Cabugá tinha três missões. A primeira era comprar armas para combater as tropas do rei dom João VI (1767-1826). A segunda, convencer o governo americano a apoiar a criação de uma república independente no Nordeste brasileiro. O terceiro e mais espetacular de todos objetivos era recrutar alguns antigos revolucionários franceses exilados em território americano para, com a ajuda deles, libertar Napoleão em Santa Helena. Pelo plano, ele seria retirado na calada da noite e transportado a Recife, onde comandaria a revolução pernambucana para, em seguida, retornar a Paris e reassumir o trono de imperador da França.

Os projetos de Cabugá eram mirabolantes e estavam condenados ao fracasso antes ainda de serem colocados em prática. Quando chegou aos Estados Unidos, com o dinheiro arrecadado entre senhores de engenho, produtores de algodão e comerciantes favoráveis à proclamação da república, os revolucionários pernambucanos já estavam sitiados pelas tropas leais a dom João VI. A rendição era inevitável. Sem saber de nada disso, Cabugá conseguiu recrutar quatro veteranos dos exércitos napoleônicos: o conde Pontelécoulant, o coronel Latapie, o ordenança Artong e o soldado Roulet. Todos chegaram ao Brasil muito depois de terminada a revolução e foram presos antes de desembarcar.

Um novo plano para libertar Napoleão foi concebido no ano seguinte pelo almirante Thomas Cochrane (1775-1860). Lorde inglês,

membro do Parlamento britânico e herói da guerra contra Napoleão, Cochrane era uma lenda dos mares. Contratado como mercenário na América do Sul, ajudou a fazer as independências do Chile, do Peru e do Brasil, lutando contra as forças navais da Espanha e de Portugal.

Em agosto de 1818, Cochrane e sua mulher, Kitty, estavam em Boulogne, na França, à espera do navio a vapor *Rising Star*, que ele havia mandado construir na Inglaterra para lutar no Chile. Na viagem para a América do Sul, Cochrane pretendia fazer uma escala em Santa Helena e roubar Napoleão dos ingleses. Em seguida, tentaria convencê-lo a assumir o trono de um império a ser construído na América do Sul, capaz de contrapor-se ao peso dos Estados Unidos ao norte do continente. Também nesse caso o plano fracassou. A construção do navio atrasou e, diante das notícias de que os espanhóis estavam ganhando terreno contra os chilenos, Cochrane decidiu seguir para seu destino final, sem parar em Santa Helena.

Plano norte-americano

O sequestro de Napoleão também foi planejado em Nova Orleans, cidade de colonização francesa no sul dos Estados Unidos. Ali, em 1821, um grupo de amigos e oficiais do imperador chegou a promover uma campanha de arrecadação de fundos para comprar navios e arregimentar soldados que tentariam libertá-lo. O projeto foi levado tão a sério que Nicholas Girod (1747-1840), descendente de imigrantes france-

ses e prefeito da cidade entre 1812 e 1815, ofereceu sua própria residência como refúgio em território americano. A operação sequer chegou a ser executada porque Napoleão morreu nesse mesmo ano.

A causa da morte do imperador francês foi, por muito tempo, alvo de polêmica. De início, suspeitou-se que ele tivesse sido envenenado lentamente mediante a adição de arsênico na comida que os ingleses lhe serviam na prisão. Exames recentes nos seus restos de cabelo, depositados numa urna no monumento *Les Invalides*, em Paris, revelaram traços desse produto acima do normal, mas não em quantidade capaz de matá-lo. Outras pesquisas apontam que a causa mais provável seria um câncer no estômago.

Os planos fracassados de dois séculos atrás produziram pelo menos um bom resultado. A casa em Nova Orleans preparada para receber Napoleão em 1821 é hoje um dos pontos turísticos mais famosos dos Estados Unidos. Mistura de museu e restaurante sofisticado, recebe anualmente milhares de turistas que vão lá para conhecer, entre outras coisas, o quarto e a cama onde o imperador dormiria, caso tivesse conseguido fugir de Santa Helena. ●

saiba mais

LIVROS

Cochrane, Britania's Sea Wolf, Donald Thomas, Bluejacket Books, 2002
Biografia do almirante britânico, um dos que tentaram resgatar Napoleão.
Cochrane: The Life and Exploits of a Fighting Captain, Robert Harvey, Carroll & Graf Publishers, 2000
Obra sobre Cochrane, mais focada em sua vida polêmica na Inglaterra.
Abreu e Lima, General de Bolívar, Vamireh Chacon, CEPE, 2007
Narra a vida do militar brasileiro que lutou pela independência da Colômbia e da Venezuela.

Termas de Trajano

Maior centro de banhos de Roma tinha 71 mil metros quadrados

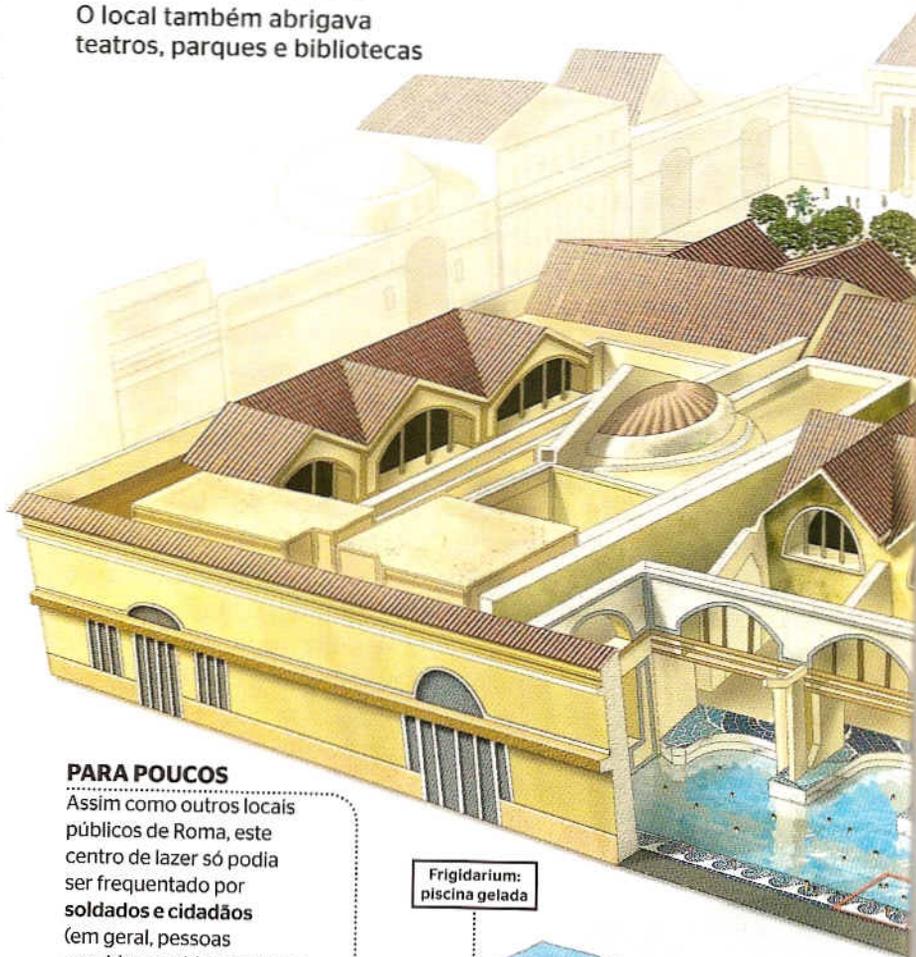
Ao inaugurar seu grande complexo termal, no ano 109, o imperador Trajano (53-117) deu início a uma tradição arquitetônica que duraria quatro séculos. O centro de banho, o maior da Roma antiga, serviu de modelo para vários outros construídos por toda a extensão do império, da Itália à Inglaterra (onde a obra mais conhecida, localizada na cidade de Bath, funciona até hoje). Projetadas pelo arquiteto grego Apollodoros de Damascus e construídas durante cinco anos, as termas de Trajano tinham aproximadamente 71 mil metros quadrados de área, que incluía uma grande área de lazer, com biblioteca e teatro. Suas ruínas, ainda hoje visíveis na região central de Roma, escondem uma preciosidade: elas estão sobre o Domus Aurea, o suntuoso palácio de Nero (37-68) erguido em uma grande área central que ficou livre depois do incêndio de Roma, no ano 64. Depois da morte de Nero, o palácio foi soterrado aos poucos pelos imperadores Vespasiano (9-79), Tito (39-81), Domiciano (51-96) e Trajano (*veja quadro*).

TEXTO Mario Araújo
EDIÇÃO Tiago Cordeiro e Julia Priolli
ILUSTRAÇÕES Éber Evangelista
EDIÇÃO DE ARTE Débora Bianchi
DESIGN Fabio Otubo
CONSULTOR Luiz Iria



DIVERSÃO E ARTE

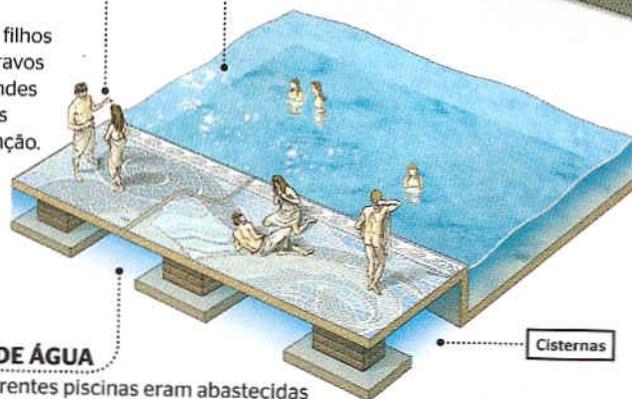
O local também abrigava teatros, parques e bibliotecas



PARA POUCOS

Assim como outros locais públicos de Roma, este centro de lazer só podia ser frequentado por **soldados e cidadãos** (em geral, pessoas nascidas na cidade e filhos de romanos). Os escravos só entravam em grandes galerias subterrâneas para fazer a manutenção.

Frigidarium:
piscina gelada



MAR DE ÁGUA

As diferentes piscinas eram abastecidas por uma **cisterna subterrânea**, com capacidade para pelo menos 8 milhões de litros de água pura. Chamada de Sette Sale, essa estrutura está soterrada, mas ainda permanece inteira e poderá ser investigada futuramente.

CHOQUE TÉRMICO

O complexo termal possuía três salas terapêuticas, que eram visitadas conforme um roteiro. Começava no **Tepidarium**, uma piscina de água morna, para limpeza e relaxamento. Seguia para o **Caldarium**, que funcionava como uma sauna seca. Finalizava no **Frigidarium**, em um banho de água fria.



VIZINHO DE PESO

Endereço nobre da Roma antiga, as termas de Trajano eram próximas das termas de Tito e do templo de Vênus. Mas o vizinho mais conhecido era o anfiteatro Flaviano, o famoso **Coliseu**. Também nessa época já existiam o Mercado e o Fórum de Trajano.

Coliseu

Anfiteatro

Biblioteca

Fontes e jardins

Caldarium:
sauna seca

Tepidarium:
piscina morna

Apodyteria:
guarda-volumes

Gymnasia:
vestiário

BANHO DE CULTURA

O complexo não tinha só água. Uma imensa muralha no entorno abrigava **bibliotecas**, salas de leitura e depósitos de manuscritos e documentos oficiais. As atrações incluíam ainda um grande teatro. Um gramado verde com algumas árvores era reservado para leitura.

UNIFORME E VESTIÁRIO

Era aceitável ficar nu nas termas, mas existiam **roupas** próprias para os banhos. Elas eram mais simples que as togas dos nobres e mais práticas que as roupas dos soldados. A troca ocorria em duas salas, a **Gymnasia** e a **Apodyteria**, que funcionavam como os vestiários de hoje.



SUNTUOSIDADE ENTERRADA

Construção esconde palácio de Nero

Domus Aurea, a casa do imperador Nero, fazia parte de um complexo com lago artificial e plantações de uva e trigo, além de bosques com animais selvagens. As paredes eram revestidas com afrescos que, no século 15, impressionariam mestres do Renascimento. Possuía um salão octogonal com mecanismo hidráulico que girava o piso. Escravos

ficavam pendurados no teto, lançando pétalas e perfume sobre os visitantes. O palácio foi a primeira construção laica com cúpula — exclusividade dos templos religiosos. Inaugurou o uso de mosaicos decorativos em tetos e paredes. Não se sabe ao certo seu tamanho original. Estima-se que, dos 9 mil m² do complexo, apenas 1,2 mil m² tenham sido escavados.



Salão octogonal do palácio, com piso giratório

RECEPÇÃO FRIA

Em Viena, Áustria



dia
1
1786

No Burgtheater, em Viena, estreia a ópera *As Bodas de Figaro*, de **Wolfgang Amadeus Mozart** (1756-1791). Essa primeira apresentação foi recebida com frieza pela plateia e pela crítica. Apenas em janeiro do ano seguinte, em Praga, a obra seria consagrada. O sucesso tardio rendeu a Mozart o convite para compor *Don Giovanni*.

livro: *Mozart por Trás da Máscara*, Lincoln Maiztegui Casas, Planeta do Brasil, 2006. Nesta biografia, o jornalista tenta separar o homem da lenda que se criou em torno dele.

É PROIBIDO PROIBIR

Na França

dia
2
1968

Após o reitor da Universidade de Nanterre fechar os portões do campus para controlar protestos de estudantes contra a administração da faculdade, começa a eclodir uma série de manifestações que formaria o famoso **Maio Francês**. A luta se estendeu para organizações trabalhistas e, ao final do mês, 10 milhões de pessoas estavam em greve. Os líderes da revolta exigiam a saída do presidente, Charles de Gaulle (1890-1970), que convocou eleições e conseguiu ser reeleito.

site: <http://www.independent.co.uk/news/world/europe/egalit-libert-sexualit-paris-may-1968-784703.html>
O jornal britânico *The Independent* faz uma análise sobre os acontecimentos da época. Em inglês.



EU ME LEMBRO

“Tinha 15 anos, morava em Paris e achei tudo muito empolgante. Parecia não existirem mais regras e eu me sentia livre para ir aonde quisesse. Eu e meus amigos entramos de bicicleta em um shopping muito frequentado e gritamos ‘morte aos burgueses!’ Mas, por outro lado, havia um certo caos. Os aeroportos

não funcionavam, não havia comunicação telefônica de longa distância e os transportes estavam em greve.”

Daniel Adolphe Rosenthal, cônsul honorário da França em Manaus

DAMA DE FERRO

Em Londres, Inglaterra



dia
5
1979

Margaret Thatcher (hoje com 84 anos) vence a disputa contra **Jim Callaghan** e é eleita primeira-ministra da Grã-Bretanha. Conhecida como Dama de Ferro, ela foi a primeira mulher a ocupar o cargo naquele país e permaneceu no poder até 1990.

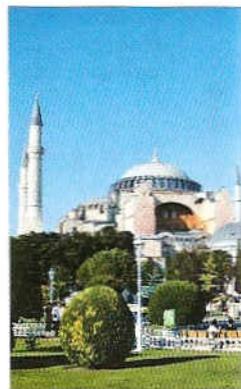
site: <http://www.time.com/time/time100/leaders/profile/thatcher.html>
Página da revista americana *Time* relata em inglês a vida da primeira-ministra.

MONUMENTO EM PERIGO

Em Constantinopla, atual Istambul, Turquia

dia
7
558

A **Hagia Sofia**, uma catedral construída em Constantinopla sob as ordens do imperador bizantino Justiniano I (483-565), desmorona parcialmente em consequência de um terremoto ocorrido em dezembro. Construída em apenas seis anos sob o comando dos arquitetos Antêmio de Tralles (474-534) e Isidoro de Mileto (480-540), a igreja ficou pronta em 537. Imediatamente após a destruição parcial, o imperador financiou as obras de recuperação.



site: <http://viagem.hsw.uol.com.br/hagia-sofia.htm>
Para conhecer outros detalhes sobre a construção.

CURTO PERÍODO DE PAZ

Na França

dia
8
1360

França e Inglaterra assinam o Tratado de Bretigny, que põe fim à primeira fase da Guerra dos Cem Anos, iniciada em 1337.

O rei inglês **Eduardo III** (1312-1377) renunciou a todas as reivindicações que fazia ao trono francês, mas assegurou domínio sobre territórios conquistados no norte do país. O tratado, contudo, não foi suficiente e a guerra recomeçou nove anos depois – para terminar somente em 1453.



site: http://www.bbc.co.uk/history/british/middle_ages/hundred_years_war_01.shtml
Em página sobre a história britânica, a BBC descreve, em inglês, a Guerra dos Cem Anos.

CULTURA NA FOGUEIRA

Na Alemanha

dia
10
1933

O chanceler da Alemanha Adolf Hitler (1889-1945) ordena a **queima de livros** considerados contrários ao nacionalismo alemão. Uma fogueira alimentada pelas obras é instalada em frente à Universidade de Berlim e em outras faculdades de grandes cidades alemãs.

Foram queimados trabalhos de autores judeus, comunistas e pacifistas, entre eles Karl Marx (1818-1883), Sigmund Freud (1856-1939), Bertolt Brecht (1898-1956) e Albert Einstein (1879-1955).

livro: *Hitler*, Joachim Fest, Nova Fronteira, 2005. Uma das mais completas biografias do chanceler nazista.



NOVA COLÔNIA INGLESA

Na Virgínia, Estados Unidos

dia
14
1607

Os ingleses fixam sua primeira colônia na América do Norte em Jamestown, próxima à atual Williamsburg, na Virgínia. O estabelecimento serviu como primeira base britânica na competição europeia pelo domínio do Novo Mundo, controlado pela Espanha desde as viagens do navegador Cristóvão Colombo no fim do século 15.

site: <http://ab.mec.edu/jamestown/jamestown.html>

Em inglês, descreve a instalação da primeira colônia e a vida da época no local.

HONRA AO MÉRITO

Em Paris, França

dia
19
1802

Napoleão Bonaparte (1769-1821), então primeiro cônsul da França, funda a Legião de Honra, uma condecoração concedida às personalidades mais representativas para a nação. Ao receber, a pessoa homenageada jurava defender a liberdade e a igualdade. Ainda hoje, a Legião de Honra é a mais alta ordem oferecida pelo governo francês.

site: <http://www.musee-legiond'honneur.fr/>

Em inglês e francês, o site do Museu da Legião de Honra descreve a história da condecoração.



ARQUIVO

“Será uma instituição que promoverá todas as nossas leis republicanas e fortalecerá a revolução. Irá remover todas as distinções de nobreza, que coloca glória herdada acima de glória adquirida e descendentes de grandes homens acima de grandes homens.”

Palavras ditas por **Napoleão Bonaparte** ao criar a Legião de Honra

SOBREVOANDO O ATLÂNTICO

Na França



dia
21
1927

O avião americano **Charles Lindbergh** (1902-1974) completa o primeiro voo solo sem escalas pelo oceano Atlântico.

A travessia aconteceu

entre as cidades de Nova York e Paris, a bordo do monomotor Spirit of Saint Louis, em cerca de 33 horas e meia.

site: <http://www.pbs.org/wgbh/amex/lindbergh/maps/>
Oferece um mapa em inglês da viagem do aventureiro.

ARQUIVO

“Vi as luzes de Paris um pouco depois das 22 horas e minutos depois estava circulando a Torre Eiffel, numa altitude de cerca de mil pés. Entendi que o campo era mais afastado que a cidade, então continuei a nordeste por 4 ou 5 milhas (...). Então retornei e me aproximei das luzes. Agora podia avistar os hangares (...) e pousei.”

Trecho do diário de Charles Lindbergh.

TERREMOTO DEVASTADOR

No Chile

dia
22
1960

A costa sul do Chile é atingida pelo mais forte terremoto já registrado pela escala Richter. O abalo de 9,5 graus gerou ondas que atingiram até 25 metros de altura e chegaram ao Japão e ao Havaí, onde causaram 61 mortes. O total de vítimas fatais é de cerca de 5700 pessoas.

site: http://earthquake.usgs.gov/regional/world/events/1960_05_22.php
Detalhes sobre a tragédia, com imagens da destruição no Chile. Em inglês.



EU ME LEMBRO

“Estava sentado em uma praça da cidade de Valdivia, quando o terremoto começou. Havia um monumento no local que se movia de um lado para o outro. Passei mais um mês no local. O que se via era destruição por todos os lados.”

Alejandro Moreno, fotógrafo

VITÓRIA SANGRENTA

No Paraguai

dia
24
1866

Começa a **Batalha do Tuiuti**, uma das mais sangrentas da Guerra do Paraguai. O Exército paraguaio se retirou deixando 6 mil mortos

e 7 mil feridos. Entre os aliados, foram mil mortos. Eram tantos corpos que os soldados brasileiros decidiram fazer uma montanha e queimá-los.



livro: *A Guerra do Paraguai (1864-1870)*, Joaci Pereira Furtado, Saraiva, 2000. O historiador conta o desenrolar do conflito, levando em conta as disputas políticas da região na segunda metade do século 19.

ARQUIVO

“Parecia uma tempestade. Cornetas tocavam à carga; cruzavam-se baionetas; rasgavam-se os corpos sadios dos heróis; espadas brandidas abriam crânios, cortavam braços e decepavam cabeças.”

Trecho do diário de guerra *Reminiscências da Campanha do Paraguai*, do soldado brasileiro Dionísio Cerqueira.

PERSEGUIÇÃO CONTRA LUTERO

Na Alemanha



dia
25
1521

Carlos V (1500-1558), imperador do Sacro Império Romano Germânico, assina o Édito de Worms, que declarava o teólogo alemão Martinho Lutero (1483-1546)

um herético, a ser capturado por causa da doutrina protestante que pregava.

site: <http://www.cresourcei.org/creededictworms.html>
Exibe a íntegra do texto do Édito de Worms. Em inglês.

LINHA DO TEMPO

Da pedra à internet

O desenvolvimento da comunicação começou devagar

A humanidade demorou para evoluir em suas formas de comunicação. Antes de inventar a escrita, passamos milhares de anos usando basicamente gestos e grunhidos. Até a fala custou a aparecer; quando ela começou a ser desenvolvida, as pinturas rupestres já existiam.

Em compensação, depois disso, tudo se acelerou. Na base da conversa, começamos a trocar conhecimentos, principalmente de caráter mitológico e religioso. A escrita não demorou a

surgir, como uma forma de registro do sonoro. No século 8 a.C., os poemas gregos *Iliada* e *Odisséia* foram escritos a partir de relatos orais.

Da linguagem escrita em diante, começamos a aplicar a tecnologia à comunicação. Nas últimas décadas, chegamos ao ponto em que um único emissor transmite sua mensagem para milhões de pessoas — é o caso do rádio e da televisão. Temos à disposição telefones fixos, celulares e internet. E o futuro promete. **FRED LINARDI**



2900 a.C.

VOE DEPRESSA!

Começava a ser usada uma das formas de se enviar dados mais resistentes ao tempo: o transporte de mensagens com **pombos-correios**. Os registros mais antigos datavam do Egito de Ramsés II, mas até 2002 as aves ainda eram usadas pela polícia indiana.

EVOLUÇÃO POR ESCRITO

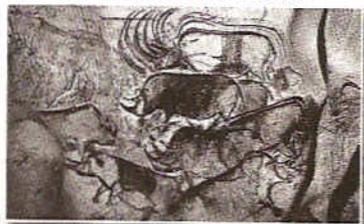
Depois do alfabeto, tudo ficou mais rápido



3800 a.C.

DESENHOS LIVRES

Enquanto o homem não sabia falar, do jeito como fazemos hoje, valia fazer **desenhos** em cavernas a partir de pigmentos de argila, hematita e carvão vegetal. A motivação das pinturas não era clara, mas certamente elas transmitiam conhecimento.



3200 a.C.

PRIMEIRAS LETRAS

Os sumérios criaram **alfabetos** formados por figuras que representam objetos do cotidiano. Com a sistematização desse tipo de desenhos, os fenícios também desenvolveram um modelo de escrita. Acabava a Pré-História, e a comunicação começava a evoluir bem mais rápido.



3000 a.C.

TELÉGRAFO DE FOGO

Surgia o sinal de fumaça, uma maneira de informar à distância. **Indígenas americanos** foram os primeiros a usar os sinais, que seguiam um princípio depois adotado nos telégrafos: um cobertor abafava o fogo e soltava a fumaça em intervalos regulares.



550 a.C.

CARTAS A GALOPE

O tataravô do correio atual nasceu com Ciro II, rei da Pérsia, que desenvolveu um sistema de postos de parada para os homens que levavam cartas a cavalo. Essa estrutura permitia que uma correspondência viajasse 2500 quilômetros com segurança.

1455

LIVROS EM SÉRIE

Para a mídia surgir e facilitar o acesso à informação, foi necessário que Johannes Gutenberg melhorasse a **impressão**, que existia havia 14 séculos na China. Sua sacada foi criar uma forma com letras independentes.



1837

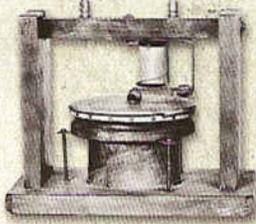
CONTATOS IMEDIATOS

O americano Samuel Morse (1791-1872) criava o **telégrafo**. Ele queria um jeito de trocar mensagens que o governo americano não entendesse. Em 1835, ele tinha inventado o Código Morse, que seria fundamental para a navegação e a aviação.

1876

FALA QUE EU ESCUTO

O escocês Alexander Graham Bell (1847-1922) patenteava nos Estados Unidos seu aparelho de **telefone**. Há quem diga que o italiano Antonio Meucci (1808-1889) teria desenvolvido seu protótipo antes, mas foi Bell que o popularizou.



1893

ONDAS SONORAS

Aparecia o **rádio**, atribuído ao italiano **Guglielmo Marconi** (1874-1937). No futuro, o croata Nikola Tesla (1856-1943) ganharia o crédito, porque a invenção de Marconi usava 19 patentes suas. Os primeiros aparelhos transmitiam Código Morse. A emissão de voz só começaria em 1918.



1929

IMAGENS NA SALA

O cientista russo **Vladimir Zworykin** (1889-1982) apresentava o **kinoscópio**, o precursor da televisão. Vários desenvolvimentos posteriores do aparelho de Zworykin levariam à industrialização e disseminação da TV, acelerada a partir de 1945.



1960

BALÃO ESPACIAL

Lançado pelos Estados Unidos, o **primeiro satélite** refletia sinais enviados a partir da Terra. Batizado de Echo 1, o aparelho consistia em um balão de náilon de 30 metros de diâmetro, visível a olho nu em vários pontos do globo.



1994

TODO MUNDO ONLINE

O governo americano liberava a circulação da **World Wide Web**, uma versão civil do sistema de troca de informações entre as redes de computadores militares. Em 1995, a internet já tinha 16 milhões de usuários. Atualmente, são 1,5 bilhão.

DITO E FEITO

“Colocar a mão no fogo”

Expressão é inspirada na Inquisição medieval

Quando colocamos a mão no fogo por alguém é porque confiamos na inocência dessa pessoa e, por isso, temos certeza de que não vamos nos prejudicar. Na Idade Média, no entanto, colocar a mão no fogo era dor na certa. Essa expressão surgiu de um método nada racional usado pela Igreja para avaliar acusados de heresia.

O julgamento consistia em envolver as mãos do réu com estopa e cera e fazer com que ele andasse por

alguns metros na frente do juiz e de testemunhas segurando uma barra de ferro em brasa. Com o calor, a cera derretia rapidamente e as mãos ficavam atadas. Três dias depois, a estopa era retirada e as mãos do acusado eram verificadas. Qualquer queimadura era considerada sinal de que a pobre criatura não havia sido protegida por Deus, e por esse motivo seria condenada à morte.

LÍVIA LOMBARDO



Cera, estopa e ferro em brasa: se queimasse, o réu era condenado à morte

“Brincar de gato e rato”

A frase se refere às mulheres inglesas do século 19

Embora a origem da expressão se relacione à perseguição dos gatos aos ratos, não foram os bichos que tornaram famosa a frase. No começo do século 20, a vida política da Inglaterra estava restrita aos homens. E muitas mulheres começaram a lutar, algumas vezes de forma violenta, para garantir o direito ao voto.

Muitas delas acabavam presas. Na cadeia, faziam greve de fome. Para evitar que as ativistas morres-

sem e dessem um mártir ao movimento, o Parlamento instituiu o “Ato de Soltura Temporária de Prisioneiros Doentes”. Determinava que prisioneiras doentes ou enfraquecidas fossem libertadas e, assim que se recuperassem, voltassem para atrás das grades. Pela semelhança com o jeito de os felinos brincarem com a presa, exercitando sua superioridade, a medida logo se tornou conhecida como “Ato do Gato e Rato”. L.L.

HISTÓRIA MALUCA



SULTÃO ESQUISITO

Poucos tiranos foram tão excêntricos quanto o sultão otomano Ibrahim, o Louco (1616-1648). Ele foi educado dentro de uma jaula de ouro. Quando adulto, queria encontrar a maior noiva possível. Casou-se com uma armênia de 200 quilos e depois mandou executar suas 283 concubinas. Acabou assassinado numa intriga palaciana. Não se sabe o que aconteceu com sua esposa.

ALFINETADA PROFÉTICA

Em 1783, o norte-americano Benjamin Franklin (1706-1790) foi a Paris, em missão diplomática. Convidou o historiador inglês Edward Gibbon (1737-1794) para jantar. Gibbon, então famoso graças a seu livro *Declínio e Queda do Império Romano*, esnobou o convite. Franklin alfinetou: “É uma pena. Eu tinha uma ideia para seu próximo livro: “Declínio e Queda do Império Britânico”. Gibbon ficou furioso. Os ingleses ainda não engoliam a independência americana, ocorrida sete anos antes.

O TERROR DOS URSOS



O ditador comunista da Romênia, Nicolae Ceausescu (1918-1989), tinha paixão por caçadas de ursos. Ao assumir o poder, em 1965, proibiu a caça no país, abrindo exceção para si mesmo. Nicolae gostava de ostentar peles de ursos nas paredes do seu palácio. Quando o ditador foi derrubado e executado, em 1989, grupos ecologistas festejaram. Era tarde demais: a população de animais do país já estava quase dizimada.

ÁLVARO OPPERMANN

Já nas bancas.



Nazistas no Atlântico: a mais mortal das espécies, no fundo do mar.

Este terceiro capítulo, do especial 70 anos da Segunda Guerra, narra em detalhes a Batalha do Atlântico. Mergulhe no interior dos U-Boats, os perigosos submarinos nazistas que quase levaram a pique o poder dos Aliados. Conheça estas terríveis máquinas de ataque e entenda porque, com a ajuda delas, a Alemanha esteve muito perto de vencer a mais longa das batalhas da Segunda Guerra.

Compre também pelo site: www.lojaabril.com.br

AVENTURAS NA
HISTÓRIA

DÚVIDA CRUEL

Como surgiram os nomes dos

Nosso calendário é regido por deuses, imperadores e números romanos

Antes de Roma ser fundada, as colinas de Alba eram ocupadas por tribos latinas, que dividiam o ano em períodos nomeados de acordo com seus deuses. Os romanos adaptaram essa estrutura. De acordo com alguns pensadores, como Plutarco (45-125), no princípio dessa civilização o ano

tinha dez meses e começava por Martius (atual março). Os outros dois teriam sido acrescentados por Numa Pompílio, o segundo rei de Roma, que governou por volta de 700 a.C.

Os romanos não davam nome apenas para os meses, mas também para alguns dias especiais. O pri-

meiro de cada mês se chamava *Calendae* e significava "dia de pagar as contas" — daí a origem da palavra calendário, "livro de contas". *Idus* marcava o meio do mês, e *Nonae* correspondia ao nono dia antes de *Idus*. E essa era apenas uma das diversas confusões da folhinha romana.

FOLHINHA MILENAR

Divisão do ano é basicamente a mesma há 20 séculos

JANEIRO

Januarius era uma homenagem ao deus **Jano**, o senhor dos solstícios, encarregado de iniciar o inverno e o verão. Seu nome vem daí: *ianitor* quer dizer porteiro, aquele que comanda as portas dos ciclos de tempo.

FEVEREIRO

O nome se referia a um **rito de purificação**, que em latim se chamava *februa*. Logo, Februarius era o mês de realizar essa cerimônia. Nesse período, os romanos faziam oferendas e sacrifícios de animais aos deuses do panteão, para que a primavera vindoura trouxesse bonança.

POR QUE 28 DIAS?

Até 27 a.C., fevereiro tinha 29 dias. Quando o Senado criou um mês de agosto para homenagear Augusto, surgiu um problema: julho, o mês de Júlio César, tinha 31 dias, e o do imperador só 30. Então o Senado tirou mais um dia de fevereiro.



MARÇO

Dedicado a Marte, o deus da guerra. A homenagem, porém, tinha outra motivação, bem menos beligerante. Como Marte também regia a geração da vida, Martius era o mês da **semeadura nos campos**.

ABRIL

Pode ter surgido para celebrar a deusa do amor, **Vênus**. Na primeiro dia do mês, as mulheres dançavam com coroas de flores. Outra hipótese é a de que Aprilis tenha se originado de *aperio*, "abrir" em latim. Seria a época do desabrochar da primavera.

MAIO

Homenagem a **Maia**, uma das deusas da primavera. Seu filho era o deus **Mercúrio**, pai da medicina e das ciências ocultas. Por esse motivo, segundo escreveu Ovídio na obra *Fastos*, Maius era chamado de "o mês do conhecimento".



meses do ano?

Até Júlio César (100 a.C.-46 a.C.) reformar o calendário local, os meses eram lunares (sincronizados com o movimento da lua, como hoje acontece em países muçulmanos), mas as festas em homenagem aos deuses permaneciam designadas pelas estações. O descompasso, de dez dias por ano,

fazia com que, em todos os triênios, um décimo terceiro mês, o Intercalaris, tivesse que ser enxertado.

Com a ajuda de matemáticos do Egito emprestados por Cleópatra, Júlio César acabou com a bagunça ao estabelecer o seguinte calendário solar: Januarius, Februarius, Martius, Apr-

lis, Maius, Junius, Quintilis, Sextilis, September, October, November e December. Quase igual ao nosso, com as diferenças de que Quintilis e Sextilis deram origem ao meses de julho e agosto. Quando e como isso aconteceu, você descobre lendo o quadro abaixo.

ÁLVARO OPPERMANN

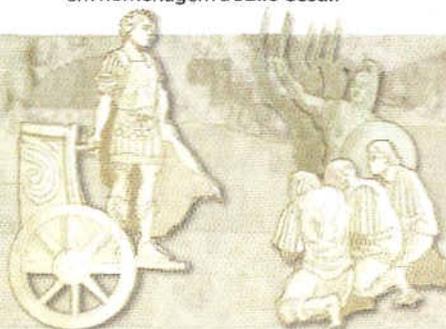
JUNHO

Faz alusão a **Juno**, a esposa de Júpiter. Se havia uma entidade poderosa no panteão romano, era ela, a guardiã do casamento e do bem-estar de todas as mulheres.



JULHO

Chamava-se Quintilis e era simplesmente o nome do quinto mês do antigo calendário romano. Até que, em 44 a.C. o Senado romano mudou o nome para Julius, em homenagem a **Júlio César**.



AGOSTO

Antes era Sextilis, "o sexto mês". De acordo com o historiador Suetônio, o nome Augustus foi adotado em 27 a.C., em homenagem ao primeiro imperador romano, **César Augusto** (63 a.C.-14 d.C.).



SETEMBRO A DEZEMBRO

Para os últimos quatro meses do ano, a explicação é simples: setembro vem de Septem, que em latim significa "sete". Era, portanto, o sétimo mês do calendário antigo. A mesma lógica se repete até o fim do ano. Outubro veio de October (oitavo mês, de *octo*), novembro de November (nono mês, de *novem*, e data do Ludi Plebeii, um **festival em homenagem a Júpiter**) e dezembro de December (décimo mês, de *decem*).



E O ANO BISSEXTO?

Dia extra a cada quatro anos corrige distorção

Ao adotar o calendário solar, em 44 a.C., Júlio César criou o ano de 365 dias e um quarto. Por causa dessa diferença, a cada quatro anos era necessário atualizar as horas acumuladas com um dia extra. O problema do calendário juliano é que, na verdade, um ano tem 11 minutos e 14 segundos a menos do que se estimava.

Por isso, em 1582, o papa **Gregório XIII** (1502-1585) anulou dez dias do calendário e determinou que, dos anos terminados em 00, só seriam bissextos os divisíveis por 400. E o nome "bissexto" tem uma explicação curiosa: em Roma, celebrava-se o dia extra no sexto dia de março, que era contado duas vezes.



PAULISTANOS DA GEMA

O beirute e o polpettone foram inventados na cidade de São Paulo

Muita gente acha que o sanduíche beirute foi importado da culinária árabe, e que o tradicional polpettone, aquele bolo de carne recheado de queijo e mergulhado em molho de tomate, é receita italiana. Pois acredite, esses dois pratos tão populares são invenções de restaurantes paulistanos. E, de tão famosos, já são copiados pelo país afora. Veja onde e como eles surgiram:



©1

► Lá pelos anos 50, era moda na cidade o sanduíche bauru, feito com pão francês e recheio quente de tomate, queijo e rosbife. A receita em versão adaptada, com pão de forma, estava no cardápio do Dunga, lanchonete localizada no bairro do Paraíso, propriedade os irmãos libaneses Jorge e Fauze Farah. Eis que, um belo dia, faltou pão de forma, e a solução foi substituí-lo por pão sírio. O toque final foi uma pitadinha de záhtar, especiaria árabe. Para diferenciá-lo do bauru, a dupla batizou o novo sanduíche de **beirute**, em homenagem à capital do Líbano. E acabou entrando para a história.



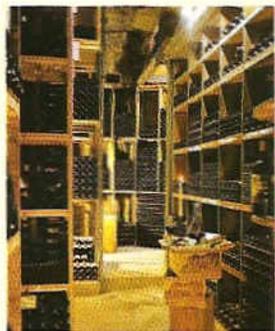
©2

► Quando os imigrantes italianos desembarcaram em São Paulo, trouxeram na bagagem, entre outras receitas, um tradicional bolo de carne, o **polpettone**. Mas a versão que ficou mais conhecida por aqui, com queijo e muito molho, saiu da cozinha da cantina Jardim de Napoli, propriedade de Antonio Buonerba, na década de 70. No começo, era feito de pontas de filé mignon descartadas. Depois de batida, a carne era recheada com mussarela, empanada e frita. A receita de hoje é diferente, secretíssima, e já foi até patenteada.

JÓIAS ENGARRAFADAS

Adega do hotel parisiense abriga vinhos centenários

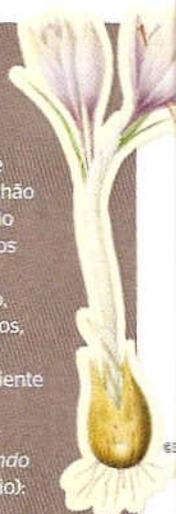
Erguido em 1928, o hotel George V, em Paris, é um símbolo do glamour. Além dos quartos luxuosos, que custam a partir de 2300 reais, o lugar abriga o restaurante Le Cinq. Uma das maiores riquezas do hotel, porém, fica no subsolo. A **adega do George V** já nasceu fazendo história: as pedras retiradas na escavação da galeria foram usadas para erguer o Arco do Triunfo. E, durante a Segunda Guerra Mundial, o acervo foi emparedado para escapar da pilhagem alemã. O hotel trocou de proprietário em 1997 e as 80 garrafas remanescentes foram leiloadas. Hoje a adega tem 50 mil garrafas, entre elas, raridades que justificam as visitas guiadas que ocorrem ali: a mais antiga, um vinho Madeira, safra 1850, vale 100 mil reais.



©3

ANTIGO E CARO

O mais caro tempero do mundo é o **açafraão**, que chega a custar 7 dólares o grama. Isso acontece porque ele é difícil de obter: meio milhão de flores geram apenas 1 quilo de estigmas, aqueles fiozinhos avermelhados que tingem diversos pratos. Muito antigo, foi usado por egípcios, fenícios, gregos, romanos e árabes. O açafraão também foi o ingrediente mais falsificado da história, segundo Rosa Nepomuceno em *Viagem ao Fabuloso Mundo das Especiarias* (José Olympio): "Os estigmas podem ser, por exemplo, os das flores da arnica ou de um tipo de margarida ou ainda do cártamo, chamado de açafroa, usado de longa data por egípcios e chineses para tingir tecidos e fazer remédios".



©5

CLUBE DO BOLINHA

No Brasil do século 19, a refeição do meio-dia era exclusividade de homem. É o que se descobre em um manual de culinária lançado na época, chamado *Cozinheiro Nacional*. No trecho destinado às regras de etiqueta, o autor, desconhecido até hoje, explica: "O almoço é uma refeição à qual as senhoras raras vezes assistem". A regra era colocar todas as comidas de uma só vez na mesa. "Esse arranjo permite aos homens ficarem só entre si, sem a presença de senhoras e criados, e por isso, é favorável à livre discussão entre amigos."

DO BOTEÇO PARA A GELADEIRA

O brasileiro consome cerveja desde o fim do século 18. Mas o hábito só se popularizou após a chegada da família real, em 1808. Em 1836, o *Jornal do Comércio* anunciava que a produção de uma pequena fábrica brasileira estava à venda no Rio de Janeiro. Mas, naquele tempo, a cerveja era considerada boa para ser tomada apenas no balcão do botequim. Só na segunda metade do século 19 a loura gelada entrou nas casas para nunca mais sair, principalmente depois que as geladeiras elétricas invadiram as cozinhas.



©4

PARA GOSTAR DE LER

A historiadora Mary Del Priore fala sobre a importância de os pais e os professores lerem para as crianças



Mary Del Priore
historiadora

Antes de se tornar uma escritora de prestígio, a historiadora Mary Del Priore era uma leitora dedicada. E sua paixão pelos livros nasceu cedo. “Aos 10 anos, eu lia tudo o que me caía nas mãos, inclusive os chamados autores proibidos, como Jorge Amado ou Henry Miller, motivo, certa vez, de suspensão escolar”, conta. Autora de 20 livros, entre eles, *História das Mulheres no Brasil*, essa carioca de 56 anos está certa de que os pais têm grande po-

der de influenciar esse hábito nos filhos. “Penso que a presença de pais leitores é fundamental. Pais podem inscrever seus filhos em bibliotecas municipais ou ler junto com eles”, defende, sem, no entanto, livrar os professores de sua responsabilidade: “A grande escritora infanto-juvenil Ana Maria Machado costuma dizer em suas palestras que o maior problema hoje são os professores que não leem e não podem transmitir para seus alunos a paixão pelo livro.”

O Brasil só melhora com Educação de qualidade
E você tem tudo a ver com isso

www.cine-master.blogspot.com

— Realização: —



UNINORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO NORTE
Laureate International Universities®



Povo marcado

* Os anos seguintes à Lei Áurea não foram nada fáceis para os ex-escravos. Libertos, sem rumo e sem teto, os negros espalhados pelas cidades e fazendas brasileiras não receberam um tostão pelos 350 anos de trabalho forçado

POR Felipe van Deursen DESIGN Débora Bianchi ILUSTRAÇÕES Marcelo Gomes

Vestida em rendas valencianas e sedas peroladas, a princesa regente procurava passagem no meio da multidão de 10 mil pessoas, na tentativa de chegar ao balcão do Paço, no Rio de Janeiro. Sob uma chuva de flores atiradas por senhoras, conseguiu subir à sacada. Eram 15 para as 3 da tarde quando entrou na sala do trono e assinou a lei 3 353 com uma pena de ouro. Do lado de fora, ao saber que a princesa Isabel havia sancionado a Lei Áurea e posto fim à escravidão, o povo explodiu em gritos, vivas, salves. Festa parecida com a que tomou a ilha de

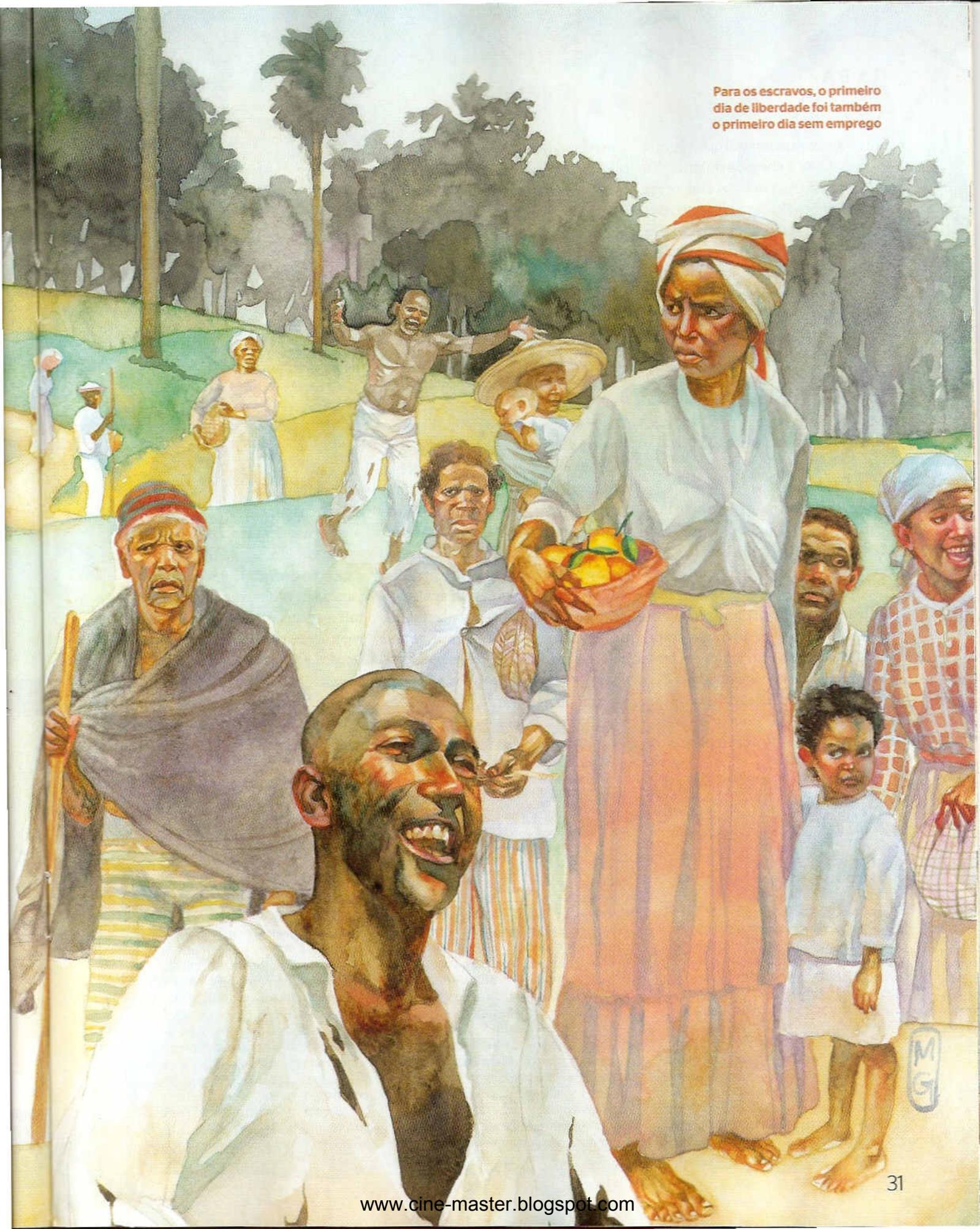
Itaparica, na Bahia: por três dias e três noites, tambores e batuques ecoaram pelas copas das mangueiras. Mas os relatos de uma velha escrava da ilha contam que, acabada a comemoração, o senhor do engenho reuniu todos os escravos e os mandou embora, um a um. Os negros partiram dali sem terra, sem comida, sem dinheiro, sem sapatos, vestidos em roupas velhas de algodão grosso. Naquela dispersão miserável começava a liberdade.

De acordo com os termos da Abolição (de 13 de maio de 1888), a lei oficializou o princípio jurídico da igualdade. “Muitos foram os que saíram dos engenhos e fazendas para

buscarem a liberdade na pesca e na mariscagem, outros para seguirem Antônio Conselheiro. Houve os que se embrenharam nas matas para constituírem os novos quilombos. Para todos esses rurais, o preço da liberdade era a miséria. Para a grande maioria, no entanto, a impossibilidade de acesso à terra tolhia os sonhos de liberdade”, escreveu o historiador Ubiratan Castro de Araujo, no artigo “Reparação Moral, Responsabilidade Pública e Direito à Igualdade do Cidadão Negro no Brasil”.

O regime escravocrata já estava enfraquecido desde o início do século 19, e a lei significou, na prática, o ►

Para os escravos, o primeiro dia de liberdade foi também o primeiro dia sem emprego



M
G

► fim do sistema mercantil que vigorou no país desde a chegada do primeiro navio negreiro, em 1531. Dos cerca de 10 milhões de negros capturados em diversas regiões da África para serem vendidos como escravos destinados às Américas, aproximadamente 4 milhões desembarcaram na costa brasileira. Nagôs, jejes, angolas e benguelas foram algumas das principais etnias obrigadas a viver por aqui. Representam muito do que somos hoje: uma nação que conviveu com três séculos e meio de escravidão e apenas 121 anos de trabalho livre.

À venda

A escravidão não é invenção dos portugueses e já existia na África. Mas o tráfico mercantil, liderado por Portugal e depois pelo Brasil, espalhou a prática em escala sem precedentes no oceano Atlântico. "Perversidade intrínseca: escravos eram adquiridos pelos traficantes em troca de mercadorias produzidas pela força de trabalho escrava", escreveu o historiador Jaime Pinsky em *A Escravidão no Brasil*. Eram embarcados

entre 200 e 600 negros na África, a cada viagem. Vinham amarrados por correntes e separados por sexo. Sofriam, além do desconforto físico, falta de água e doenças. No século 19, dos que vinham de Angola, 10% morriam na travessia, que demorava de 35 a 50 dias.

Assim que chegavam ao Brasil, eles eram postos em quarentena, a fim de evitar mais perdas por doenças. E, para causarem boa impressão, submetidos à engorda e besuntados em óleo de palma, que escondia feridas e dava vigor à pele. Faziam exercícios para combater a atrofia muscular e a artrose. Depois, seguiam para os mercados de negros da cidade, como o Valongo, na Gamboa, região central do Rio de Janeiro. De cabelos raspados, velhos, jovens, mulheres e crianças eram avaliados pela clientela, que apalpava dentes, membros e troncos. Um viajante alemão, em viagem à Bahia no século 19, descreveu: "Assim, pelados, sentados no chão, observando, curiosos, os transeuntes, pouco se diferenciavam, aparentemente, dos macacos".

Terra de branco

A casa-grande era fortaleza, banco, escola e hospedaria

1 FÉ CEGA

Na sala as orações eram feitas em latim. Os africanos reinterpretavam: *Resurrexit sicut dixit* ("ressuscitou, como havia dito") virou, na prática, "reco-reco Chico disse".



A existência do mercado chegou a se tornar problema de saúde pública, porque os mercadores atiravam cadáveres de africanos em um terreno próximo. Um juiz do distrito, em 1815, ordenou aterrar a área e proibiu a prática: "Mande notificar a todos os negociantes que recolherem pretos no Valongo para que nunca mais se atrevam a lançar para ali cadáveres". Hoje, resta quase nada desses mercados. "A urbaniza-

Rebeldes de Santana: direitos por escrito

Revoltosos de Ilhéus redigiram uma pauta com 19 exigências para melhorar suas condições de trabalho

"Os atuais feitores não os queremos, faça eleição de outros com a nossa aprovação". Essa era uma das 19 reivindicações apresentadas pelos escravos ao dono do engenho de Santana, em Ilhéus, na Bahia, onde trabalhavam cerca de 300 homens. O levante aconteceu em 1789, quando seus integrantes mataram o supervisor e fugiram. Encurralados, propuseram um inusitado tratado de paz — escrito. Pesquisadores acreditam que o grau de alfabetização dos escravos dificilmente ultrapassou 1%. Mesmo assim, esse grupo conseguiu redigir seus objetivos. Entre eles, a redução da jornada de trabalho (menos 30% da colheita diária),

folga nas sextas e sábados, mais tempo para dedicar aos seus lotes de terra e ao cultivo de suas hortas, transporte para levar seus produtos ao mercado, tratamento especial para as mulheres (menos tempo na lida) e até o controle do engenho, além do direito de recusar certas tarefas tidas como sujas, que deveriam ser delegadas aos "pretos minas (*modo generalizado de chamar os africanos, para diferenciá-los dos nascidos no Brasil*)". No pedido final, a esperança: "Poderemos brincar, folgar e cantar em todos os tempos que quisermos, sem que nos impeça e nem seja preciso licença". Os negros de Santana não pediam explicitamente

o fim da escravidão, nem mencionavam os castigos corporais, mas defendiam melhores condições de trabalho e disponibilidade para os esforços destinados à compra da liberdade. Não adiantou. O proprietário fingiu aceitar o tratado, prendeu e vendeu a maior parte de seus autores, liderados pelo escravo Gregório Luís. Embora fosse considerado um bem, como um animal, o escravo era julgado como homem quando cometia um crime. A maioria das rebeliões escravas ocorreu nas cidades — notadamente na Bahia. "Escravos urbanos tinham mais espaço para se encontrar e se organizar", diz a historiadora Ynaê Santos.

2 INOCÊNCIA PERDIDA

Crianças brancas e negras andavam nuas e brincavam juntas até os 5 ou 6 anos. Tinham os mesmos jogos, baseados nos mesmos personagens fantásticos do folclore africano. Mas, aos 7 anos, a criança negra enfrentava sua condição e precisava começar a trabalhar.



4 A COZINHA

A cozinheira era muito valorizada na casa-grande. Conquistou o gosto dos europeus e brasileiros para os pratos de origem africana como vatapá e caruru, comuns na mesa patriarcal do Nordeste. A cozinha ficava num anexo da casa, separada dos cômodos principais por depósitos ou áreas internas.

3 ESCOLA PROIBIDA

Não havia escola para escravos e forros, mas, algumas poucas vezes, aqueles que trabalhavam na casa-grande, bilingües na prática, iam à sala de aula.

ção, apoiada pela consciência culpada, destruiu esses vestígios”, afirma a historiadora Katia de Queirós Mattoso no livro *Ser Escravo no Brasil*.

O mesmo ofício que proibiu covas rasas no pântano do Valongo impôs, como penalidade, multa de 30 mil-réis aos armazéns responsáveis, identificados pelas marcas feitas a ferro quente na pele dos escravos. Segundo documentos do Arquivo Nacional, os negros ganhavam, ainda na África, as iniciais do traficante; e, ao chegarem aqui, as letras de seus proprietários. A

cada vez que fossem vendidos, seriam novamente marcados. Dom Manuel, rei de Portugal, foi um dos primeiros a adotar essa prática dolorosa, no início do século 16, com os escravos da coroa. Também era comum gravar uma cruz no peito dos que eram batizados. E, em 1741, o governador da capitania do Rio, Gomes Freire de Andrade, determinou que os negros fugitivos, uma vez pegos, fossem marcados com um F e obrigados a usar um cordão de estacas. De modo que, se escapassem uma segunda vez,

teriam como castigo adicional uma orelha cortada. As marcas e mutilações só seriam extintas com o Código Criminal do Império, em 1842.

Imensa minoria

Esse povo marcado ia tocando a vida em frente e se misturando à cultura brasileira. “A alforria e a miscigenação geraram uma população mestiça livre que gradualmente se tornou, já na época colonial, quase tão numerosa quanto a escrava, tendo limitações, entretanto, no ▶

► exercício do sacerdócio, na tropa de primeira linha ou no preenchimento de cargos públicos”, escrevem os pesquisadores Ida Lewkowicz, Horacio Gutiérrez e Manolo Florentino no livro *Trabalho Compulsório e Trabalho Livre na História do Brasil*. Segundo eles, em 1872, pardos e mulatos livres já eram maioria, ou 42% da população: 4,2 milhões, em comparação a 1,5 milhão de escravos. Ou seja, os negros estavam em vastas áreas rurais e ocupavam as ruas das principais cidades da colônia.

No cenário posterior à Abolição, surgiram tentativas de estabelecer novas relações de trabalho para esse grande contingente. “O fim da escravidão era uma possibilidade de recomeço”, escreveu Ubiratan Castro de Araujo. Ele cita o caso raro do advogado Leovigildo Filgueiras, que chegou a criar uma entidade para intermediar contratos entre ex-escravos e novos patrões, a Sociedade Treze de Maio. Mas em vão: “Nem mesmo essa tentativa de precoce terciariza-

ção [criação de um setor terciário, de serviços] funcionou. Continuaram os favores, as obrigações e as clientelas”. Outra experiência foi a Guarda Negra — segundo o historiador, um movimento político de apoio à princesa Isabel e ao Terceiro Reinado, que pretendia arregimentar simpatia popular e abrir frentes de trabalho onde antes só havia brancos. “Assistimos então pelos jornais baianos ao debate entre negros da Guarda e negros republicanos, que identificavam a monarquia com a escravidão. Uma vez vitoriosa a República em 1889, a Guarda Negra foi suprimida e os seus líderes mais ativos banidos para a Amazônia, como foi o caso do baiano Manuel Benício dos Santos, conhecido como Macaco Beleza.”

A sociedade branca não queria perder seus privilégios. E tratou de reforçar todos os comportamentos que distanciassem os negros na hierarquia social e na divisão do trabalho. Salvador, a terceira cidade com o maior número de negros no Brasil

no século 19 (a primeira era o Rio), exemplificou a recusa: “Após 1888, a sociedade baiana torna-se um corpo assentado, fechado. Suas camadas superiores assumem uma consciência, aguda como nunca antes, de tudo do que pode separar o homem branco do preto ou do mestiço. A cor da pele, antes ‘esquecida’, torna-se, entre ricos e pobres, uma fronteira nítida. O branco da terra que não teve sucesso econômico passa a ser um negro. (...) Nas relações humanas fortalecem-se todas as regras da humildade, da obediência e da fidelidade dos séculos de escravidão”, afirma Kátia Mattoso. No caso dos negros dispensados em Itaparica, por exemplo, a pesquisadora diz que “muitos atravessam a baía, refugiam-se na grande cidade, acrescentam-se a uma população marginal que tem todas as dificuldades do mundo para arranjar trabalho”.

Cidade negra

O Brasil foi o país de maior e mais longa escravidão urbana. Nas cidades, o escravo tinha mais independência do que no campo. “Ele circulava nas ruas, estabelecia vínculos com os homens livres humildes”, escreveu Kátia. Havia mais chances de encontrar membros da mesma etnia, em festas e confrarias religiosas realizadas em praça pública, e a presença do senhor era menos opressiva. Os escravos, mestiços, forros, libertos circulavam fornecendo serviços, e podiam ser alugados. Os acordos com os senhores também eram flexíveis: havia escravos que recebiam somente comida e roupa, outros, “escravos de ganho”, repassavam ao senhor uma porcentagem dos pagamentos feitos pelos seus clientes.

Eles vendiam doces, refrescos, frutas, aves e ovos, roupas, chaleiras, velas, estatuetas de santos, poções

Salários e indenizações

Ex-escravos receberam pagamento depois da abolição nas Antilhas

Nas colônias britânicas, a abolição teve tratamento jurídico e social bem diferente do Brasil. Ficou estabelecido nas Antilhas que os trabalhadores ficariam com seus antigos senhores em troca de um soldo, durante quatro anos. E os proprietários das plantações foram indenizados. “O saldo da abolição nas Antilhas britânicas foi inegavelmente positivo para os descendentes de africanos que foram libertados, por causa da atitude dos próprios ex-escravos. Sempre que possível, eles se recusaram a trabalhar sob condições semelhantes às vigentes durante a escravidão, lutando para se converterem em camponeses”, afirma o historiador Rafael Marquese, da Universidade de São Paulo. Se a Inglaterra agiu assim por consciência social ou interesse

econômico é uma questão polêmica. Por um lado, é sabido que a Revolução Industrial, que vigorava desde o século 18, pedia consumidores para a produção em larga escala. Por outro lado, já havia na Europa a propagação de um sentimento abolicionista. Segundo Marquese, “o que estava na cabeça dos antiescravistas que militavam na Grã-Bretanha não era simplesmente a ampliação do mercado consumidor no mundo colonial, mas uma transformação mais ampla de ex-escravos em agentes econômicos disciplinados conforme a lógica do mercado, segundo os moldes prescritos pelo pensamento liberal”. Sob essa perspectiva, Adam Smith já advertia, em *A Riqueza das Nações*, que a escravidão era contraproducente, pois homens livres trabalhavam mais e melhor.

de amor. Ou atuavam nos demais ofícios, como barbeiros, ferreiros, quitandeiros, parteiras, doceiras, mascates, lixeiros, carregadores. Transportavam tudo nos ombros e nos braços, até pessoas — brancos brasileiros e estrangeiros acomodados em cadeirinhas almofadadas. O dinheiro acumulado na prestação desses serviços podia um dia comprar a carta de alforria. Sabendo disso, os senhores renovavam as exigências na negociação. Uma escrava costureira, libertada em 1728, aceitou continuar servindo de graça a sua senhora. E o mulato Isidoro Baptista teve a liberdade prometida para “uma hora antes da morte” de seu senhor. Na década de 1880, sentindo o fim da escravidão, muitos senhores emitiram dezenas de alforrias de uma só vez, sob a condição de que os escravos trabalhassem mais sete anos.

Nas cidades, ficava difícil, mas possível, comprar a alforria. Nas fazendas de café ou nos canaviais, contudo, era mais raro. Os engenhos de açúcar impunham uma rotina brutal. Durante a safra, eles funcionavam por até 20 horas por dia, com 80 a 100 pessoas na lida, a maioria homens africanos. Entre plantar, limpar, colher e transportar, as funções eram distribuídas de modo que cada escravo cumprisse uma parte, mas só o engenho fizesse açúcar. Isso mesmo, no Brasil Colônia já havia uma espécie de “fordismo” tropical. Surgem cargos como mestre-de-açúcar e caldeireiro, que podiam ganhar recompensas e até salários. Escravos mulatos ou nascidos no Brasil, conhecidos como crioulos, eram favorecidos na disputa desses postos, em relação aos africanos, vindos, principalmente, da Costa da Mina, noroeste do con-▶

A senzala

Um único espaço se destinava ao lazer e sono de todos os escravos

VISITA ÍNTIMA

Normalmente, divisões internas da senzala separavam homens e mulheres. Mas, algumas vezes, era permitido aos poucos casais aceitos pelo senhor morarem em barracos separados, de pau-a-pique, cobertos com folhas de bananeira.

ROÇA

Aos domingos, os escravos tinham direito de cultivar mandioca e hortaliças para consumo próprio. Podiam, inclusive, vender o excedente na cidade. A medida combatia a fome do campo, pois a monocultura de exportação não dava espaço a produtos de subsistência.

HORA DO TAMBOR

Quando a noite caía, o som dos batuques e dos passos de dança dominava a senzala. As festas e outras manifestações culturais eram admitidas, pois a maioria dos senhores acreditava que isso diminuía as chances de revolta.

▶ tinte, e região de Angola. “A mão de obra escrava foi a força motriz dos principais ciclos econômicos do país”, afirma Gustavo Acioli, doutor em História Econômica pela USP. Em 1700, um negro adulto (de 14 a 45 anos) custava cerca de 100 mil-réis. Mas o valor variou conforme a demanda nos vários setores, em especial açúcar, algodão e café.

Segundo afirma Stuart Schwartz, historiador da Universidade de Yale, no livro *Escravos, Roceiros e Rebeldes*, “o que os agricultores ofereciam

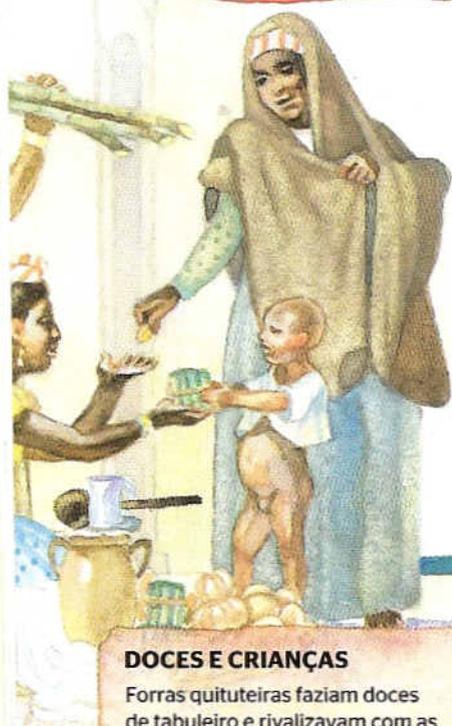
como incentivos, para alcançar seus objetivos, podia ser interpretado pelos escravos como uma oportunidade que talvez lhes melhorasse a vida”. Os escravos do açúcar tinham possibilidades mínimas de conquistar algum benefício, mas se agarravam a essas chances, submetidos à péssima condição que limitava sua expectativa de vida, no fim do século 18, a 23 anos, em média. As punições incluíam o chicote, as máscaras de flandres, o tronco, entre outras, mas eram raras, porque afetavam o rendimento do escravo e, de quebra, o do engenho.

A situação dos escravos não era a mesma em todo o país. No século 18, os homens trazidos para procurar fortunas de ouro e diamantes no leito dos rios de Minas Gerais levavam uma vida bem diferen-

te daquela dos engenhos de cana. Uma mina empregava no máximo 30 escravos. Curvado, com os pés na água, o negro procurava as sonhadas pedras por horas a fio, parando somente para comer e fumar. Mas, se vivia mais isolado, o mineiro tinha mais mobilidade. “A mineração, mais que outros setores econômicos, propiciou aos escravos maior acesso à alforria e alguma mobilidade social graças à possibilidade de reunir um pecúlio”, escrevem os autores de *Trabalho Compulsório e Trabalho Livre na História do Brasil*. Uma única pepita podia comprar a liberdade. Isso estimulou outra característica peculiar da escravidão brasileira – a existência dos senhores negros, libertos que conseguiam acumular patrimônio

Salvador de pé no chão

Na primeira capital do Brasil, quase metade da população era escrava



DOCES E CRIANÇAS

Forras quituteiras faziam doces de tabuleiro e rivalizavam com as receitas das escravas que pilotavam as cozinhas das senhoras. Além de atrair clientes, elas tinham de cuidar dos filhos, brincando à sua volta. Pelas ruas da cidade, havia crianças aos montes e muito barulho.

ESPECIALIZADOS

Com a expansão das cidades, multiplicam-se escravos urbanos em ofícios especializados, como pedreiros, vendedores de galinhas, barbeiros e rendeiras.

Os carregadores zanzam de um lado a outro, levando baús, barris, móveis e, claro, brancos.



e ter seus próprios escravos. Embora fosse a minoria da minoria (no Rio ou em Salvador, as alforrias não passavam de 2% da população), isso acontecia, especialmente nos centros urbanos e nas minas.

Em 1888, o Brasil se tornou o último país do Ocidente a abolir a escravidão. E os ex-escravos tiveram de se virar para serem absorvidos pela sociedade e sobreviverem. Dependendo da área em que atuavam — nas minas, na lavoura, nos ofícios urbanos —, foram integrados de forma diferente ao mercado. Alguns trabalhadores da cidade tiveram a grande vantagem de dominar um ofício e, em alguns casos, contar com uma clientela. No campo ou na capital surgiram os contratos que repetiam o clientelismo, o compadrio, quando não

a própria violência física. “O caso exemplar é das escravas domésticas, que mantiveram suas relações com as patroas”, afirma a historiadora Ynaê Santos, pesquisadora da escravidão urbana.

Finalmente, muito dessa história se perdeu. Então ministro da Fazenda, Rui Barbosa mandou queimar, em 14 de dezembro de 1890, os registros de posse e movimentação patrimonial envolvendo todos os escravos, o que foi feito ao longo de sua gestão e de seu sucessor. A razão alegada para o gesto teria sido apagar “a mancha” da escravidão do passado nacional. Mas especialistas afirmam que Rui Barbosa quis, com a medida, inviabilizar o cálculo de eventuais indenizações que vinham sendo pleiteadas pelos antigos proprietários de escravos. Apenas 11 dias depois da Abolição,

um projeto de lei foi encaminhado à Câmara, propondo ressarcir senhores dos prejuízos gerados com a medida. Mas, mesmo sem os papéis, a escravidão deixou marcas duradouras e traços para sempre visíveis na História do país. ●

saiba mais

LIVROS

Escravos, Rocelros e Rebeldes, Stuart Schwartz, Edusc, 2001

O historiador norte-americano analisa em que medida os escravos conseguiram (ou não) organizar suas vidas.

Trabalho Compulsório e Trabalho Livre na História do Brasil, Ida Lewkowicz, Horácio Gutiérrez, Manolo Florentino, Coleção Paradidáticos, Unesp, 2008

Estudo das estruturas de trabalho no Brasil, através dos ciclos da cana, do café e do ouro.

Ser Escravo no Brasil, Kátia de Queirós Mattoso, Brasiliense, 2003

Informações sobre a rotina dos escravos e os processos de alforria no Brasil, especialmente na Bahia.

Casa-Grande e Senzala, Gilberto Freyre, Global, 2005

Clássico da sociologia, descreve a formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal, com análise detalhada de um engenho de açúcar pernambucano.

SITE

www.historiacolonial.arquivonacional.gov.br

Portal do Arquivo Nacional sobre a história luso-brasileira.

www.educarparacrescer.com.br

CADA UM NO SEU QUADRADO

Nas esquinas, forros e escravos de mesmas etnias ou ofícios se reuniam à espera de clientes. Eram os “cantos”, agrupamentos estimulados pela administração pública, que instigava hostilidades entre os negros para evitar a associação em massa contra a elite branca.

POST-SCRIPTUM Por Luiz Felipe de Alencastro*

A escravidão no Brasil

Quatro milhões de africanos foram a força motriz da nação

Nos meados do século 16, a introdução da cana-de-açúcar encadeia a escravidão africana na América portuguesa. Trocas comerciais com o golfo de Guiné e Angola consolidam a importação de africanos. Persistindo ainda em São Paulo e na Amazônia, a escravidão indígena torna-se secundária na segunda metade do século 17. O crescimento constante do tráfico negreiro dá origem às fugas de escravos, ampliando a repressão contra os quilombos em Palmares e noutras regiões. Segundo uma lei régia de 1741, todo grupo com mais de cinco escravos fugidos, ou suspeitos de fuga, era considerado um quilombo, arriscando-se, desde logo a ser massacrado ou reduzido à escravidão por capitães de mato.

Nas cidades, diversificam-se os empregos para escravos - artesãos, vendedores ambulantes - usados por seus senhores ou transformados em "escravos de ganho" e alugados a terceiros. Mediante cláusulas testamentárias de proprietários ou concessões para que os escravos pudessem comprar sua própria liberdade, as alforrias se multiplicam. Submetida à vontade dos senhores, a promessa de alforria também funcionava como um fator de controle e de exploração dos escravos.

Depois da Independência, o Brasil apresenta-se como o único país independente das Américas que pratica o tráfico de africa-

nos. Proibido em 1831, o tráfico prossegue ilegalmente até 1850. De 1550 a 1850 desembarcaram cerca de 4 milhões de escravos, transformando o Brasil no maior país negreiro das Américas.

Tais circunstâncias explicam as três características do escravismo brasileiro: a) a presença de donos de escravos em todas as camadas da população livre, tanto entre os fazendeiros como entre as famílias remediadas; b) a extensão do escravismo nas cidades; c) a prática difundida de alforrias.

Com 266 mil habitantes em 1849, dos quais 110 mil eram escravos (41,3%), o Rio de Janeiro possuía a maior concentração urbana de escravos das Américas. Em 1871 é votada a Lei do Ventre Livre, decretando a liberdade dos filhos das escravas nascidos. Todavia, o efeito da lei é diminuído pelo dispositivo assegurando aos senhores o usufruto desses indivíduos até a idade de 21 anos. O primeiro recenseamento nacional, de 1872, mostrou que o país tinha 9 915 000 habitantes, entre os quais 1 509 000 escravos (15,2% da população). Em 1885, a Lei dos Sexagenários decretava a liberdade dos escravos com mais de 60 anos, idade que poucos atingiam na época. Entretanto, tomava corpo um movimento abolicionista, presente no Parlamento, no corpo de magistrados e de advogados, assim como nos setores radicais urbanos, pregando o fim da escravidão. Ao mesmo tempo,

aumentava a resistência dos escravos trazidos das zonas rurais estagnadas do Nordeste para as fazendas de café do Centro-Sul, onde a cadência do trabalho era mais dura. A convergência entre o movimento abolicionista nas cidades e as revoltas de escravos no interior do estado de São Paulo acelera a crise do sistema.

No dia 13 maio de 1888, o Parlamento vota a Abolição imediata, sem indenização para os proprietários de escravos. Assim, o Brasil será o último país americano a extinguir a escravidão. Ao mesmo tempo em que perdia o apoio de muitos fazendeiros opostos à Abolição, a monarquia não conseguia limitar o avanço dos republicanos no setor urbano: um ano mais tarde ocorre a proclamação da República. Na realidade, a maioria dos republicanos havia pactuado com os fazendeiros, isolando a fração dos abolicionistas, composta tanto por monarquistas quanto por republicanos, que defendia uma reforma agrária, visando acabar com "a escravidão e com os males que a escravidão criou", como escreveu o líder abolicionista e monarquista Joaquim Nabuco.

Luiz Felipe de Alencastro
Historiador,
diretor do Centro
de Estudos
Brasileiros e do
Atlântico Sul da
Universidade de
Paris-Sorbonne.



VIAGEM DO



 NATIONAL
GEOGRAPHIC
BRASIL

Participe do II Desafio National Geographic

Inscrições Gratuitas até 31/07/2009

1ª prova: 10/08/2009

Como se inscrever

Consulte seu professor de Geografia ou a direção da sua escola

Quem pode participar

Estudantes do 8ª e do 9º ano do Ensino Fundamental e 1ª série do Ensino Médio

Regulamento e informações www.viagemdoconhecimento.com.br

E-mail: viagemdoconhecimento@abril.com.br

Realização

 EDITORA **Abril**

Patrocínio


Prá viajar de verdade, seu destino é a CAIXA.

Apoio



Escolha.

Apoio Institucional

 UNDIME

 consed

 Fundação
Niterói Cívica

 escola

 e3

 editora estylo

 GURU

 Viagem

 viajeaquí
.com.br



A lista de Aristides

O diplomata português salvou mais gente na Segunda Guerra Mundial que o alemão Oskar Schindler. Como recompensa, foi condenado pela ditadura de Salazar à pobreza e à desonra

POR Mauro Tracco DESIGN Michele Kanashiro

Em 2006, a Rádio e Televisão de Portugal (RTP) pediu a seus telespectadores que escolhessem o “maior português de todos os tempos”. Aristides de Sousa Mendes ficou em terceiro lugar, à frente de nomes como Fernando Pessoa, Luís de Camões e o marquês de Pombal. Mas, se a pesquisa fosse feita 20 anos antes, ele provavelmente não teria recebido nenhum voto. Em junho de 1940, cônsul português em Bordeaux, ele desobedeceu às ordens do ditador António de Oliveira Salazar (1889-1970) e concedeu visto a milhares de refugiados que escapavam das tropas de Hitler enquanto os nazistas invadiam a França. Estima-se que 30 mil pessoas foram salvas, das quais 10 mil eram judeus.

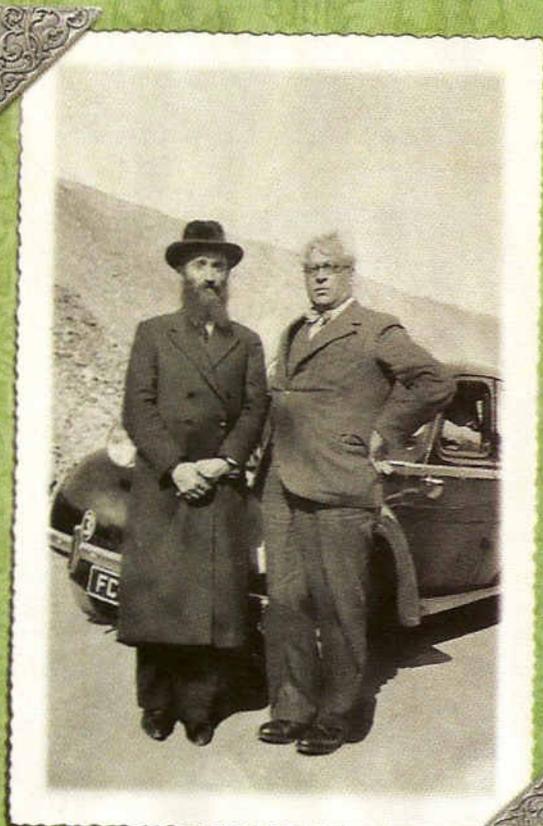
Pela decisão, Aristides foi destituído do consulado e condenado a ficar sem trabalho. O aristocrata, partidário da monarquia e de valores lusitanos tradicionais, era um aspirante improvável ao papel de herói. No entanto, diante das circunstâncias extremas que se apresentaram, ele mostrou sua verdadeira natureza. Aos 55 anos, arriscou uma carreira bem-sucedida e o futuro de sua família para salvar as vidas de desconhecidos. “Aristides ►



© SUD-OUEST

Aristides de Sousa Mendes

Na porta da embaixada portuguesa na França, fila para receber o carimbo e assinatura de Aristides (à esq.)



Aristides com o rabino Jacob Kruger, que o ajudou a conceder os vistos

O diplomata (à dir.), acompanhado de uma família de belgas que ele salvou



► enfrentou uma hierarquia que considerava o diplomata um militar à paisana”, diz Manuela Franco, pesquisadora do Instituto Português de Relações Internacionais da Universidade Nova de Lisboa.

Berço conservador

Aristides e seu irmão, César, nasceram em 19 de julho de 1885, em Cabanas de Viriato, na região de Beira Alta. Os gêmeos foram criados no seio da aristocracia rural, católica e monárquica, típica do norte de Portugal. O pai, José de Sousa Mendes, era um respeitado juiz em Coimbra. Os dois irmãos fizeram Direito e seguiram carreira diplomática. Em 1909, Aristides viu nascer seu primogênito e, em 1910, partiu com a família para Demerara, na Guiana. Muitos outros países e filhos viriam pela frente.

Ao todo, teve 14 crianças com sua mulher Angelina, que nasceram em lugares como Zanzibar, Brasil, Estados Unidos, Espanha, Bélgica e até em Portugal. Em sua mansão em Cabanas de Viriato, o padre da vila era convidado frequente. E toda quinta era dia dos pobres. Quem não tinha o que comer recebia pão e um prato de sopa. Mesmo que ele estivesse fora do país, o feitor da casa tinha ordens de deixar a porta da cozinha aberta.

No primeiro ano de seu governo, Salazar, que liderou Portugal de 1932 a 1968, fez César de Sousa Mendes seu ministro de negócios estrangeiros. Na época, Aristides e a família viviam na Bélgica. Em 1938, pediu transferência para a China ou o Japão. Mas o governo negou e o nomeou cônsul-geral em Bordeaux, onde faria história.

Depois de invadirem a Polônia, em setembro de 1939, as tropas de Hitler ocuparam Dinamarca, Noruega, Holanda, Bélgica e Luxemburgo. Em junho de 1940, chegou a vez da França. “O governo não preparou a população para a eventualidade da capitulação; recuava agora na direção de Bordeaux. Mais de 3 milhões de franceses se puseram em movimento para sul e oeste”, diz Manuela Franco. “Para muitos, a única saída era Lisboa, o último porto do Atlântico.”

Oficialmente, Portugal adotou posição neutra na guerra, mas Salazar,

de Sousa Mendes – Um Herói Português, um dos filhos do diplomata, Pedro Nuno, foi testemunha do diálogo: “De repente, meu pai pareceu imensamente fatigado, como se tivesse acabado de contrair uma doença fulminante. Olhou para nós e foi se deitar”.

Por três dias e três noites, Aristides de Sousa Mendes ficou isolado no seu aposento. Na manhã do quarto dia, 16 de junho, abriu a porta do escritório e disse: “A partir de agora vou dar visto a toda gente. Deixou de haver nacionalidades, raças e religiões”. De acordo com Pedro Nuno, seu pai afirmou ter

vação em frente ao consulado de Portugal em Bordeaux. Em 20 de junho, depois de quatro dias de trabalho, a paz voltou ao consulado. Munidos de visto, milhares deixaram a cidade.

Mas o cônsul não se deu por satisfeito. Mais ao sul, em Toulouse, Baiona e Hendaia, outros milhares estavam na mesma situação. Sousa Mendes já havia autorizado o vice-cônsul em Toulouse, o francês Emile Gissot, a conceder vistos. Corria, agora, para chegar a Baiona. Os alemães não tardariam e Portugal não permitiria a desobediência por muito tempo.

Em Baiona, usou a força do posto de cônsul-geral e ordenou aos funcionários do consulado que concedessem vistos a todos. A linha de montagem foi reativada, dessa vez por três dias e duas noites. Mas o cônsul em Baiona alertou os superiores em Lisboa. Ao mesmo tempo, autoridades espanholas reclamaram da onda de refugiados portadores de vistos portugueses, o que enfureceu o ditador. “Salazar, para quem a aliança com Franco [*general Francisco Franco, ditador na Espanha de 1936 a 1975*] era essencial, nunca mais perdoaria Sousa Mendes pela perturbação daquela bela amizade”, escreveu Fralon. Em 23 de junho, um telegrama governamental enviado a Bordeaux retirou de Aristides a maioria de suas atribuições, principalmente o poder de conceder vistos.

Ainda assim, o diplomata prolongou o quanto pôde o jogo de gato e rato com seus superiores. Era encontrado em praças de Hendaia e em outras cidades da fronteira colocando visto em passaportes, documentos de identidade e papéis em branco. ▶

“A partir de agora vou dar visto a toda gente. Deixou de haver raças e religiões”

em 11 de novembro de 1939, proibiu os consulados de dar vistos a refugiados, por meio da circular número 14. “Os cônsules de carreira não poderão conceder vistos sem prévia consulta.” O documento também barrava o visto “aos estrangeiros de nacionalidade indefinida, contestada ou em litígio, aos apátridas. E ainda (...) aos judeus expulsos dos países de sua nacionalidade ou daqueles de onde provêm”.

Em meio ao caos que assolava Bordeaux, Aristides acolheu um rabino chamado Jacob Kruger em sua casa. Ele já havia concedido alguns vistos sem obedecer a circular 14 e prometeu ao rabino fazer o mesmo por sua família. “Não sou só eu que preciso de ajuda, mas todos os meus irmãos que têm a vida em risco”, disse Kruger. Segundo o jornalista francês Jose-Alain Fralon, autor de *Aristides*

ouvido uma voz, a de Deus ou a de sua consciência, que lhe ditara a conduta a seguir. “Só agindo dessa forma, seguindo a minha consciência, serei digno da minha fé de cristão.”

Linha de montagem

Era hora de trabalhar. Ajudado por Kruger, Aristides passou a assinar vistos ininterruptamente. Para acelerar o processo, os dois organizaram uma linha de montagem. O rabino recolhia os passaportes na frente do consulado, Aristides os assinava, o secretário consular carimbava e, pronto, Kruger já podia devolver os documentos aos donos. A notícia de que o cônsul português estava distribuindo vistos se espalhou. Em 17 de junho, enquanto os alemães, a caminho dos Pirineus, já estavam em Dijon, uma multidão esperava a sal-

► Até folhas de jornais receberam o carimbo consular e sua assinatura redentora. No entanto, para muitos, já era tarde. Funcionários franceses e espanhóis foram instruídos a não aceitar vistos emitidos pelo consulado de Bordeaux. Em 30 de junho, a bandeira com a suástica foi içada na cidade. Havia chegado ao fim o que o historiador Yehuda Bauer, professor de Estudos do Holocausto na Universidade Hebraica de Jerusalém, classifica como a maior ação de salvamento levada a cabo por um só homem.

O número mais divulgado é o de 30 mil pessoas salvas, sendo um terço de judeus. “Existe exagero, embora não haja dados seguros”, diz Elvira Mea, professora de História da Universidade do Porto. “Não saberemos nunca quantos vistos foram dados”, afirma Manuela Franco. Ela afirma que, a certa altura, o ritmo do trabalho impossibilitou que todos os nomes fossem documentados. Além disso, “não há registro dos vistos concedidos sob a autoridade de Sousa Mendes no consulado em Baiona, nem em Hendaiá, na rua ou na fronteira”.

Quando Aristides voltou a Lisboa, Salazar mandou abrir um inquérito sobre a desobediência a uma ordem superior. Para a acusação, “a atitude do réu desprestigiou Portugal perante as autoridades espanholas e as alemãs de ocupação”. Em sua defesa, Aristides escreveu: “Posso ter errado. Mas, se errei, não o fiz com intenção, tendo procedido sempre segundo os ditames da minha consciência. Meu desejo é mais estar com Deus contra o homem do que com o homem contra Deus.”

O processo se arrastou até o fim de outubro, quando a comissão disciplinar recomendou uma suspensão não remunerada de suas atividades, por 30 a 180 dias úteis. Mas Salazar não concordou e condenou o diplomata a um ano de afastamento, com direito a metade do salário. Depois, deveria ser compulsoriamente aposentado, passando a receber um quarto de sua renda. Para um homem com dez filhos para sustentar, a sentença trouxe

“Meu desejo é mais estar com Deus contra o homem que com o homem contra Deus”

a ruína. “Ser banido do serviço público no Estado autoritário e corporativo português significava ser afastado da vida ativa”, diz Manuela.

O cônsul ainda tentou exercer a advocacia. Aos 56 anos, contudo, pesavam a inexperiência e o fato de que ninguém queria os serviços de um advogado marcado politicamente. A família passou a comer na cantina da Comunidade Judaica de Lisboa, junto com os refugiados da guerra. Aos poucos, todos os filhos tiveram que abandonar Portugal.

Angelina, sua mulher, faleceu em 1948. Aristides se casou de novo e passou os últimos anos na residência de Cabanas de Viriato. Com a nova companheira, Andréa, teve de vender móveis, pianos, livros e colchões. A saúde do cônsul também ia mal. Vítima de dois derrames, em 1945 e 1952, tinha o braço direito paralisado. E, em 3 de abril de 1954, não resistiu à terceira hemorragia cerebral. Fernanda, uma

criada fiel até os últimos dias, segundo o livro de Fralon, teria declarado: “Morreu de fome e de frio ao tentar queimar as portas do palácio quando já nem sequer tinha força nos dedos para deitar as tabuas à lareira”.

Durante anos, seu irmão César, que ainda ocupava importantes cargos como diplomata, escreveu a Salazar, suplicando o perdão e a reabilitação de Aristides. Nunca obteve resposta, até a morte de irmão, quando recebeu a

primeira correspondência do ditador. Num cartão, apenas duas palavras escritas a mão: “Sentidos pêsames”.

Gentio justo

Nenhum dos filhos de Aristides pôde comparecer ao funeral, mas eles nunca desistiram de lutar pela reabilitação do pai. As irmãs Joana e Teresa, que moravam nos Estados Unidos, entraram em contato com refugiados judeus salvos por Sousa Mendes, que escreveram ao então primeiro-ministro de Israel, David Ben Gourion, relatando os atos heroicos do diplomata. Com isso, o Centro Yad Vashem, de Jerusalém, iniciou uma investigação. O instituto é um centro de estudos e um memorial que concede o título de Gentio Justo aos que salvaram judeus durante a guerra.

Em 1961, as irmãs foram informadas de que uma árvore seria plantada no museu do Yad Vashem para honrar



Das ruas às galerias

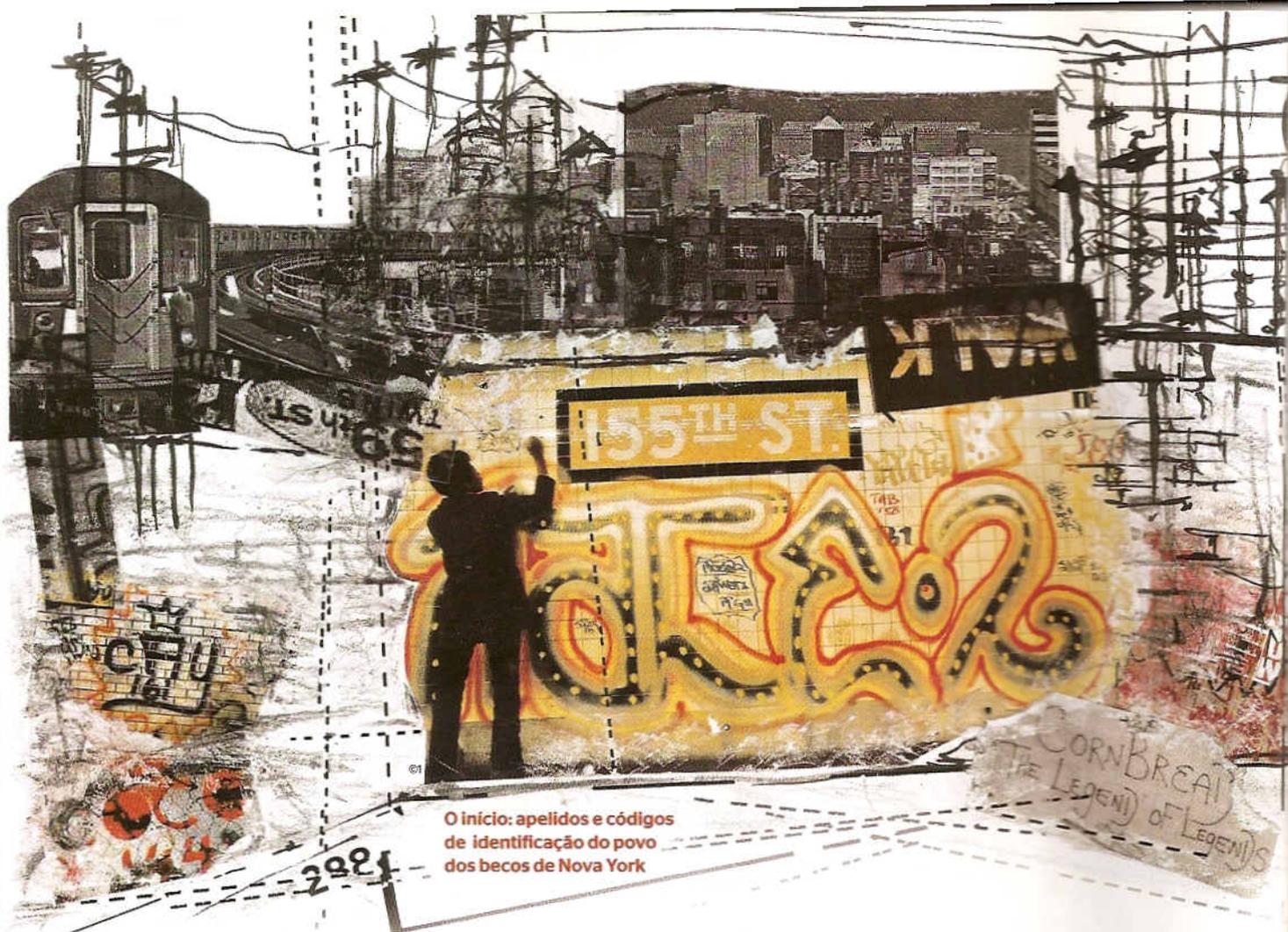
O homem pinta em paredes desde tempos remotos. Mas foi a partir de 1970 que jovens tomaram muros, trens e tudo na cidade que pudesse ser desenhado e inventaram o grafite. O que já foi um ato de subversão hoje é considerado arte

POR Bianca Nunes DESIGN Fabio Otubo ILUSTRAÇÕES Paula Gabbai



Anthony Cordero (no alto), de grafiteiro nos becos de Nova York a algo de pichadores

Na foto acima, de 1973, o menino Anthony Cordero aparece junto com um grupo de amigos. Eles tinham entre 11 e 13 anos e mostravam os desenhos que faziam pelos muros e ruas de Nova York. As pinturas eram variações gráficas de seus nomes, apelidos e, frequentemente, faziam referências a gangues — eram os grafites. Anthony cresceu, casou, tornou-se pai e policial. E, em sua primeira ronda como autoridade pública, prendeu justamente... um grafiteiro. A ironia da história sintetiza, em grande medida, as controvérsias que cercam, na sociedade moderna, uma das mais antigas atividades do homem: o desenho em paredes. ▶



O início: apelidos e códigos de identificação do povo dos bicos de Nova York

► O grafite que conhecemos atualmente, ilegal e gravado geralmente com assinaturas pelas ruas da cidade, começou de fato nos anos 1970, com crianças e jovens nova-iorquinos que, como Anthony, pintavam seus apelidos de maneira estilizada. Mas, muito antes deles, a humanidade já desenhava em paredes e muros. Os homens primitivos usavam restos de ossos ou pedras para gravar imagens de lutas ou caçadas nas paredes das cavernas, como as encontradas nas grutas de Lascaux, na França.

Na Grécia antiga, anotações ao redor do mercado público de Atenas mostram desde exercícios para treinar o alfabeto até complicadas mensagens comerciais. E, em Pompeia, no Império Romano, escavações revelaram muito da vida cotidiana na cidade, por meio de registros de slogans eleitorais e até descrições obscenas, nas paredes de lugares públicos.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a propaganda nazista usou pinturas em muros para incentivar o ódio contra judeus e opositores. A resistência também tirou proveito da tática. O movimento de jovens alemães Rosa Branca, que lutava contra o regime de Hitler, além de panfletos, pintava seus slogans nas paredes. Os grupos estudantis dos anos 1960 e 1970 também grafitaram para transmitir sua mensagem de insatisfação.

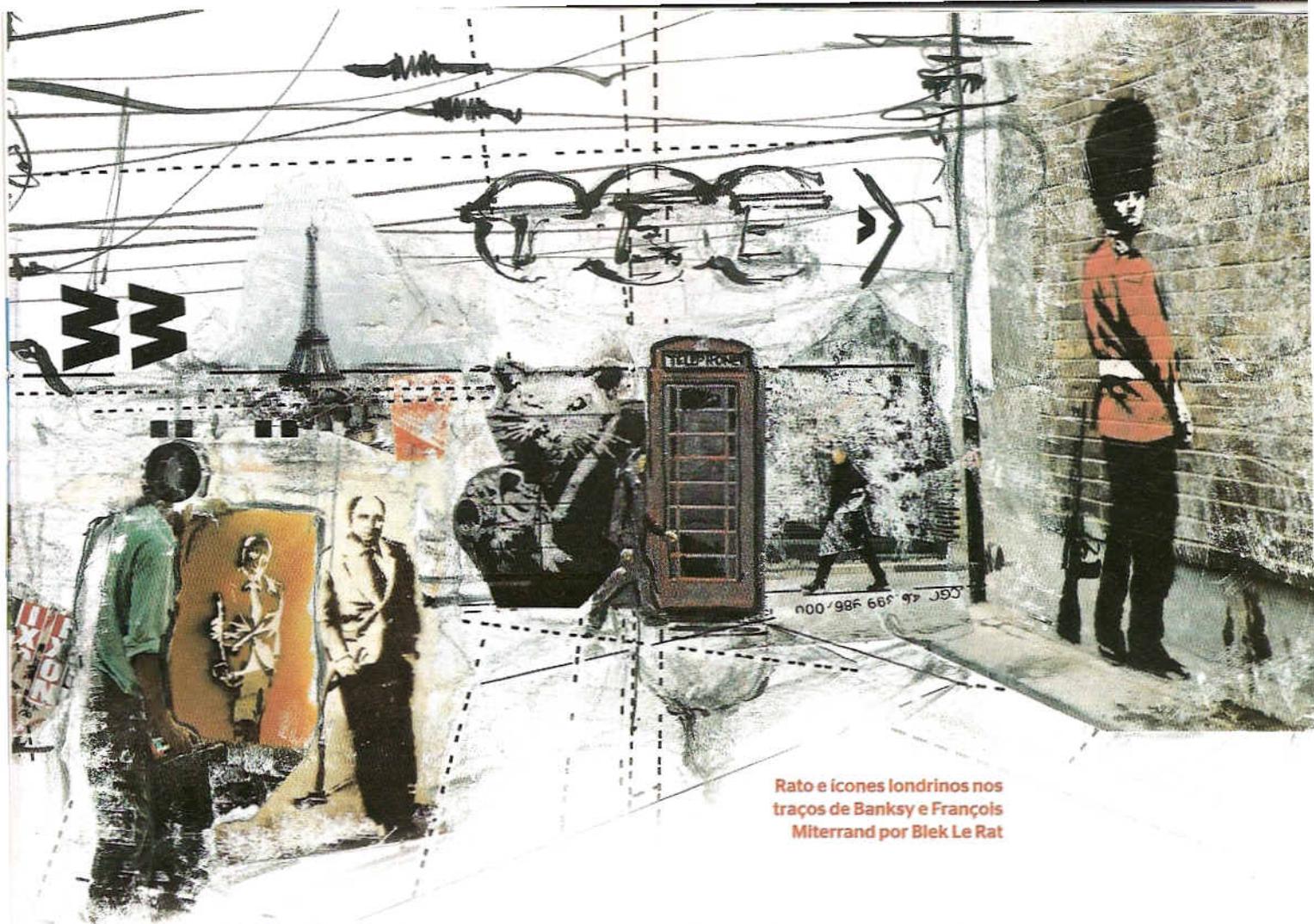
“Na Paris de maio de 1968, jovens lançaram protestos nas paredes da Universidade de Sorbonne e em outros muros dos arredores do Quartier Latin. As sentenças viraram clássicos das grandes manifestações jovens. “É proibido proibir”, ‘a anarquia sou eu’, ‘a imaginação toma o poder’, ‘abolição do trabalho alienado’. Com essas inscrições, os estudantes afrontaram as políticas dominantes e enviaram recados audaciosos e bem direcio-

nados”, diz Celia Maria Antonacci Ramos, professora da Universidade do Estado de Santa Catarina e autora do livro *Grafite, Pichação & Cia.*

Protesto do gueto

Não se pode falar em um início oficial do grafite. Mas, ao analisar as figuras e pinturas que vemos hoje nas ruas, é possível apontar os Estados Unidos do fim dos anos 1960 como o berço do grafite moderno. Foi após virar febre entre os guetos de Nova York que a moda de desenhar o nome estilizado se espalhou pelas metrópoles do mundo. Os grafiteiros adotaram novas técnicas e materiais e passaram a desafiar limites, pintando lugares praticamente impossíveis.

Um dos primeiros a fotografar essa onda de grafite americana foi o fotojornalista Jon Naar. Após observar os grupos de jovens que se arriscavam pela cidade, ele produziu



Rato e ícones londrinos nos traços de Banksy e François Mitterrand por Blek Le Rat

um livro de fotos chamado *The Faith of Graffiti* (“A fé do grafite”, sem tradução). No prefácio, o escritor Norman Mailer comparou os desenhos de rua às obras do pintor italiano Giotto, um dos precursores do Renascimento pelo uso inovador da perspectiva. “O livro fez um estardalhaço. Fui acusado na grande imprensa de tornar o vandalismo belo”, afirma Naar, hoje com 88 anos. Seu livro rodou o mundo e serviu de base para grupos estrangeiros observarem o que era feito nos EUA.

Os grafiteiros da época eram em sua maioria jovens hispânicos e negros. Segundo Naar, quando perguntava a eles o porquê de fazerem aquilo, respondiam que era para fugir da violência dos guetos. “Eles pintavam nos trens do metrô, e você via aqueles nomes percorrendo a cidade toda. Era muito perigoso para aquelas crianças entrar naquela vida. Mas era uma forma de protesto, de rebeldia.”

Os nomes pintados (conhecidos como *tags*) geralmente não eram os verdadeiros. Para não serem pegos, os autores inventavam apelidos. “Isso era um importante código de identificação entre os autores”, diz Naar. Os números também faziam sentido. Cay 161, por exemplo, significa que Cay morava na rua 161. Um numeral em letras romanas, como em Star III, denotava a ordem de utilização do apelido — no caso, o terceiro a usar o nome Star.

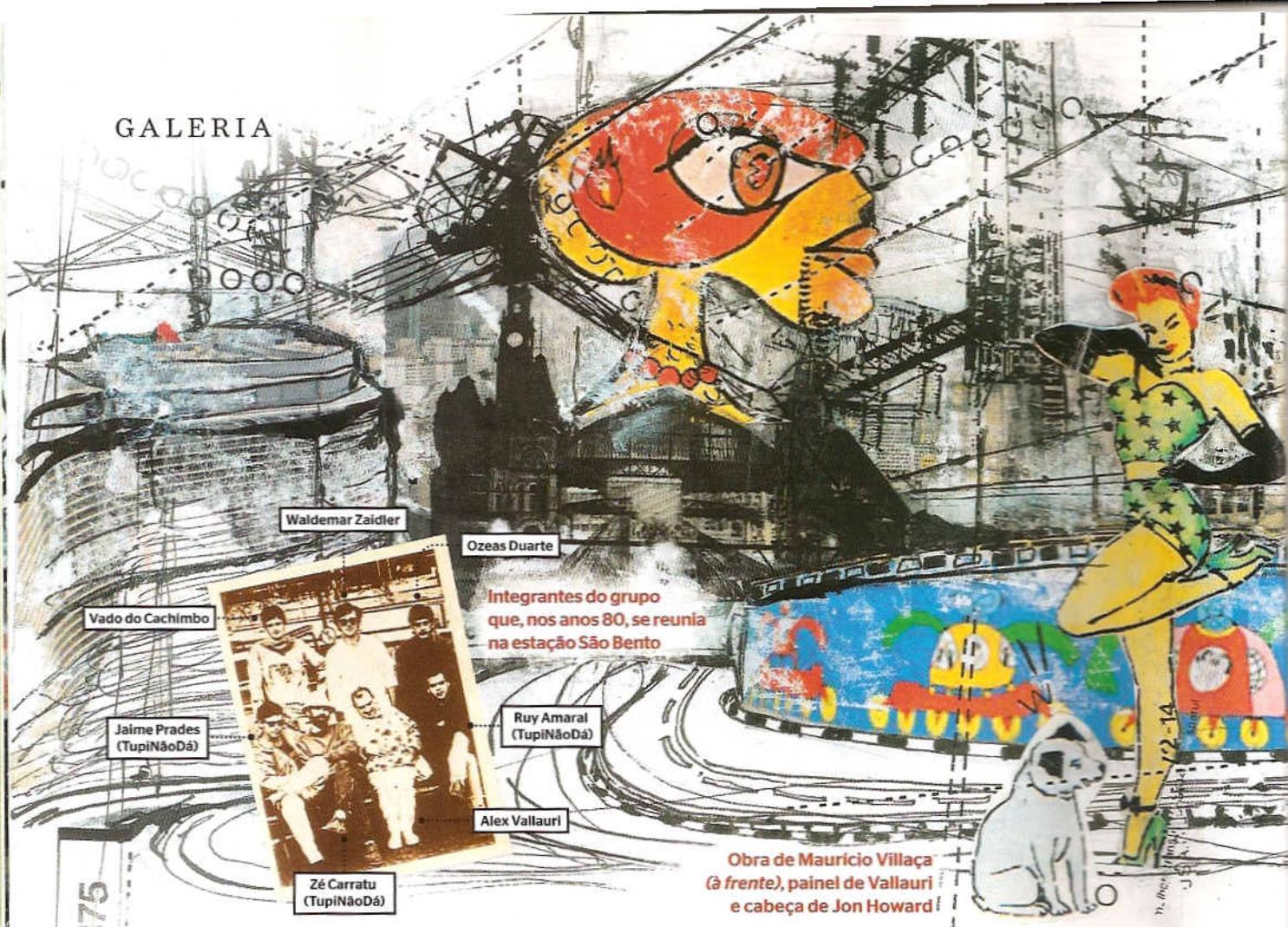
Os materiais eram geralmente tintas spray roubadas de lojas. A competição consistia em ver quem pintava no lugar mais alto, em mais ônibus e trens. A moda logo se espalhou por outras cidades dos Estados Unidos. “Em meados da década de 1980, não havia um único trem que não tivesse sido pintado com sprays, de cima a baixo, pelo menos uma vez”, escreveu Nicholas Ganz no livro *O Mundo do Grafite*. Para evitar os grafiteiros, as

autoridades de Nova York levantaram grades em torno de pátios ferroviários e aumentaram a vigilância.

Alguns grafiteiros ficaram famosos pela audácia e pelo número de inscrições. Cornbread chegou a pintar seu nome em um elefante de um zoológico da Filadélfia. Em entrevista para um site sobre grafite, ele diz que pintou o jato da banda Jackson 5. “Escrevi meu nome em tantos lugares que ninguém mais aguentava ver”, disse ele.

A tomada da Europa

Nos becos onde se juntava a galera do grafite, começou a despontar o hip hop. Para Naar, foi o grafite que influenciou o hip hop e não o contrário. “São acontecimentos que andavam juntos, dividiam os mesmos espaços.” No começo da década de 1980, a moda atravessou o Atlântico e os novos alvos passaram a ser os trens europeus. Nesse caso, contudo, Ganz escreveu ▶



Waldemar Zaidler

Ozeas Duarte

Vado do Cachimbo

Integrantes do grupo que, nos anos 80, se reunia na estação São Bento

Jaime Prades (TupiNãuDã)

Ruy Amaral (TupiNãuDã)

Alex Vallauri

Zé Carratu (TupiNãuDã)

Obra de Maurício Villaza (à frente), painel de Vallauri e cabeça de Jon Howard

► que a cena do grafite europeu só decolou com o advento do hip hop. “A maioria do grafite na Europa se baseava no modelo americano, que continua sendo o mais popular até hoje. Com o hip hop, o grafite foi introduzido em quase todos os países ocidentais.”

Aos poucos, as *tags* ficaram mais elaboradas, com cores e letras maiores. Surgiram grandes desenhos, as *pieces* (abreviação de *masterpiece*, obra-prima) e personagens, marcados pela sátira e pelo hiper-realismo. Com peculiaridades de cada lugar, os grafites começam a ser encarados em algumas cidades como parte da sua identidade e não mais apenas como inimigos da cena pública. De acordo com Sérgio Poato, autor do livro *O Graffiti na Cidade de São Paulo e sua Vertente no Brasil: Estéticas e Estilos*, “o que diferencia o grafite da arte tradicional é que o território pelo qual ele está gravado é parte da própria estrutura da obra.”

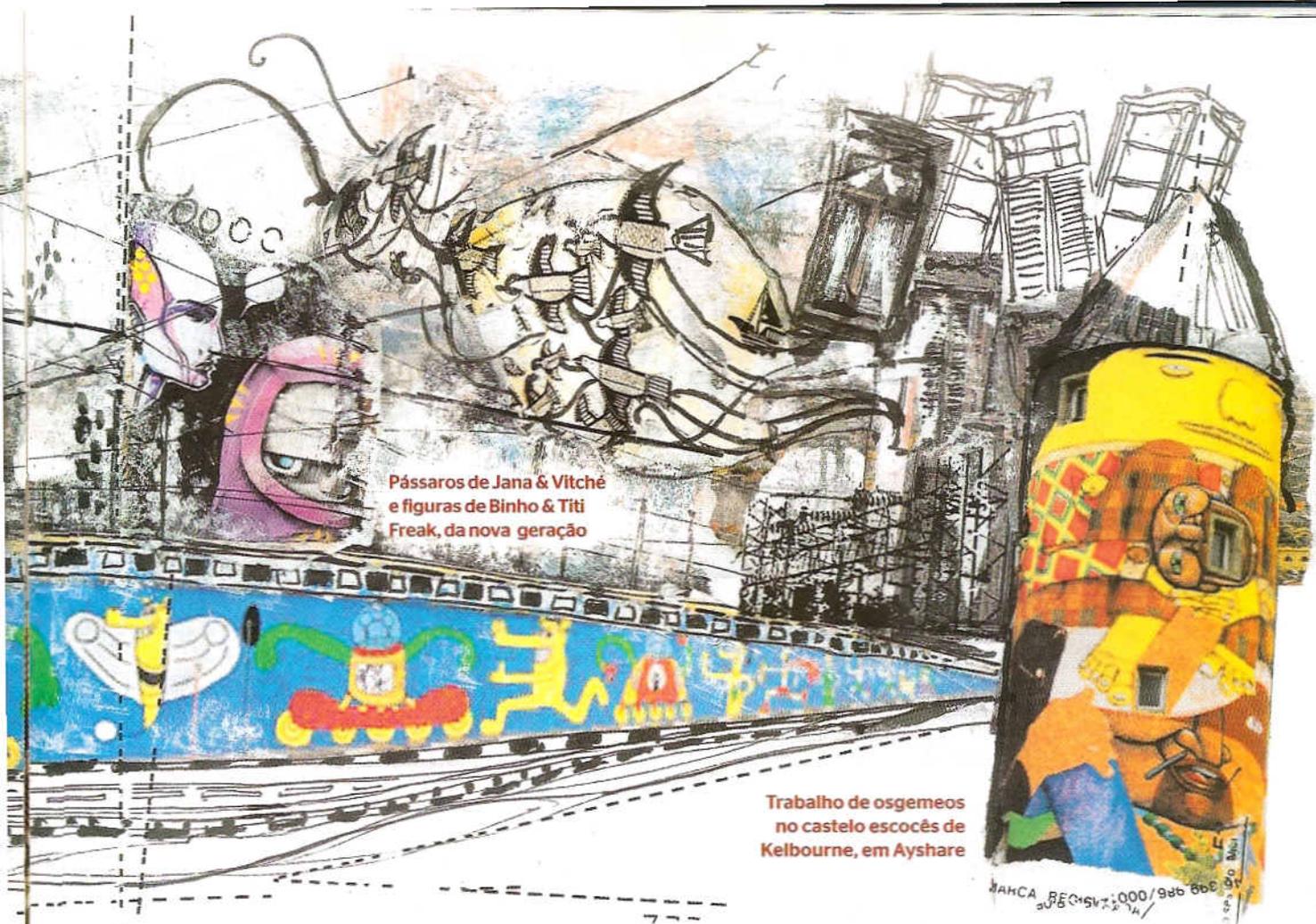
No Brasil, não foi diferente. O grafite sofreu influência da cultura de gueto de Nova York, mas a maioria do que foi feito por aqui tem raízes e história própria. Nos anos 1970, o artista americano John Howard veio a São Paulo e começou a pintar nas paredes. Apesar de não ser brasileiro, ele foi um dos primeiros artistas a usar a rua da cidade — e inspirou olhares atentos.

A vez da São Bento

Numa época de repressão e ditadura, alguns jovens se arriscavam para transmitir nos muros da cidade seu recado de indignação. “Os primeiros artistas e rebeldes que escreveram palavras de ordem, nos anos 60 e 70, tinham uma relação diferente com o tempo do ato de pintar da que se tem hoje. A ação tinha de ser rápida e, muitas vezes, anônima”, diz o pesquisador e escritor Sérgio Poato.

Mas aí veio a abertura política em 1984 e, com a menor repressão, também surgiram os desenhos despretensiosos e assinados. A história é contada por Otávio Pandolfo, que, com seu irmão Gustavo, compõe a famosa dupla *os gêmeos*. “Lá para 1984, passou no cinema um filme sobre o break [*a dança do movimento hip hop*] e o grafite. Aquilo começou a fazer as cabeças da época. O pessoal que curti se encontrava no sábado à tarde na estação de metrô São Bento, no centro de São Paulo. Nós tínhamos entre 13 e 14 anos e pintávamos no nosso bairro, o Cambuci. Além da gente, tinha os *Roomeys*, *Bad* e *Defkids*, *Guerra de Cores*, *Vitché*, entre outros.”

Otávio lembra também da turma dos skatistas que grafitavam, o *Tinho*, o *Binho* e o *Espeto*, vindos da zona norte da cidade. Desse encontro de talentos, o grafite saiu



Pássaros de Jana & Vitché
e figuras de Binho & Titi
Freak, da nova geração

Trabalho de osgemeos
no castelo escocês de
Kelbourne, em Ayshare

ganhando. “Aprendemos muito com eles. Juntamos forças e começamos a intervir na cidade. Aí passamos a trabalhar realmente na rua. Pintávamos aos domingos de dia, para as pessoas verem o que estávamos fazendo”, afirma o artista.

Na outra ponta do grafite paulistano, estavam os estudantes de arquitetura Matuck e Zaidler, que contracenaram com o artista etíope Alex Vallauri — recém-chegado, após temporada em Nova York e Buenos Aires. “Eles observavam pequenos estabelecimentos e, com máscaras estêncil, programavam uma animação com personagens do cinema — o Gordo e o Magro —, dos quadrinhos do belga Hergé [*Tintin*] e da própria cidade, a exemplo da *Rainha do Frango Assado*, trabalho que aludia às rotisseries paulistanas e que acabou na Bienal de São Paulo, em 1987”, diz a professora

Celia Ramos. Outro grupo famoso foi o TupiNãoDá, formado por jovens de classe média e estudantes da Universidade de São Paulo (USP), que pintavam em becos, casas e muros abandonados, ou o desenhista, escritor e artista *multi-performer* Maurício Villaça.

Galerias mundo afora

Na opinião de Otávio, a vinda de artistas de fora trouxe muita informação nova para o grafite do Brasil. E foi essa troca que deixou osgemeos conhecidos no exterior — eles já pintaram na Tate Modern, importante galeria de arte contemporânea de Londres, e no castelo escocês de Kelburn, em Ayrshire.

Mas, para ele, o grafite brasileiro não é apenas uma cópia adaptada do que se faz nos Estados Unidos. “A gente faz algo bem brasileiro, temos isso de buscar uma

coisa nossa, de raiz”, diz. O traço nacional se incorpora, assim, ao movimento que aproxima cada vez mais grafiteiros e artistas plásticos contemporâneos. Em Nova York, as primeiras exposições ocorreram ainda na década de 1970. Dez anos depois, Londres, Paris e Amsterdã abriam espaços em suas galerias para o grafite, com obras que chegaram a valer milhares de dólares. O mundo se rendia aos traçados rebeldes das latas de spray. ●

saiba mais

LIVRO

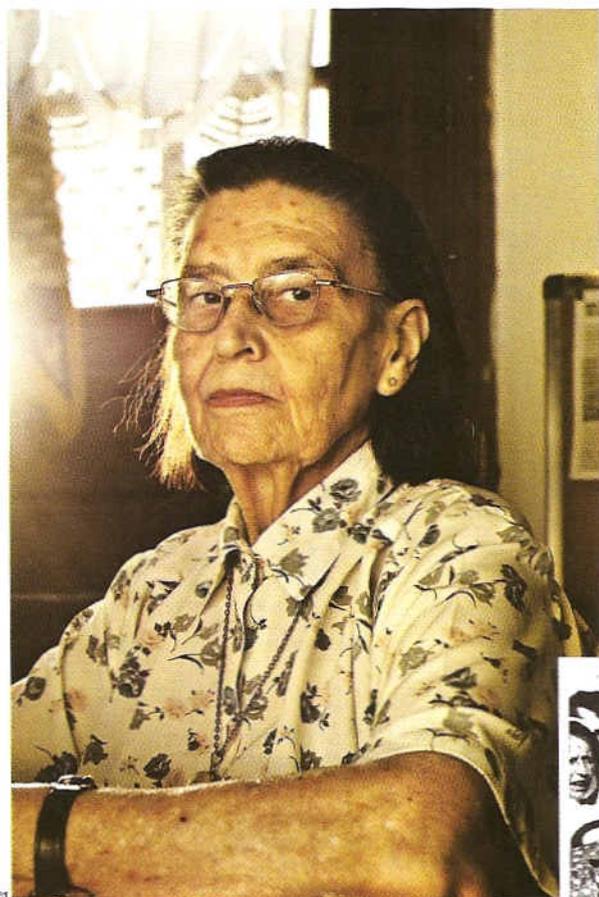
O Mundo do Grafite, Nicholas Ganz, Martins Fontes, 2008
O autor apresenta muitos grafiteiros pelo mundo, com fotos e biografia de cada um.

The Faith of Graffiti, Jon Naar, Prestel Publishing, 2007
Livro pioneiro, em que o fotógrafo registra imagens históricas dos guetos de Nova York nos anos 1970.

Grafite, Pichação & Cia, Celia Maria Antonacci Ramos, Annablume, 1994

A trajetória do grafite em São Paulo, desde os tempos da ditadura até sua versão moderna.
O Graffiti na Cidade de São Paulo e sua Vertente no Brasil: Estéticas e Estilos, Sérgio Poato e outros, IP/USP, 2006
Entrevistas e relatos de profissionais e artistas de várias áreas debatendo e analisando o tema do grafite

Raquel de Marizcurrena



Avó coragem

Raquel é uma das Avós da Praça de Maio, mulheres que ainda lutam para encontrar seus netos, desaparecidos junto com os filhos ou noras durante a ditadura da Argentina

POR Luciana Taddeo



Raquel, hoje, está proibida de ir às manifestações. No detalhe, ela, jovem, num protesto

No dia em que o filho de Raquel Radío de Marizcurrena, Andrés, fez 24 anos, militares à paisana invadiram sua festa de aniversário e o levaram junto com a esposa Liliana, então grávida de quatro meses. Era outubro de 1976, Buenos Aires, ditadura militar argentina, uma das mais sangrentas da América Latina. Entre março daquele ano, quando o general Jorge Rafael Videla depôs Isabel Perón, e o fim do regime militar, em 1983, um total estimado de 30 mil pessoas desapareceram. Muitas eram grávidas ou mães de recém-nascidos. E esses bebês, recolhidos nos centros de detenção, foram entregues a outras famílias ou oferecidos para adoção. Depois de 32 anos, Raquel segue procurando seu neto.

Em 1977, período de repressão violenta, ela fundou as Abuelas de Plaza de Mayo (Avós da Praça de Maio), associação que se dedica a localizar essas crianças tomadas ilegalmente por militares e policiais. Para driblar a vigilância, as avós se reuniam em confeitarias, onde fingiam festejar aniversários, ou em parques públicos, como inofensivas senhoras a passeio. Nos protestos, foram muitas vezes dispersas a golpes de cassetete. Mas, graças a essa investigação, encontraram 97 bebês (muitos já adultos), desde a volta da democracia, há 25 anos. Infelizmente, calcula-se que ainda existam 400 jovens com idades entre 28 e 33 anos que não conhecem sua identidade: filhos de desaparecidos. Entre eles pode estar o neto de Raquel, que, aos 77 anos, foi proibida pelos familiares de ir a manifestações, mas não perdeu a esperança de recuperá-lo.

Como surgiram as Avós da Praça de Maio?

Primeiro, vieram as Mães da Praça de Maio, em 1977, que também ajudei a fundar. Íamos à praça protestar [contra o desaparecimento de seus filhos, presos políticos], em frente à Casa Rosada [palácio do governo]. Um dia, uma das avós perguntou quem de nós tinha filhas ou noras que haviam desaparecido grávidas. De uma em uma, fomos nos apresentando e chegamos a um número de 12, com ela. Listamos os netos desaparecidos e essa foi nossa primeira pasta de informações, que, por desgraça, rapidamente engordou.

E como conseguiam atuar?

Nosso trabalho inicial foi compilar fotos e dados sobre os bebês, como data estimada de nascimento em cativeiro ou idade que tinham quando foram levados. Nós mesmas redigíamos os *habeas corpus*, pedindo que nossos filhos tivessem o direito de se apresentar a um juiz, comunicando a existência dos netos e exigindo a suspensão de todas as adoções. Também preparamos documentos com essas informações para pedir ajuda a organizações internacionais. Para não levantar suspeitas, nós nos encontrávamos em confeitarias, como na Las Violetas, El Molino ou na da estação de trem em Retiro, e simulávamos festejar um aniversário. Ou nos juntávamos no zoológico ou no jardim botânico. Às vezes, os encontros terminavam mal, com o Exército e a polícia tentando nos dispersar.

Como juntavam as pessoas para as marchas? Elas não tinham medo?

Sempre fomos reprimidas, nunca tivemos uma marcha tranquila. Mas

“Uma juíza nos disse que deixamos nossas noras engravidarem de propósito, para que não apanhassem”

estávamos com famílias e amigos de milhares de desaparecidos, não tínhamos medo. Os militares nos empurravam com fuzis e cassetetes de madeira. Mesmo assim, voltávamos a nos encontrar. Íamos a tribunais, prisões e quartéis para ver se havia notícia dos nossos filhos ou de algum desaparecido. Mas eu nunca consegui. Diziam a mesma coisa a quase todas, que eles não figuravam como desaparecidos. O padre do Exército não nos dava informações e houve um, de uma igreja em San Isidro, na Grande Buenos Aires, que se recusou a nos receber. A Igreja Católica não ajudou nada. E lembro que fui a um tribunal com outra avó, e uma juíza nos disse que os bebês desapareceram por nossa culpa, porque deixamos nossas filhas e noras engravidarem de propósito, para que não fossem levadas ou não apanhassem quando presas. Saímos dali furiosas. Ela não era militar, mas, nessa época, os juízes também eram terríveis.

Como seu filho e nora foram presos?

Foi no dia 11 de outubro de 1976, aniversário do meu filho, Andrés. No fim da festa, os mais velhos jogavam cartas na sala de jantar e ele estava com amigos no quarto. Às 11 da noite, seis pessoas vestidas como civis bateram na janela e mandaram abrir a porta. Meu filho obedeceu e eles entraram, alegando que vinham buscar

uma caixa de livros. Minha nora, Lilita Caimi, tirou a caixa do armário para entregá-la. Mas eles disseram que os dois teriam de acompanhá-los para uma acareação, e que estariam de volta em duas horas. Essas duas horas já duram 32 anos. Nunca mais os vi. Tínhamos comido nhoque e o bolo de aniversário era de cereja marasca, que meu filho adorava. Nhoque, eu só consegui comer muitos anos depois, e o bolo, nunca mais.

Quais eram os livros e o objetivo da acareação?

Eram livros proibidos. Ela estudava Direito e meu filho trabalhava para a administração municipal de Buenos Aires. Os dois participavam da Juventude Guevarista. Atrás da porta do quarto, ela tinha desenhado um imenso Che Guevara. Quando os ho- ▶



De camisa estampada, a avó segura a faixa: “Onde estão as centenas de bebês nascidos em cativeiro?”

“Fomos atropeladas por cavalos, atacadas com gás lacrimogêneo e sofremos muitos tipos de penúria”

► mens viram, quebraram a porta em pedaços. Eles queriam colocá-los frente a frente com outro casal, também da Juventude Guevarista, que estava preso havia 15 dias, sem falar. Depois, soubemos que a menina os denunciou porque ameaçaram matar seu bebê.

Não há pistas sobre o que aconteceu com seu filho?

Nada. Quando foram levados, ficamos a noite toda na casa deles, próxima à delegacia. Na ocasião, meu marido ouviu um tiroteio entre os policiais no edifício em frente e, no dia seguinte, retiraram de lá um casal morto. Meu marido morreu em 1988, convicto de que, nesse momento, mataram os meninos. Ele perdeu as esperanças, mas eu acredito que meu neto nasceu. Há quem diga que devíamos buscar os netos como mortos. Mas eles estão vivos. Tanto que localizamos 97 deles.



O filho Andrés e a nora Lilliana, desaparecidos após serem detidos por militares argentinos

Como foram as primeiras buscas?

Nos primeiros anos, cada avó procurava por si, sozinha. Quando suspeitávamos que alguma criança pudesse ser nosso neto, ficávamos paradas nas esquinas, observando-a sair para o colégio. Geralmente, as mulheres se encarregavam disso. Não queríamos o envolvimento dos maridos, com medo de que fossem presos. Então íamos sozinhas. Passamos por maus momentos: fomos atropeladas por cavalos, atacadas com gás lacrimogêneo, e sofremos muitos tipos de penúria.

Vocês eram ameaçadas?

Temos uma pasta cheia de ameaças. Ainda hoje, quando encontramos um neto, recebemos ameaças pelo telefone. Os militares reagem mal às buscas. Algumas das crianças localizadas foram adotadas por civis que não sabiam que eles eram filhos de desaparecidos. Muitos nos procuraram para dizer “tenho um menino adotado e quero saber se ele é nosso ou não”. Somente os militares não se apresentam.

Como vocês procuram os netos desaparecidos?

Temos uma equipe de investigações, uma de advogados e uma de apresentação espontânea, que recebe os jovens que nos procuram. É uma barbaridade a quantidade de jovens que se apresenta porque deseja saber sua

identidade. Quando estamos bem seguras de que um deles pode ser um dos netos procurados, passamos o caso para a Justiça. Temos de estar completamente seguras da sua identidade e nunca tomamos nenhuma atitude antes disso, para que os jovens não sofram muito.

Como surge um indício?

Quando recebemos uma denúncia, em geral é de um vizinho que se deu conta de que um casal mais velho ou uma mulher que nunca esteve grávida apareceu de repente com um bebêzinho. Então investigamos. Algumas avós iam como vendedoras de livros olhar a casa, outras se passavam por empregadas ou enfermeiras, o que era um risco enorme. Eu atuava muito, mas nunca me disfarcei. Havia perto da minha casa uma menina que suspeitávamos ser “neta”. Bem cedo, todo dia, antes que ela saísse da escola, eu parava na esquina do colégio com aquela que acreditava ser sua avó verdadeira para ver quem a buscava. Até que tivemos certeza de que a menina era mesmo a neta que procurávamos. Acionamos a Justiça e ela foi recuperada. Agora, as coisas mudaram. Quando temos alguma dúvida, conseguimos uma ordem judicial para entrar na casa e coletar material para exame de DNA. Comparam o DNA da criança com o da avó e, se bate, a chance é de 99,99% de que seja seu neto. Então levamos o caso ao juiz, que se ocupa de dizer a verdade ao jovem.

Como foi o caso da primeira criança encontrada?

Seu nome é Paula Logares, de Buenos Aires. Havia desaparecido em 1978, com 2 anos, em Montevidéu,

no Uruguai, para onde seus pais haviam fugido após o golpe militar. Deu muito trabalho encontrá-la, porque era plena ditadura, e ela havia sido apropriada por um policial, que a registrou como filha no momento da detenção de seus pais. Ela soube sua identidade no fim de 1983. E, em agosto de 2008, encontramos dois netos seguidos, o 94º e o 95º; em dezembro, o 96º; e, em fevereiro deste ano, o 97º. Foi fantástico. Quando encontramos um neto é como se fosse de todas nós, uma alegria imensa.

Quando alguém tem dúvidas sobre sua identidade, qual é o procedimento?

Quando a pessoa nos procura para saber se é filha de desaparecidos, chama-se apresentação espontânea. Nós a transferimos aos nossos psicólogos, que a orientam a trazer todos os documentos que tiver sobre sua identidade, para começarmos a investigar. Muitos nos procuram, mas não têm nada a ver com isso.

Quanto demora a investigação?

Antes, levava anos. Era desesperador. Mas os governos de Néstor e Cristina Kirchner [respectivamente o ex e a atual presidente da Argentina] foram de grande ajuda. Até então, quando íamos procurar a certidão de nascimento de bebês levados com as mães para

detenção clandestina, todos se negavam a ajudar. Esses presidentes foram os únicos que nos apoiaram. Imagine que o golpe completou 32 anos em 22 de outubro de 2008, e recentemente encontramos o 97º neto. Precisamos acelerar as buscas, porque já somos velhas e queremos conhecer nossos netos. Mas, quando já não estivermos aqui, estarão nossos outros filhos e os netos que encontramos. Isso não vai parar até encontrarmos todos.

Imagino a angústia de ver o tempo passar...

É terrível, porque já faz 32 anos que levaram meu neto e quero conhecê-lo antes de morrer. Também quero saber onde estão os restos do meu filho — a essa altura, não posso esperar que ele esteja vivo. São muito poucas as que puderam enterrar seus filhos.

E como estão as buscas por seu neto?

Estamos desesperadas, porque não temos nada. São raras as avós que atuam nas buscas e encontraram seus netos. A maioria das crianças localizadas está ligada a avós que são de fora de Buenos Aires ou que nunca vêm à associação. Isso dá tristeza porque nós, que estamos todos os dias buscando, não encontramos os nossos. Agora, temos bastante trabalho e somos em menor número, porque muitas já morreram ou estão com problemas de saúde. Eu tenho 77 anos e



O movimento das avós começou com 12 mães de desaparecidos políticos e atraiu multidões

sou a mais jovem. Mesmo assim, faz três anos que eu não protesto mais, porque meu outro filho não deixa.

Deve ser difícil para alguém saber que seu pai não é realmente seu pai...

E que pais, Deus meu. Os ditadores. Mas muitos desses jovens passam a ajudar nas investigações. Com um dos últimos netos encontrados foi extraordinário. Após a conferência de imprensa em que anunciamos a localização do 94º e do 95º identificados, um deles ligou para agradecer o fato de não termos revelado de onde ele era e não termos divulgado informações públicas sobre ele. O rapaz tinha pedido paciência, que respeitássemos sua vida e o tempo que seria necessário para ele absorver a notícia. A avó conta que, agora, ele liga todos os dias para saber como ela está e pedir que se cuide bem. Espero que isso aconteça comigo e com todas as outras que continuam procurando. ●

saiba mais

FILME

A História Oficial, Luiz Puenzo, 1985

Na Buenos Aires dos anos 80, um casal que tem uma filha adotiva vai viver a crise da verdade, após a visita de uma amiga que volta do exílio. Oscar de Melhor Filme Estrangeiro e Palma de Ouro de Melhor Atriz, para Norma Aleandro.

SITE

www.abuelas.org.ar

Site oficial de Abuelas de Plaza de Mayo, com notícias, fotos, referências bibliográficas e filmes.

“Precisamos acelerar as buscas, porque já somos velhas e queremos conhecer nossos netos”

O cavaleiro da China

Confúcio sonhou com governantes honestos e com uma política baseada na ética e na educação. Durante a vida, nenhum estadista quis seus serviços, mas suas ideias, registradas no livro *Os Analectos*, determinaram o jeito de ser de todo o Extremo Oriente

POR Tadeu Arantes DESIGN Fabio Otubo ILUSTRAÇÕES Alexandre Camanho CALIGRAFIA Andrea Branco

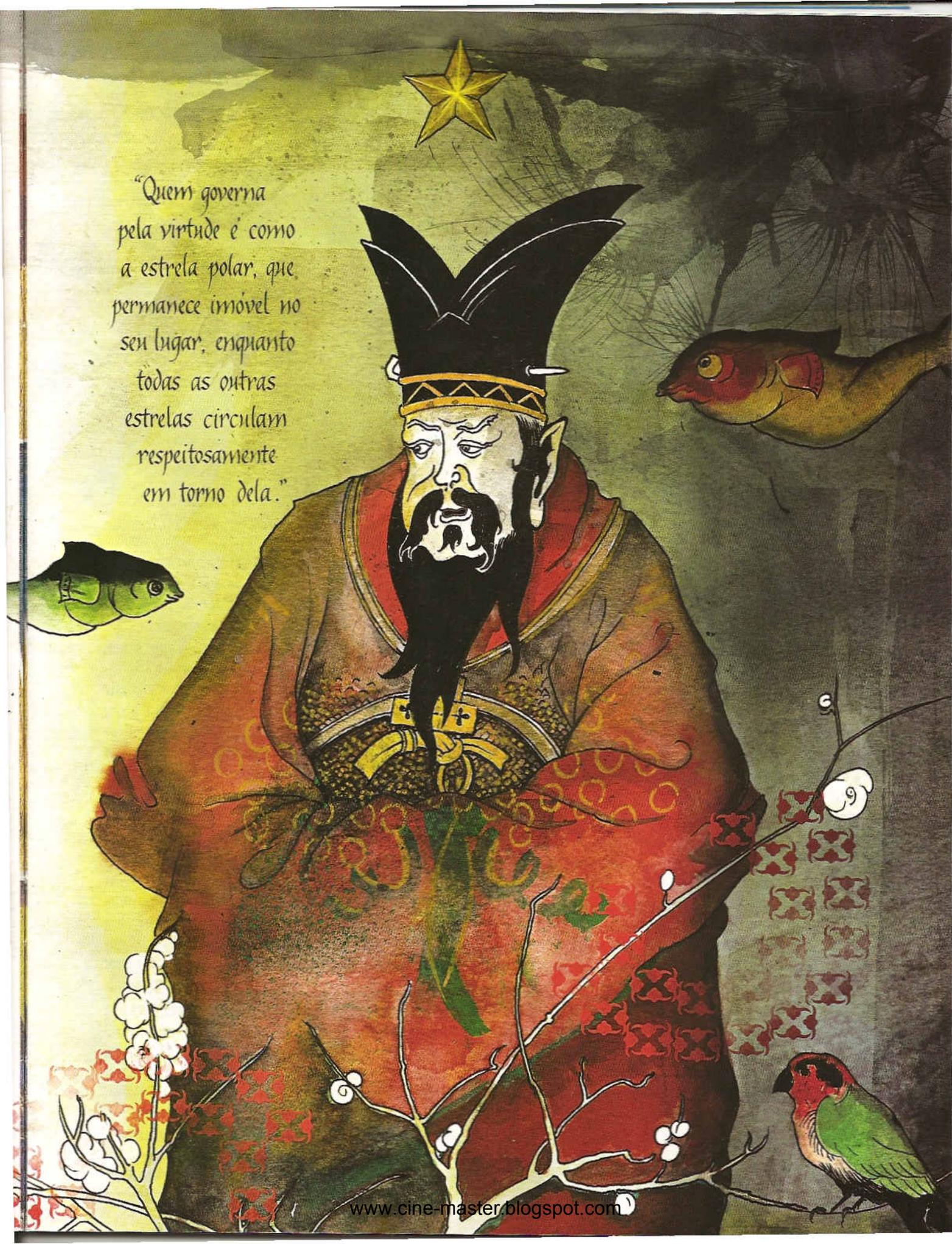
Tempos atrás, quando queriam representar um chinês típico, a literatura e o cinema colocavam inevitavelmente essa frase nos lábios do personagem: "Confúcio disse". Porque, assim como no Ocidente virou moda dizer "Freud explica", o "Confúcio disse" foi durante muito tempo prova de boa educação e alto padrão ético no Extremo Oriente. Chineses, japoneses, coreanos, vietnamitas e outros povos orientais acreditavam mesmo que esse sábio, que viveu na China há cerca de 2 500 anos, no século 5 a.C., disse tudo o que havia para ser dito. Seu pensamento, focado no comportamento humano, modelou toda a História da China e, por extensão, do Extremo Oriente. Substituiu um sistema aristocrático baseado na superioridade

hereditária por outro, pautado pela superioridade moral. Confúcio se tornou o ideal do instrutor intelectual e ético. E, até hoje, a data de seu aniversário, 28 de setembro, é comemorada pelos chineses como o Dia do Professor.

O mestre fazia questão de evitar temas religiosos e metafísicos em sua filosofia. Mesmo assim, o confucionismo foi adotado como uma espécie de religião do Estado no período imperial. Sua influência foi prolongada e avassaladora. Na década de 1970, durante a era maoísta, no último episódio da Revolução Cultural, baseada na concepção materialista do mundo, o Partido Comunista chinês fez intensa campanha contra ele. Mas depois o reabilitou. Recentemente, na abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim, em 2008, Confúcio voltou a ser homenageado. ▶

O sábio criou metáfora que compara a estrela polar e o estadista virtuoso

“Quem governa
pela virtude é como
a estrela polar, que
permanece imóvel no
seu lugar, enquanto
todas as outras
estrelas circulam
respeitosamente
em torno dela.”





“Tudo flui assim, sem cessar, dia e noite.”

► *Os Analectos*, o único livro que se sabe com segurança ser um registro de suas ideias, reúne, como diz o título, aforismos ou pequenas sentenças. Algumas teriam sido expressas pelo próprio Confúcio, outras, por seus alunos. A obra não foi escrita diretamente pelo mestre, mas pelos discípulos e por discípulos dos discípulos. Levou quase um século até ser inteiramente composta. Apesar disso, apresenta extrema coerência. Enfatiza as virtudes que devem moldar o comportamento individual e o relacionamento em sociedade. O sábio atribuía grande importância à política, vista como uma extensão da ética. “Governo é sinônimo de honestidade”, disse. “Se o rei for honesto, como alguém ousaria ser desonesto?”

Kong Qiu era o nome verdadeiro de Confúcio, uma ocidentalização dos vocábulos chineses *Kong fuzi*, que significam mestre Kong. Ele viveu provavelmente entre 551 e 479 a.C. numa época conhecida na China como Período da Primavera e Outono. O país possuía, então, uma estrutura socioeconômica semelhante à do feudalismo

europeu. Embora governado oficialmente pela dinastia Zhou (1046-256 a.C.), encontrava-se, de fato, dividido em centenas de principados. Os Zhou exerciam seu poder apenas sobre uma pequena região, enquanto os demais príncipes gozavam de grande autonomia. O resultado era a submissão dos principados fracos aos mais fortes, guerras frequentes, barbárie e vida dura para a população.

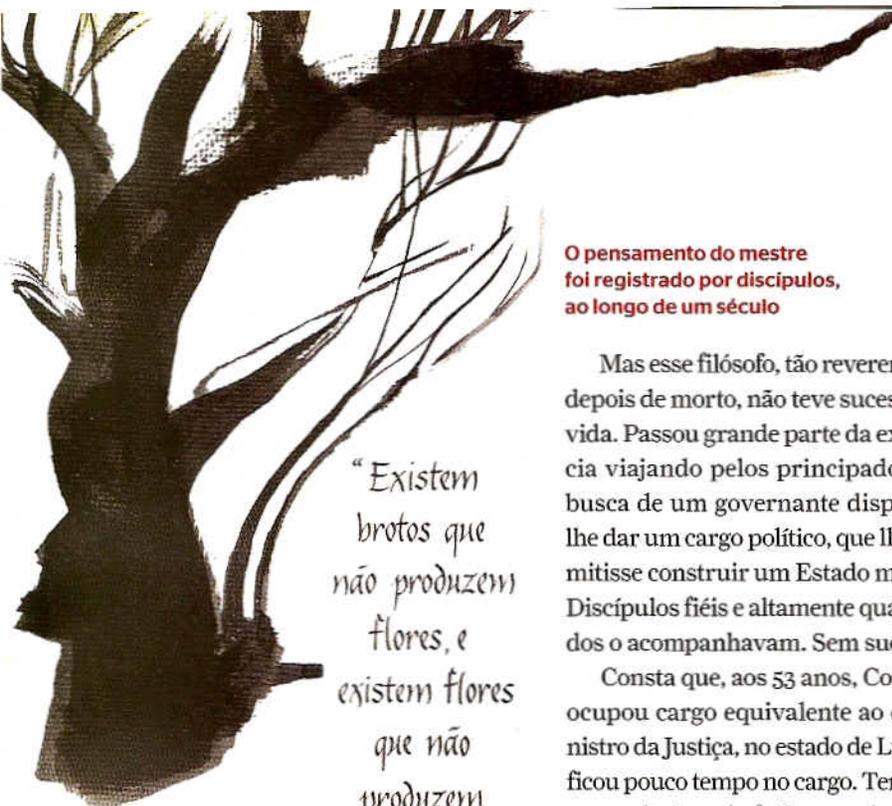
Deus dos Sonhos

Morto cinco séculos antes, Zhougong, o duque de Zhou, foi quem consolidou a dinastia, considerado o herói cultural da China. Segundo a tradição, fora ele quem anotara os 64 hexagramas do *I Ching*, o *Livro das Mutações*, utilizado como oráculo. Os chineses o chamavam de Deus dos Sonhos, porque acreditavam que ele aparecia durante o sono, sempre que alguma coisa muito importante estava para acontecer a alguém. Confúcio via nele o cavaleiro ético perfeito que idealizou. “Passou-se muito tempo desde que vi o duque de Zhou em sonho pela última vez”,

diz o mestre, em *Os Analectos*. É uma metáfora para revelar seu descontentamento com o tempo presente e sua nostalgia pelo passado.

O famoso sinólogo Simon Leys, que traduziu a obra para o inglês, afirma que, assim como os antigos Zhou afirmavam ter um mandato celestial para governar o país, também Confúcio estava convencido de que o Céu o escolhera para restaurar a ordem e salvar a civilização.

Kong Qiu nasceu em uma família da pequena nobreza empobrecida. Sua pretensão de ocupar um papel tão proeminente na política não se baseava em critério hereditário, mas no valor intelectual e moral que sabia possuir. De fato, uma das grandes novidades introduzidas por *Os Analectos* foi atribuir à palavra *junzi*, que significa cavaleiro, um valor ético em vez de social. O *junzi*, o homem ideal de Confúcio, não era um aristocrata, mas alguém que, pela educação e pela prática da virtude, havia alcançado a nobreza de caráter. Era a esse cavaleiro, por mérito e não por origem de classe ou fortuna, que cabia governar.



“Existem brotos que não produzem flores, e existem flores que não produzem frutos.”

Antes de Confúcio, o maior de seus contemporâneos, o grande sábio Laozi (Lao Tsé), já havia exaltado a virtude e feito críticas à ordem aristocrática. Mas Laozi estava menos preocupado em aperfeiçoar a política que em buscar, na natureza e em si mesmo, a própria essência da perfeição. Era um asceta contemplativo, ao passo que Confúcio possuía o temperamento do cortesão. Por isso, apesar de sua enorme importância filosófica, o taoísmo, derivado de Laozi, não marcou a política chinesa como o confucionismo.

O conceito confuciano de *junzi* exerceu uma enorme e duradoura influência, abalou o poder da aristocracia hereditária e legitimou a instauração de um governo burocrático, baseado no mérito de seus quadros. Durante mais de 2 mil anos, o império chinês seria dirigido por funcionários públicos, aprovados em concursos abertos à participação de diferentes classes sociais. Esse ideal sobrevive no valor atribuído à educação em países como a China, o Japão e a Coreia. Explica até por que, no Brasil, jovens orientais se saem tão bem nos estudos.

O pensamento do mestre foi registrado por discípulos, ao longo de um século

Mas esse filósofo, tão reverenciado depois de morto, não teve sucesso em vida. Passou grande parte da existência viajando pelos principados, em busca de um governante disposto a lhe dar um cargo político, que lhe permitisse construir um Estado modelo. Discípulos fiéis e altamente qualificados o acompanhavam. Sem sucesso.

Consta que, aos 53 anos, Confúcio ocupou cargo equivalente ao de ministro da Justiça, no estado de Lu. Mas ficou pouco tempo no cargo. Temendo seu poderio, o chefe de um principado vizinho enviou 80 bailarinas e 100 cavalos ao duque de Lu. Entretido com o presente, o governante negligenciou seus deveres. E o mestre ficou tão desgostoso com a atitude que renunciou. *Os Analectos* atribuem-lhe a metáfora da estrela polar (veja na pág. 57), imaginando-se que motivada pelo incidente.

Manipulação política

Confúcio teria sido pecuarista, escriturário e guarda-livros. Casou-se aos 19 anos, com Qi Quan, e teve com ela seu primeiro filho, Kong Li. Em *Os Analectos*, faz um autorretrato: “Aos 15 anos, orientei minha mente para aprender. Aos 30, plantei meus pés firmemente no chão. Aos 40, não tinha mais dúvidas. Aos 50, conhecia a vontade do Céu. Aos 60, meu ouvido estava sintonizado. Aos 70, sigo todos os desejos de meu coração sem transgredir nenhuma regra”. Supõe-se que morreu aos 72 ou 73 anos.

Confúcio já foi considerado extremamente conservador. E suas ideias serviram de justificativa para um sistema que pretendeu permanecer inalterado por mais de dois milênios. O conservadorismo usou e abusou do confucionismo para se legitimar.

Por isso, todos os movimentos revolucionários na China foram anticonfucianos. A parte de seu pensamento enfatizada pelo poder feudal envolve a doutrina tradicional da tríplice submissão: dos filhos aos pais, das esposas aos maridos, dos governados aos governantes. Transparece, por exemplo, nessa sentença de *Os Analectos*: “Em casa, um jovem deve respeitar seus pais; fora de casa, deve respeitar os mais velhos. Deve falar pouco, mas de boa-fé; amar todas as pessoas, mas associar-se aos virtuosos. Tendo feito isso, se ainda tiver energia disponível, que estude literatura”.

Mas é preciso relativizar as posições de Confúcio. Os aspectos mais conservadores de sua doutrina não são invenção própria, mas um patrimônio comum da cultura chinesa, pautada por lealdade familiar, respeito às autoridades e culto aos antepassados. Além disso, ao se apropriar do confucionismo, o sistema imperial chinês pegou apenas o que lhe convinha.

O núcleo da ética confuciana, baseada na cortesia (ou *Li*), é a ideia da reciprocidade, resumida na frase “Não faças aos outros o que não queres que te façam”. Os privilégios de classe, a corrupção e a coerção policial que caracterizaram o sistema imperial não são herança de Confúcio, mas ingredientes anticonfucianos por excelência. Seu propósito era fazer da boa conduta uma religião. “Se ofendes o Céu”, disse, “qualquer prece é inútil.” ●

saiba mais

A OBRA
Os Analectos, Confúcio, Martins
Fontes, 2005
R\$ 39,92*





Entrevistas sonoras

O SOM DO PASQUIM

Tárík de Souza (org.),
Desiderata,
277 págs., R\$ 39

Nas páginas do jornal *O Pasquim*, Raul Seixas e Caetano Veloso contaram que já viram disco voador. Agnaldo Timóteo e Waldick Soriano defenderam que as mulheres não deveriam trabalhar, e Chico Buarque explicou como fazia para roubar carros na adolescência. Somadas, as dez melhores entrevistas com grandes personalidades da música brasileira, agora reunidas em um único volume, traçam um belo panorama da diversidade cultural brasileira durante os anos de chumbo.

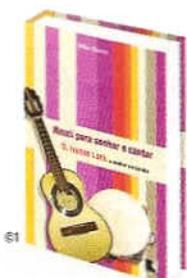


Memórias do exílio

A BUSCA

Liszt Vieira, Hucitec,
204 págs., R\$ 25

Militante ativo na luta armada contra o regime militar, o autor participou do sequestro do cônsul do Japão em São Paulo, foi preso e torturado e depois seguiu para o exílio na Argélia, em Cuba, no Chile, na Argentina e na França. Em seu relato autobiográfico, ele narra detalhes curiosos, como o período em que centenas de pessoas conviveram amontoadas na embaixada da Argentina em Santiago, no Chile — e ainda assim conseguiram fazer churrascos.

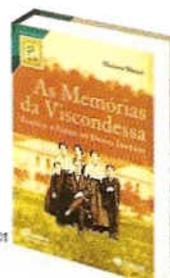


Cadência feminina

NASCI PARA SONHAR E CANTAR

Mila Burns, Record,
176 págs., R\$ 32

Órfã e pobre, Yvonne Lara batalhou para estudar enfermagem e usou o salário de assistente social a fim de sustentar a família. Para emplacar os sambas que compunha nas poucas horas vagas, pedia que um primo apresentasse as composições como se fossem dele. Foi só com mais de 50 anos de idade que ela, rebatizada Dona Ivone Lara, alcançou o sucesso como compositora. Mais que uma biografia, o texto contextualiza essa trajetória.

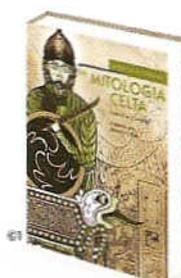


Rotina familiar

AS MEMÓRIAS DA VISCONDESSA

Mariana Muaze,
Jorge Zahar,
240 págs., 29,90

Estudos feitos a partir de objetos pessoais têm se mostrado uma forma eficaz de documentar todo o panorama histórico de um lugar e de uma época. Este trabalho é o resultado de um mergulho feito na casa e nos documentos deixados pela família do visconde e da viscondessa de Ubá, no Vale do Paraíba. Com base em fotos, livros, cartas e diários, a autora retrata o cotidiano dos barões do café em meados do século 19.



Histórias fantásticas

CONTOS E LENDAS DA MITOLOGIA CELTA

Christian Léourier,
Martins Fontes,
218 págs., R\$ 38

Gigantes de um só olho, mulheres criadas a partir de flores, anões capazes de prever o futuro, caldeirões que ressuscitam soldados mortos. Os principais personagens e objetos fantásticos da mitologia dos celtas estão aqui reunidos pelo pesquisador francês. Todas as histórias narradas por ele são baseadas nos relatos locais, coletados e preservados pelos monges que habitaram a Grã-Bretanha a partir do século 8.

BIBLIOTECA BÁSICA

Por Marçal Aquino*

PARA ENTENDER O CINEMA DO BRASIL

Três obras ajudam a acompanhar as últimas quatro décadas da produção nacional



* Marçal Aquino é roteirista dos filmes *Ação entre Amigos* e *O Invasor*

ALEGORIAS DO SUBDESENVOLVIMENTO

Ismail Xavier, Brasillense (1993)
Uma leitura preciosa de um momento doloroso e rico da cultura brasileira, a partir da comparação de *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, com filmes do período entre 1967 e 1970, como *O Bandido da Luz Vermelha*, *Macunaima* e *Matou a Família e Foi ao Cinema*.

CINEMA DE INVENÇÃO

Jairo Ferreira, Lúmiar (2000)
Uma celebração do cinema experimental e underground, sobretudo paulista, em ensaios que analisam, sempre de forma apaixonada, a obra radical de diretores do porte de Zé Agripino de Paula, João Silvério Trevisan, João Callegaro e Julio Calasso Jr.

CINCO MAIS CINCO

Carlos Diegues, Luiz Carlos Merten e Rodrigo Fonseca, Legere (2007)
Um cineasta importante e dois críticos atuantes se debruçam sobre alguns dos êxitos, tanto de público quanto de crítica, da recente filmografia brasileira, como *Cidade de Deus*, *Dois Filhos de Francisco*, *Terra Estrangeira* e *Lavoura Arcaica*.

DVD

A descoberta de uma pin-up



Menina educada em uma família extremamente religiosa do interior do Tennessee, **Bettie Page** (1923-2008) foi um dos maiores símbolos sexuais dos anos 50 do século passado. Suas fotografias, hoje lendárias, influenciaram a moda e o comportamento das gerações seguintes e fizeram dela alvo de uma investigação do Senado americano sobre pornografia. A produção resgata a trajetória da modelo (interpretada pela atriz Gretchen Mol).

Bettie Page
 Direção: Mary Harron
 Distribuição: Casablanca Filmes

A vida de um filósofo

Conhecido por produções como *Roma*, *Cidade Aberta*, o diretor italiano Roberto Rossellini (1906-1977) produziu uma série de filmes sobre grandes filósofos — entre eles, Sócrates (470-399 a.C.) e Blaise Pascal (1623-1662). Sua cinebiografia de **René Descartes** (1596-1650), produzida em 1974 e inédita no Brasil até agora, acaba de ser lançada em DVD. No filme de quase três horas, Rossellini narra a vida do filósofo francês, com ênfase no seu percurso intelectual até chegar ao famoso "penso, logo existo".



Descartes
 Direção: Roberto Rossellini
 Distribuição: Versátil

CINEMA

A infância de Gêngis Khan



Quando criança, ele foi escravo. Libertado, tornou-se um guerreiro. Ao morrer, aos 65 anos, era um dos maiores conquistadores da História. Além de focar os anos de formação de **Gêngis Khan** (1162-1227), a produção russa é cuidadosa na reconstituição de época, que rendeu uma indicação ao Oscar de melhor filme estrangeiro.

Mongol
 Direção: Sergei Bodrov
 Estreia prevista: 8 de maio

TV

TURNÊ LITERÁRIA



Em 2006, o ex-presidente americano **Jimmy Carter** organizou uma turnê para divulgar seu novo livro,

Palestine: Peace Not Apartheid ("Palestina: Paz, não Apartheid", sem edição no Brasil). O diretor Jonathan Demme, de *O Silêncio dos Inocentes*, acompanhou a viagem e entrevistou Carter, que comentou a vida de casado, a dificuldade de falar em espanhol e as lições que aprendeu de sua babá. **Jimmy Carter: Man from Plains**
 Estreia: 6 de maio, 22h, na HBO

SÃO PAULO REVELADA

Após passar por grandes cidades da América Latina, incluindo Buenos Aires e Rio de Janeiro, o programa *História Secreta* exhibe detalhes e personagens pouco conhecidos de São Paulo. Ancorado por Soninha Francine, o episódio conta a história de Amador

Bueno, que em 1640 foi aclamado rei da cidade, e a da misteriosa Casa do Grito, que faz parte do cenário do quadro *Independência ou Morte*, do pintor Pedro Américo (1843-1905). **História Secreta: São Paulo**
 Estrela: The History Channel
 Desde 14 de abril, às 22h

SITE

DUELO MILITAR

www.cpdoc.fgv.br

De um lado, o general Fernando Setembrino (1861-1947) atravessou a década de 20 pacificando rebeliões contra o governo. De outro, o tenente **Juarez Távora** (1898-1975) figurava entre os líderes de todos os grupos revoltosos. A Fundação Getúlio Vargas reúne 16200 páginas sobre os dois militares e os episódios em que eles se envolveram, como a Coluna Prestes.



EXPOSIÇÃO

ÍCONE DA MODA

Mostra homenageia Yves Saint Laurent

Um dos maiores estilistas do século 20, falecido no ano passado, é tema de uma exposição que faz um balanço de sua obra. A mostra sobre o francês Yves Saint Laurent reúne 50 figurinos de coleções suas, inspiradas em países como Espanha, Marrocos, Rússia e Índia: **croquis originais**; 20 fotos e o registro de seu último desfile, realizado em 2002. Os figurinos do estilista, criados entre 1967 e 1999, são acompanhados por mais de 240 acessórios, de braceletes e colares a chapéus e turbantes.

Yves Saint Laurent — Viagens Extraordinárias
 A partir de 26 de maio, no Centro Cultural Banco do Brasil, rua Primeiro de Março, 56, Rio de Janeiro



Guia do Estudante

SIMULADÃO 53 QUESTÕES COM RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

1º SEMESTRE 2009

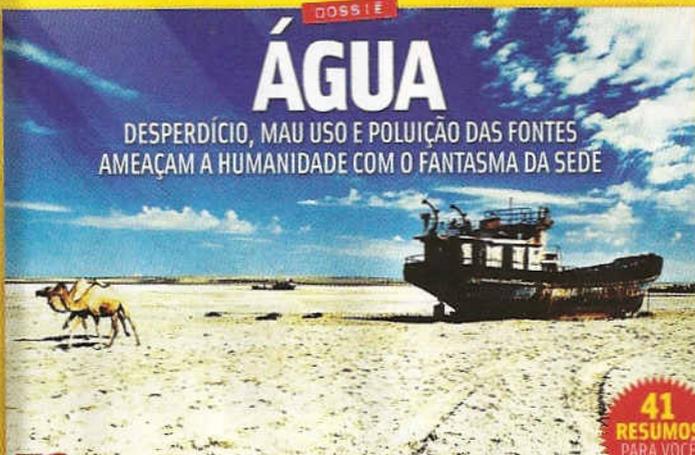
e Atualidades

VESTIBULAR + ENEM

DOSSIE

ÁGUA

DESPERDÍCIO, MAU USO E POLUIÇÃO DAS FONTES AMEAÇAM A HUMANIDADE COM O FANTASMA DA SEDE



41 RESUMOS PARA VOCÊ ESTUDAR

72 temas que caem na prova



OBAMA
GRANDE EXPECTATIVA, ENORMES DESAFIOS



CRISE ECONÔMICA
ENTENDA AS CAUSAS E AS CONSEQUÊNCIAS



FAIXA DE GAZA
A GUERRA ENTRE ISRAEL E PALESTINOS É UM DOS MAIS LONGOS CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS

e mais:

- BAIO X DA AMAZÔNIA
- REFORMA DA ONU
- CONTRASTES DO IDH
- AGRICULTURA BRASILEIRA
- DOENÇAS EM FOCO
- MURO DE BERLIM
- MIGRAÇÃO GLOBAL



PREPARE-SE

- PEQUENO MANUAL DE REDAÇÃO
- FILMES E QUADRINHOS DIVERTEM E ENSINAM
- APRENDA A LER MAPAS E GRÁFICOS: O MUNDO TODO TRABALHA PARA FABRICAR UM IPOD



JÁ NAS BANCAS

e Guia do Estudante

FALTA INFORMAÇÃO?
QUEBRE O VIDRO



“O Atualidades Vestibular 2009 explica os principais acontecimentos em curso no Brasil e no mundo. Com ele, você amplia a compreensão sobre os temas noticiados pela imprensa e reforça sua preparação para os vestibulares e o Enem.”

Inhotim

A força da arte dos séculos 20 e 21 em meio ao verde mineiro

O maior centro de arte contemporânea do Brasil fica a 60 quilômetros de Belo Horizonte, em Brumadinho, cidade mineira de 33 mil habitantes. Instalado em um parque de mata nativa, o Inhotim tem 45 hectares de jardins, alguns projetados pelo paisagista Roberto Burle Marx (1909-1994). Em meio ao verde estão dez galerias que reúnem obras de artistas nacionais como Cildo Meireles, Vik Muniz e Adriana Varejão e internacionais como Olafur Eliasson e Doris Salcedo. O espaço também promove exposições temporárias. A iniciativa é bem-sucedida: só em 2008, 100 mil pessoas visitaram o local. **DEBORAH COUTO E SILVA**

site oficial: www.inhotim.org.br

Minas Gerais



ARTE PARA SENTIR

Considerado importante para a chamada arte conceitual, Cildo Meireles é um dos artistas brasileiros de maior projeção internacional. Entre suas nove obras em Inhotim está *Através* (1983, 1989), composta por vidro e outros materiais de contenção, como telas e plástico. Tal qual o nome sugere, a instalação pode ser atravessada pelo espectador.



ILUMINADO

Um dos nomes mais comentados do momento, o dinamarquês Olafur Eliasson usa a luz como matéria-prima. De suas três obras disponíveis, destaque para *By Means of a Sudden Intuitive Realization* (1996), um iglu de fibra de vidro instalado ao ar livre.



MAGNÉTICO

Com influências que vão do barroco ao dadaísmo, Tunga utiliza conhecimentos da matemática e referências da arqueologia ao tratar a mente humana. Para isso, vale-se de materiais inusitados, como ímãs e fios trançados. De suas sete obras disponíveis, é destaque a instalação *Lezzard*.



AZULEJO CONTEMPORÂNEO

Consagrada por utilizar técnicas de pintura de azulejos, Adriana Varejão empresta seu nome a uma das galerias mais fascinantes de Inhotim. A artista também está representada por um bloco de concreto no meio do verde.

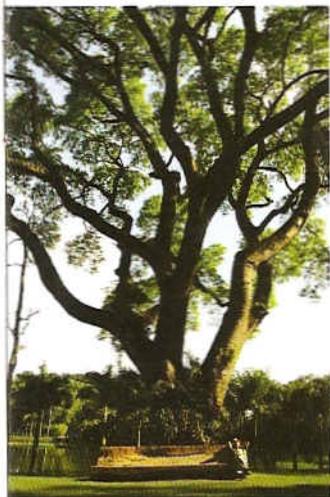
©3



POP E MUSICAL

Nome forte contemporâneo e marido da cantora Björk, o americano Matthew Barney imortalizou-se com a obra *The Cremaster Cycle*. No filme *De Lama Lâmina* (2004), recém-incorporado pelo museu, Barney aborda o carnaval de rua de Salvador.

©6



SOMBRA CONVIDATIVA

Em meio aos babaçus, macaúbas, jervás, butiás, tamareiras e outras 2 100 espécies botânicas que fazem parte do paisagismo do museu, destaca-se o centenário *Tamboril*. A árvore tem 15 metros de altura e uma sombra que convida ao descanso.

ESCULTURAS CONCRETAS

Criada por Helio Oiticica (1937-1980), a escultura *Magic Square nº 5* é um dos expoentes do movimento neoconcretista. O grupo durou apenas dois anos, de 1959 a 1961, mas o suficiente para apresentar obras marcantes, que propunham que a arte fosse mais intuitiva e menos dogmática.

©6



GIGANTES ESCARLATES

Duas grandes instalações são centradas na cor vermelha. *True Rouge* (1997), de Tunga, é um emaranhado de pérolas de vidro, fios e esponjas. E em *Desvio para o Vermelho* (1967-1984), de Cildo Meireles, tudo é rubro, até a água da torneira.

©6



NATUREZA ENCANTADA

Não há como não se encantar com uma paisagem em que a arte contemporânea literalmente se esconde entre jardins. Mas, ao redor dessa área verde, ainda existe uma reserva de mata atlântica, com 600 hectares.

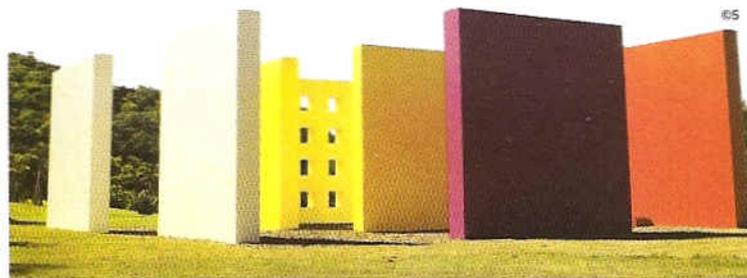
©2

MOMENTO EDUCATIVO

O instituto cultural do museu mantém o Laboratório Inhotim Brumadinho, que se destina a educar o olhar das crianças da comunidade local. Fazem parte da iniciativa oficinas com artistas plásticos e aulas de história da arte.



©4



©5



© HULTON-DEUTSCH COLLECTION/CORBIS

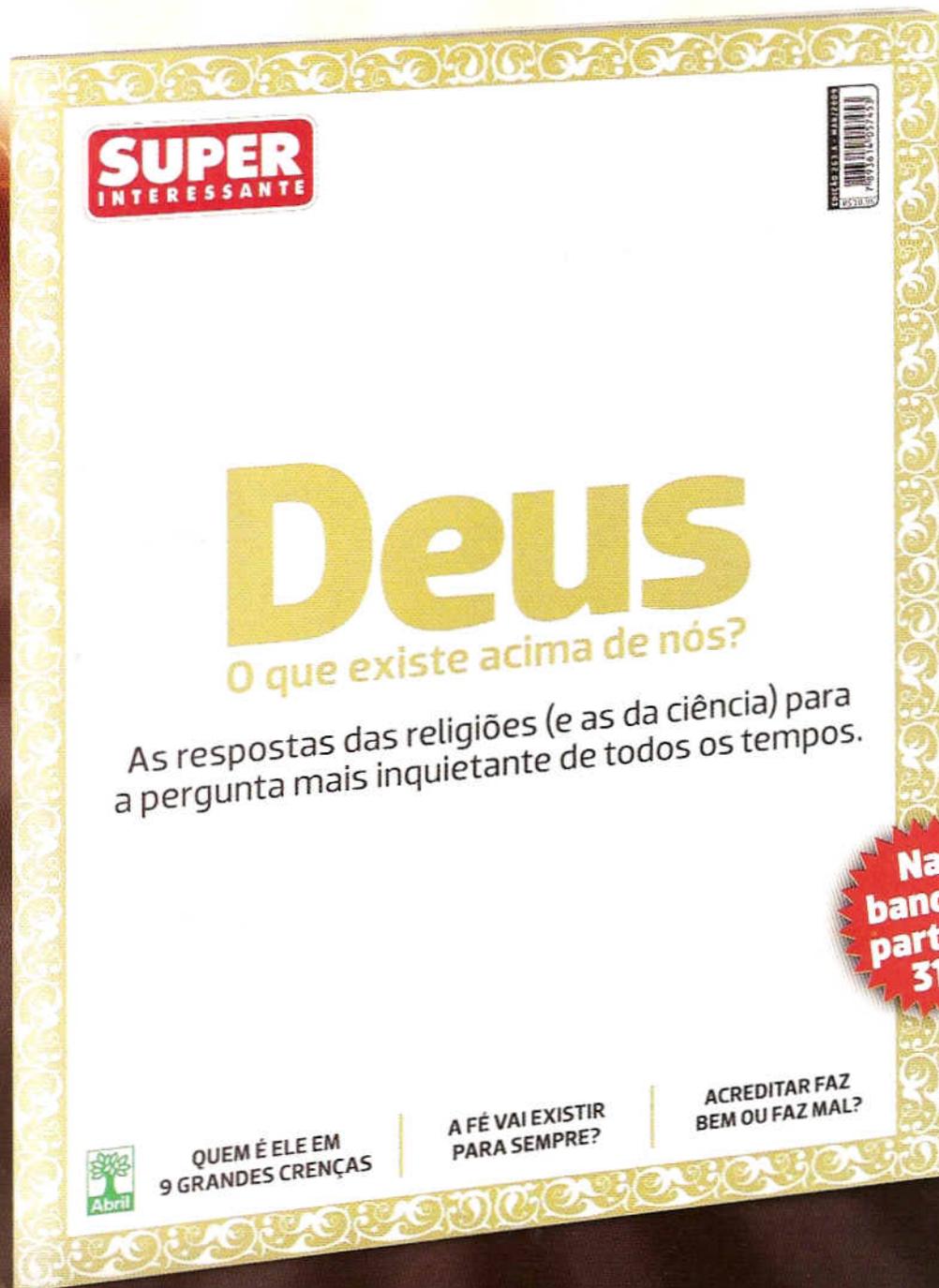
A urna ou a morte

Na intenção de atrair atenção para a causa das *sufrajettes* (mulheres europeias que lutavam pelo direito de votar), a militante fervorosa Emily Wilding Davison deu cabo da própria vida. Ela atirou-se diante das patas galopantes do cavalo que pertencia ao rei George V, na corrida de cavalos de Epsom, na Inglaterra, em 4 de julho de 1913. Sua morte repercutiu menos do que a vítima desejava. As manchetes dos jornais do dia seguinte se ocuparam do

estado de saúde do jóquei e da proeza do cavalo real, que conseguiu completar a prova. As motivações do suicídio apareceram em meio a uma vasta lista de infrações cometidas por Emily, como apedrejamento de pessoas e patrimônios públicos e incêndios a caixas de correio. No ano seguinte, com a entrada da Inglaterra na Primeira Guerra Mundial, o movimento esfriou. As mulheres só conquistaram o direito ao voto em 1928.

O mistério mais inquietante da humanidade

dinâmico



Quem é Deus? Por que acreditamos? Saiba como 9 crenças veem Deus e também o que Darwin, Einstein e Stephen Hawking já disseram a respeito do Criador. Uma edição imperdível.

SUPER
INTERESSANTE

Compre também pelo site: www.lojaabril.com.br
www.cine-master.blogspot.com

EDITORA  **Abril**

Você já pensou em
viver num Império,
numa ilha paradisíaca
a leste de Madagascar?



www.reuniao.org

IMAGINE QUE VOCÊ É UM CONDE,
MINISTRO, CONSELHEIRO OU
EMBAIXADOR, TOMANDO DECISÕES
IMPORTANTES PARA O SEU PAÍS
E SE RELACIONANDO
COM OUTRAS NAÇÕES.
CADA OPINIÃO SUA É DA MAIOR
IMPORTÂNCIA PARA A VIDA DIÁRIA DE
TODOS: VOCÊ É UMA PESSOA PÚBLICA.

**ESSE É O SACRO
IMPÉRIO DE REUNIÃO:
SEJA TUDO O QUE
VOCÊ QUER SER!**

NO MUNDO DAS MICRONAÇÕES E
MICROPAÍSES, VOCÊ TEM TUDO QUE
É POSSÍVEL IMAGINAR: GOVERNO,
JORNAIS, PARTIDOS POLÍTICOS, EMPRESAS,
HERÁLDICA, CIDADES E MUITO MAIS!
MAIS DO QUE UM JOGO, UMA COMUNIDADE
VIRTUAL, ONDE O CIDADÃO COMUM TEM
VOZ E SUA OPINIÃO É RESPEITADA POR
TODOS: AQUI, VOCÊ É QUEM MANDA.



www.reuniao.org
Um país real na Internet.

VISITE O SITE!
TORNE-SE UM CIDADÃO DE REUNIÃO! É GRÁTIS!

Apoio:

 **Sergio Castro**
IMOVEIS
A EMPRESA QUE RESOLVE.